

# MONTEIRO LOBATO: HOMEM E LIVROS

I JORNADA MONTEIRO LOBATO  
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO E  
UNIVERSIDADE JOHANNES GUTENBERG

CORNELIA SIEBER  
JOHN MILTON  
VANETE SANTANA-DEZMANN  
(organizadores)

Oxalá Editora

2020

Esta publicação foi financiada pelo *Gutenberg Lehrkolleg* (GLK),  
o colegiado da Johannes Gutenberg Universität.

TÍTULO ORIGINAL

# Monteiro Lobato: homem e livros

I Jornada Monteiro Lobato da Universidade de São Paulo  
e Universidade Johannes Gutenberg

**AUTORIA:**

Adriana Silene Vieira;  
Amaya O. M. de A. Prado;  
Emerson Tin;  
John Milton;  
Milena R. Martins;  
Nilce M. Pereira;  
Raquel Afonso da Silva;  
Sílvia Cobelo;  
Sílvia Tamasso D'Onofrio;  
Tania R. de Luca;  
Vanessa de Paula Hey;  
Vanete Santana-Dezmann.

**CAPA:**

Magno Silveira

**EDIÇÃO:**

Mário dos Santos

**IMAGEM DA CAPA:**

© Copyright Magno Silveira

© Copyright: Cornelia Sieber; John Milton; Vanete Santana-Dezmann (organizadores)

ISBN: 978-3-946277-42-2

**Oxalá** Editora

Gahmenerstr. 179  
44532 Lünen  
Deutschland  
Dezembro / 2020

[www.oxalaeditora.com](http://www.oxalaeditora.com)  
[oxalaeditora@hotmail.com](mailto:oxalaeditora@hotmail.com)

É proibida a reprodução parcial ou integral sem autorização prévia dos detentores do copyright.

## Introdução

**H**á tempos percebo a ausência da obra de Monteiro Lobato nos países que têm a língua alemã como oficial. Quase todos os principais autores brasileiros já têm ao menos um de seus livros publicado em alemão, e mesmo autores menos expressivos de nossa literatura vêm sendo traduzidos. Para modificar este cenário, no segundo semestre de 2019 tive a ideia de propor ao GLK, o Colegiado da Universidade de Mainz “Johannes Gutenberg”, onde sou professora de Tradução, um projeto em que estudantes traduziriam *Reinações de Narizinho*, tendo, assim, a oportunidade de atuar como profissionais – uma experiência única! Escolhi justamente este livro porque, além de ser um dos marcos da literatura infantil e juvenil brasileira, completa seu primeiro centenário em 2020. Para preparar o terreno em que a tradução brotaria e frutificaria, ocorreu-me a ideia de criar um pequeno evento que reunisse lobatólogos e não-lobatólogos que tivessem algo interessante a dizer sobre o autor e sua obra. Convidei, então, John Milton, professor de Tradução da Universidade de São Paulo e um dos principais pesquisadores da área, que inclusive acabara de lançar um livro sobre a relação de Lobato com a tradução, para concretizar a *I Jornada Monteiro Lobato* organizada pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP) e pela Faculdade de Tradução, Linguística e Estudos Culturais (FTSK) da Universidade “Johannes Gutenberg” (JGU), que se realizou nos dias 17 e 18 de dezembro de 2019 na FFLCH, sem verba nem para um cafezinho no intervalo, mas com a sala lotada por um público atento e participativo e mais de vinte lobatólogos, em sua maioria, experientes, que não hesitaram em dividir o espaço com os iniciantes.

Em janeiro de 2020 o projeto de tradução de *Reinações de Narizinho* foi submetido ao GLK e, em março, saiu o resultado – “Traduzindo Lobato<sup>1</sup>”, apelido do projeto, que recebeu um longo título em alemão, foi um dos selecionados para receber financiamento. Além de arcar com a produção e publicação da tradução na Alemanha, o GLK ofereceu o suporte financeiro necessário à execução do projeto e à publicação deste livro que traz as conferências apresentadas na *I Jornada*. A FTSK, tal como a FFLCH em 2019, ofereceu o espaço físico e recursos técnicos e humanos para que a *II Jornada Monteiro Lobato FFLCH/USP – FTSK/JGU* ocorresse em Gernersheim, na Alemanha, onde fica nosso *campus*. Com o cancelamento dos eventos presenciais deste ano que será inesquecível para todos nós, a *Jornada* se tornou um evento virtual, com o duplo benefício de ser transmitida mundialmente e ficar registrada para consultas posteriores.

É, pois, com prazer que agradeço ao Prof. Dr. Andreas Hildebrandt, diretor do GLK, à Profa. Dra. Cornelia Sieber, da FTSK, e ao Prof. John Milton, da FFLCH. Aproveito para agradecer os ouvintes e palestrantes da *II Jornada Monteiro Lobato* e reiterar o agradecimento aos que marcaram o início desse evento: *I Jornada Monteiro Lobato*, que foi realizada nos dias 17 e 18 de dezembro de 2019 na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo (USP). Organizada pela Profa. Dra. Vanete Santana-Dezmann (Departamento de Português e Espanhol da Faculdade de Tradução, Linguística e Estudos Culturais da Universidade Johannes Gutenberg – FTSK/JGU) e pelo Prof. Dr. John Milton (Departamento de Letras Modernas da FFLCH/USP), a Jornada era composta por 22 conferências, reunidas em 6 blocos temáticos: 1) Monteiro Lobato no Brasil, 2) Monteiro Lobato, o encantador de crianças, 3) Monteiro Lobato e a ilustração literária, 4) Monteiro Lobato no exterior, 5) Literatura e representações sociais e 6) Monteiro Lobato e seu tempo. O principal objetivo do evento foi apresentar e debater diferentes facetas do escritor paulista no ano em que sua obra entrava em domínio público.

Este livro reúne a maior parte dos trabalhos exibidos ao público naquela ocasião. Em 12 capítulos sucintos, além de uma longa “epígrafe”, participantes da *I Jornada* investigam diferentes aspectos da vida e da obra de

---

<sup>1</sup> <https://monteirolobato.fb06.uni-mainz.de/>

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), um dos mais importantes escritores brasileiros. Os capítulos foram organizados em dois eixos: “o homem” e “a obra”, que determinaram a ordem em que se apresentam. A divisão implícita serve mais como princípio norteador, visto que Lobato “é um personagem caleidoscópico, que teve forte presença não apenas no mundo das letras”, na definição precisa de Tania Regina de Luca. Poucos intelectuais brasileiros tiveram vida e obra tão entrelaçadas.

No primeiro capítulo, “Monteiro Lobato antes do Jeca Tatu”, Tania elenca alguns dos principais fatos do início da carreira do escritor, quando ele começava a colaborar em periódicos. A popularidade da personagem Jeca Tatu, retratada em artigo de 1914, no importante jornal *O Estado de S. Paulo*, marca o início da consagração de Lobato. A progressiva relevância do autor nos círculos intelectuais se mescla a seu envolvimento com as mais diversas atividades profissionais, em setores como a publicação de livros, a diplomacia e a prospecção de petróleo. Outra personagem de Lobato que se tornou emblemática de seu projeto estético, por sua vez, ancorado em ideias para o desenvolvimento do Brasil, é examinada por Amaya Prado no capítulo “Entre o culto e o popular: duplicidades do Inquérito sobre o Saci Pererê”. O sucesso do inquérito, criado por Lobato em 1917, no jornal *O Estadinho*, culminou com a publicação do livro de estreia do autor, *O saci-pererê: resultado de um inquérito*. Amaya investiga as polarizações de ideias encontradas na obra, especialmente as sociais e artísticas.

A entrada de Lobato no campo literário brasileiro se dá por meio de cartas: o artigo “Velha Praga” (1914), no qual a figura do Jeca é esboçada, teria sido enviado à seção de cartas dos leitores do jornal *O Estado de S. Paulo*; o livro *O saci pererê...* reúne cartas de participantes do inquérito sobre a personagem lendária. Durante toda a sua vida, Lobato usou cartas não apenas como prática de comunicação, mas como “poderoso meio de intervenção social”, conforme advoga Emerson Tin no terceiro capítulo, “A correspondência de Monteiro Lobato como exercício da sociabilidade”. Lobato escrevia incansavelmente a intelectuais, políticos, presidentes da República... e crianças, como atesta Raquel Afonso Silva no quarto capítulo, “O diálogo epistolar entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis”. As cartas infantis investigadas por Raquel possibilitam novos entendimentos sobre os processos de composição literária

de Lobato e seu sucesso entre crianças.

Um precioso conjunto de cartas até recentemente inéditas, enviadas por Lobato a uma escritora gaúcha, é analisado por Silvio Tamasso D'Onofrio no quinto capítulo, “Correspondência com Yaynha Pereira Gomes”. As cartas à “senhora amiga” revelam um homem que faz observações líricas sobre o inverno no hemisfério norte e comentários pitorescos sobre o “lixo rico” produzido pelos norte-americanos. Faceta muito diversa é explorada por John Milton no sexto capítulo, “Lobato e Getúlio”: a independência de Lobato como intelectual e empresário, os vários combates que empreendeu a políticas governamentais, o preço alto que pagou – da censura de livros à prisão – por se opor à ditadura do Estado Novo.

No sétimo capítulo, “Lobato e o ‘vício’ da tradução”, Vanete Santana-Dezmann analisa a importância do autor como agente cultural brasileiro, que, além de publicar e divulgar traduções, traduziu ele mesmo numerosos títulos de variados gêneros. O oitavo capítulo, “O editor Monteiro Lobato e a ficção brasileira dos anos 1920”, de Milena Ribeiro Martins, reúne dados que conferem perspectiva mais ampla para compreender as edições de obras literárias publicadas pelas empresas de Lobato em relação às de outras editoras nacionais e faz a transição para a segunda parte, que tem início no com “A apropriação dos contos de fada em Reinações de Narizinho”, o nono capítulo, em que Adriana Silene Vieira comenta como o autor se apropriou de histórias estrangeiras, dentre as quais, os contos de fada, ao compor suas narrativas infantis. Já no décimo capítulo, “A apropriação *Saci Sarará* e novidades sobre a agência de Lobato na Argentina”, Silvia Cobelo trata da produção de seu próprio livro *Saci Sarará*, “uma apropriação de Lobato”, lançado em 2019, em Buenos Aires, e também das traduções de Lobato na Argentina, além de sua atuação como agente cultural naquele país. No décimo-primeiro capítulo, “Diálogos com a modernidade e a modernização em *América*, de Monteiro Lobato”, Vanessa de Paula Hey trata do debate apresentado por Lobato no livro *América* (1932) a respeito do desenvolvimento econômico, político, social e cultural da sociedade norte-americana da década de 1930. No capítulo final, Nilce M. Pereira se volta para “Ilustradores, ilustrações e aspectos visuais em obras produzidas ou traduzidas por Monteiro Lobato”, que discute, entre outras questões, os efeitos de determinados usos de ilustrações em obras

lobatianas de diferentes épocas.

O conjunto desses trabalhos representa o que há de atual nas pesquisas sobre a vida e a obra de Monteiro Lobato. Mais ainda, representa a atualidade da obra lobatiana, que continua viva, provocando estudiosos de áreas as mais distintas, inspirando novos criadores e atraindo leitores de todas as idades. Eles ainda encontram, nos livros de Lobato, material para a ebulição de fantasias, a elaboração de conhecimentos e a forja de críticas e reflexões, conforme argumenta Gildo Magalhães dos Santos Filho ao relatar e examinar as leituras do livro infantil de Lobato por alunos do curso de Licenciatura em Geociências, Ciências e Educação Ambiental do Instituto de Geologia da USP no capítulo que se tornou uma curiosa, porquanto extensa, epígrafe: “*O Poço do Visconde: uma experiência em sala de aula de graduação*”.

*Vanete Santana-Dezmann*

## **Autoras e autores**

**Adriana Silene Vieira** (adrianasilenevieira@gmail.com) – Formada em Letras pela UNESP de Assis, Mestre e Doutora em Letras pela UNICAMP. Tem vinte anos de experiência no Ensino Superior. Atualmente atua na Universidade Paulista de São Paulo.

**Amaya Prado** (amaya.prado@gmail.com) – Graduação em Letras (UNESP-1993), mestrado pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS-2007) e doutorado pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2016). Professora efetiva da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas, MS. Atua nas áreas de Literatura infanto-juvenil e Literaturas de Língua Espanhola.

**Emerson Tin** (emerson.tin@facamp.com.br) – Doutor em Teoria e História Literária (IEL-UNICAMP). Professor de Literatura e Língua Portuguesa da FACAMP. Participou de *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra infantil* (Prêmio

Jabuti – Teoria e Crítica Literária / melhor livro do ano – não ficção) e *Monteiro Lobato, livro a livro: Obra adulta*. Integra a Consultoria Técnica da FTD para reedição das obras de Lobato.

**Gildo Magalhães** (gildomsantos@hotmail.com) – Professor Titular, Departamento de História, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, e Diretor do Centro de História da Ciência, da Universidade de São Paulo.

**John Milton** (jmilton@usp.br) – Formou-se em Literatura Inglesa e Espanhol na Universidade de Wales (Swansea) em 1978. Fez seu mestrado em Linguística Aplicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP-1986) e seu doutorado em Literatura Inglesa pela Universidade de São Paulo (USP-1990). Atualmente, é Professor Titular em Estudos da Tradução na FFLCH-USP. Pesquisa, na área de tradução literária, a sociologia e a história da tradução no Brasil, bem como tradução e adaptação. Completou sua Livre Docência em 1999 e tornou-se Professor Titular em 2012. Foi coordenador dos cursos de Mestrado e Doutorado do Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (TRADUSP-FFLCH-USP) de 2002 a 2015. É autor e tradutor de vários títulos. Publicou, em 2019, o livro *Um país se faz com tradutores e traduções: a importância da tradução e da adaptação na obra de Monteiro Lobato*, pela editora Martins Fontes – selo Martins.

**Milena Ribeiro Martins** (milenam@hotmail.com) – Professora do Departamento de Literatura e Linguística da Universidade Federal do Paraná. Pesquisadora de Literatura Brasileira, especialmente da obra de Monteiro Lobato. Fez doutorado na Universidade Estadual de Campinas (2003) e Pós-Doutorado na Universidade de São Paulo (2016).

**Nilce M. Pereira** (nm.pereira@unesp.br) – Docente do DLM/IBILCE/UNESP, nas áreas de literatura inglesa, estudos da tradução e estudos da imagem. Interesses de pesquisa: estudos descritivos/historiografia da tradução; (tradução de) literatura infantil e juvenil; quadrinhos e narrativas gráficas; relações entre verbal e visual em obras literárias – também pela perspectiva dos estudos tradutológicos e da adaptação.

**Raquel Afonso** (afonso.raquel@gmail.com) – Doutora em Teoria e História Literária pela Unicamp, pós-doutora em Literatura Brasileira pelo IEB-USP. Desenvolveu, no doutorado e no pós-doutorado, trabalho com fontes primárias, em especial, a correspondência de escritores infantojuvenis, entre os quais, Monteiro Lobato. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando, principalmente, nos seguintes temas: correspondência, arquivos pessoais, literatura infantojuvenil, leitores e leitura.

**Silvia Cobelo** (silvia.cobelo@alumni.usp.br) – Escritora, tradutora e pesquisadora sênior em três grupos de pesquisa registrados no CNPq, estudou reescrituras do *Quixote* em seu mestrado (traduções) e doutorado (adaptações); estuda agora adaptações intersemióticas cervantinas em seu pós-doutorado, na mesma FFLCH-USP. Estuda Lobato desde 2010, e sua adaptação *Dom Quixote das Crianças*, a mais publicada no Brasil, e primeira obra infantil traduzida ao espanhol, única a ser retraduzida na Argentina.

**Silvio Tamaso D’Onofrio** (opeltrezero@gmail.com) – Mestre e doutor pela Universidade de São Paulo, pesquisa nas áreas de História Intelectual e da Cultura, Epistolografia, Arquivos e Humanidades Digitais. Em âmbito nacional e também internacional: possui artigos e capítulos publicados, integra comitês editoriais e é parecerista “ad hoc”.

**Tania Regina de Luca** (tania.luca@unesp.br) – Professora Livre-Docente dos cursos de graduação e pós-graduação em História da Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis). Desenvolve pesquisas na área de História da imprensa e dos intelectuais, temas sobre os quais publicou, livros, artigos e capítulos. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

**Vanessa de Paula Hey** (vani\_de\_paula@hotmail.com) – Mestranda da Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e licenciada em Letras Português/Inglês pela mesma Universidade. Desde a graduação, dedica-se ao estudo da obra lobatiana. Atualmente, desenvolve pesquisa sobre a modernidade, a modernização e o Modernismo na obra *América* (1932).

**Vanete Santana-Dezmann** (vasantan@uni-mainz.de) – Professora de Tradução na Universidade de Mainz “Johannes Gutenberg”, na Faculdade de Tradução, Linguística e Estudos Culturais; consultora da Hessische Lehrkraftakademie no exame para tradutor juramentado de Língua Portuguesa; coordenadora voluntária das atividades de cultura brasileira da Volkshochschule de Neuss e autora do livro *Hy Brasil – A construção de uma nação*, que traz o resultado de sua pesquisa de doutorado sobre as adaptações de *Warhaftige Historia*, de Hans Staden, feitas por Monteiro Lobato no contexto da formação da identidade nacional brasileira.

# ÍNDICE

<b>Introdução .....</b>	<b>3</b>
<i>Vanete Santana-Dezmann</i>	
<b>Mais que uma epígrafe... <i>O Poço do Visconde:</i> uma experiência em sala de aula de graduação: .....</b>	<b>13</b>
<i>Gildo Magalhães dos Santos Filho</i>	
<b>I Monteiro Lobato antes do Jeca Tatu.....</b>	<b>21</b>
<i>Tania R. de Luca</i>	
<b>II Entre o culto e o popular: Duplicidades do Inquérito sobre o Saci Pererê, Monteiro Lobato .....</b>	<b>31</b>
<i>Amaya O. M. de A. Prado</i>	
<b>III A correspondência de Monteiro Lobato como exercício da sociabilidade.....</b>	<b>39</b>
<i>Emerson Tin</i>	
<b>IV O diálogo epistolar entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis .....</b>	<b>51</b>
<i>Raquel Afonso da Silva</i>	
<b>V Correspondência com Yaynha Pereira Gomes.....</b>	<b>61</b>
<i>Silvio Tamaso D'Onofrio</i>	
<b>VI Lobato e Getúlio.....</b>	<b>71</b>
<i>John Milton</i>	
<b>VII Lobato e o “vício” da tradução .....</b>	<b>85</b>
<i>Vanete Santana-Dezmann</i>	

<b>VIII O editor Monteiro Lobato e a ficção brasileira dos anos 1920 .....</b>	<b>97</b>
--	-----------

*Milena R. Martins*

<b>IX A apropriação dos contos de fada em <i>Reinações de Narizinho</i> .....</b>	<b>107</b>
---	------------

*Adriana Silene Vieira*

<b>X A apropriação <i>Saci Sarará</i> e novidades sobre a agência de Lobato na Argentina .....</b>	<b>113</b>
--	------------

*Silvia Cobelo*

<b>XI Diálogos com a modernidade e a modernização em <i>América</i>, de Monteiro Lobato.....</b>	<b>125</b>
--	------------

*Vanessa de Paula Hey*

<b>XII Ilustradores, ilustrações e aspectos visuais em obras produzidas ou traduzidas por Monteiro Lobato .....</b>	<b>137</b>
---	------------

*Nilce M. Pereira*

## Mais que uma epígrafe... *O Poço do Visconde*: uma experiência em sala de aula de graduação

Prof. Dr. Gildo Magalhães dos Santos Filho

**N**a Universidade de São Paulo, a disciplina obrigatória de História da Ciência é oferecida desde 2015 pelo Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras para o Curso de Licenciatura em Geociências, Ciências e Educação Ambiental do Instituto de Geologia.

Nesta época, para uma aula da ementa intitulada “O petróleo entre velhas e novas controvérsias”, escolhi para leitura e apresentação em seminário, seguida de discussão, a obra já clássica de Gabriel Cohn, *Petróleo e Nacionalismo*, que discute os antecedentes da busca pelo petróleo até a criação da Petrobrás, mostrando os embates do grupo nacionalista contra os que defendiam a entrega indiscriminada desse produto essencial aos grupos internacionais<sup>2</sup>. A experiência mostrou que o livro em questão, embora seja ricamente documentado e bastante esclarecedor, era considerado pelos alunos difícil de ser seguido por quem não fosse de ciências humanas, como no caso em questão.

Tendo em vista essa dificuldade, foi feita uma experiência diferente e, a partir de 2018, a leitura para o seminário do mesmo tema ficou sendo *O Poço do Visconde*, de Monteiro Lobato, livro que tem como subtítulo *Geologia para as crianças*, originalmente publicado em 1937<sup>3</sup>. Nos primeiros capítulos da obra, Lobato apresenta de forma lúdica e excepcionalmente didática algumas noções fundamentais de geologia geral. A ênfase é para explicar as condições

<sup>2</sup> COHN, Gabriel. *Petróleo e nacionalismo*. São Paulo: Difel, 1968.

<sup>3</sup> LOBATO, Monteiro. Minhas referências são retiradas de Obras Completas. Primeira Série, Literatura Geral, 13 vol.; Segunda Série, Literatura Infantil, 17 vol. (São Paulo: Brasiliense, 1958).

geológicas consideradas necessárias para a formação do petróleo, enfatizando a importância de seu aproveitamento energético, teses que são expostas num contexto cuja ideologia de base é o desejo de desenvolvimento econômico da nação brasileira para superar seu atraso, evidente perante o cotejo com as nações mais industrializadas do planeta.

A narrativa lobatiana se desenvolve em meio a um enredo que, após a sequência de informações e conceitos geológicos, torna-se ficcional, dirigida para a busca do que seria o primeiro poço petrolífero brasileiro, ao mesmo tempo em que se insere num ambiente histórico de muita verossimilhança com a realidade brasileira de então<sup>4</sup>. Apesar da descrença de muitos até as décadas de 1930-40 quanto à possibilidade de ocorrência de petróleo no subsolo brasileiro, inclusive das esferas governamentais, Lobato permaneceu um arauto teórico e prático dessa pesquisa, que começou a se concretizar com a descoberta na Bahia, em 1939, do primeiro poço a permitir o aproveitamento comercial da jazida. Deve-se ainda registrar que a criação dos primeiros cursos de geologia no Brasil foi motivada justamente pela necessidade de pesquisar a ocorrência do petróleo. A disseminação do conhecimento do subsolo brasileiro viria subsequentemente ampliar em muito a capacidade de projetar estradas e todo tipo de construções civis que permitiram o desenvolvimento da engenharia nacional<sup>5</sup>.

Ao ministrar História da Ciência em curso universitário de ciências naturais, a utilização de um livro classificado como pertencendo à literatura infantil poderia suscitar algumas dúvidas de adequação, mas, da prática dessa iniciativa, têm advindo resultados interessantes, como se apresenta a seguir.

Uma conclusão que logo se impõe é que um bom número de alunos não faz ideia do conjunto de obras literárias de Monteiro Lobato, nem de sua importância como tradutor e editor. Não há uma lembrança imediata da famosa frase sua de que “um país se faz com homens e livros” e as gerações

---

<sup>4</sup> CHIARADIA, Kátia, “O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade” mostra como a correspondência de Lobato com um engenheiro de perfuração, seu companheiro em empresa de petróleo, é utilizada no livro infantil. Cf. LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro. Obra infantil*. São Paulo: UNESP, 2009.

<sup>5</sup> Para uma descrição da história da criação dos cursos de geologia, vide PEYERL, Drielli. *O petróleo no Brasil. Exploração, capacitação técnica e ensino de geociências, 1864-1968*. São Bernardo do Campo: UFABC, 2017.

atuais, em geral, desconhecem a biografia de Monteiro Lobato ou sua literatura para adultos, bem como sua atuação como empreendedor nacionalista. A maioria foi exposta unicamente à obra infantil e mesmo isto tem se dado principalmente através das versões pasteurizadas e tantas vezes inócuas da televisão contemporânea. Conhecem de Lobato as adaptações simplistas e adulteradas do “Sítio do Pica-pau Amarelo” mais recentes da Rede Globo de Televisão. Quase ninguém teve acesso à versão original e criativa feita pelo casal Tatiana Belinky e Júlio Gouveia para a antiga TV Tupi, que foi ao ar entre 1952 e 1963.

Não deixa de ser preocupante que haja alunos da mais prestigiada universidade brasileira que tenham esperado até chegar num curso universitário para ter a oportunidade de conhecer o projeto de nação desenhado pelo escritor Monteiro Lobato. Em *O poço do Visconde*, talvez mais ainda do que dentro do mesmo tema da independência econômica tratado em seus livros antecessores para adultos, como *Ferro* (1931) e *O escândalo do petróleo* (1936), Lobato tocou fundo em questões que ainda hoje continuam sendo capitais para a economia política de um país como o nosso.

Tampouco é do conhecimento dos alunos que Monteiro Lobato se esforçou por entender as raízes do atraso econômico e cultural da nação brasileira. De acordo com uma opinião difundida principalmente nas classes dominantes desde o tempo do Império, os imigrantes europeus seriam os mais adequados para o trabalho agrícola, uma vez que sua índole seria mais favorável ao trabalho diligente do que os escravos ou, após a abolição, os ex-escravos e seus descendentes. Em meio a teorias racistas e eugenistas, além de trazerem conhecimentos mais avançados para essas tarefas, os trabalhadores vindos da Europa ajudariam a “branquear” a população<sup>6</sup>.

Lobato, no entanto, mais tarde mudou completamente de convicção, concluindo que o estado de apatia do trabalhador agrícola brasileiro era devido a uma praga endêmica: a doença do amarelão. Este é o nome popular da ancilostomose, que é uma infecção causada por parasitas que aderem ao intestino e causam anemia, diarreia, mal-estar e febre, sintomas que se se traduzem

<sup>6</sup> DOMINGUES, Heloisa Maria B.; SÁ, Magali R. “Controvérsias evolucionistas no Brasil do Século XIX”. In: Domingues, H., Sá, M.; Glick, T. (Orgs.). *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003; STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

num comportamento aparentemente indolente, agravado pela desnutrição e má higiene. Por isso, Lobato começou a favorecer medidas de saúde pública e endossou essa parte da eugenia difundida amplamente por médicos da época. Em seu livro *O problema vital* (1918), ele expressa alívio pelos brasileiros não serem “naturalmente” preguiçosos, o que marcou o ponto de virada em sua escrita sobre o assunto. *O problema vital* argumentava que seus compatriotas estavam doentes e abandonados pelas elites políticas, em vez de serem improdutivos como resultado de um fatalismo biologicamente herdado<sup>7</sup>.

Não ocorreu para os que defendiam as ideias de uma inferioridade nata dos trabalhadores nascidos no Brasil que estes eram analfabetos e não tinham conhecimento das técnicas agrárias porque não havia um sistema educacional promovendo o objetivo de capacitá-los. Lobato entendeu bem essa contradição e, após também ter trilhado o caminho que se apoiava na eugenia médica, Lobato mudou ainda mais de perspectiva e passou a considerar como solução para esses problemas o desenvolvimento econômico<sup>8</sup>. Dirigiu uma campanha para diminuir o analfabetismo e dedicou seu empreendedorismo editorial para publicar livros de boa qualidade e preços acessíveis nas décadas de 1930 e 1940, conseguindo, assim aumentar a circulação de livros no país.

O outro obstáculo enfrentado para que a população como um todo experimentasse o desenvolvimento econômico era o estágio atrasado da industrialização no Brasil. De acordo com um ponto de vista defendido por muitos, e que permaneceu relativamente dominante pelo menos até a década de 1940, o país deveria concentrar esforços em sua “vocação agrária”, reforçada pela maior produtividade trazida pelos imigrantes que trabalhavam em fazendas de café, o carro-chefe da exporta o brasileira.

  interessante como Lobato percebeu que as editoras eram um setor também industrial, que dependia de forte moderniza o do parque de máquinas para confec o de livros. Dedicou-se por mais de duas décadas

---

<sup>7</sup> LIMA, Nísia; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanit rista da Primeira República”. In: MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.

<sup>8</sup> Lobato pode ser analisado em conjunto com S lvio Romero e Euclides da Cunha, em seus esforços para interpretar o Brasil do ponto de vista social. Cf. MAGALHÃES, Gildo, “Evolution in the Backlands”. In: JONES, Jeannette Eileen; SHARP, Patrick (Eds.). *Darwin in Atlantic Cultures. Evolutionary visions of race, gender and sexuality*. London-New York: Routledge, 2010.

e se tornou um grande empresário editorial, importando e investindo nas instalações da Companhia Editora Nacional, mas mesmo seu grande sucesso nessa área não o impediu de continuar a luta pelo petróleo nacional, o que lhe valeu ir para a prisão no primeiro período presidencial de Getúlio Vargas.

Há um espanto quando os alunos de graduação do curso já referido se deparam com esses aspectos da biografia de Lobato e quando conhecem pela leitura o conteúdo de *O poço do Visconde* original.

Do ponto de vista do subtítulo do livro, “Geologia para as crianças”, confirmei com professores do Instituto de Geociências da Universidade de São Paulo que o texto que trata de conhecimentos geológicos ainda permanece correto e útil, sem necessidades de maiores alterações de cunho científico. Como testemunharam os alunos, essa parte – que compreende os sete primeiros capítulos e é composta por cinco serões teóricos e duas “aulas de campo” - está escrita em linguagem simples, sendo adequada para crianças (e adultos). Há ainda ao longo do livro uma história resumida das técnicas então conhecidas para perfuração de poços de petróleo e considerações ainda muito atuais sobre a importância de um país ter uma frota de navios petroleiros, ilustrada pela comparação entre os EUA e a Grã-Bretanha, competição ganha pelos primeiros no início do século XX.

A meu ver, as principais conclusões atingidas nas discussões com alunos na USP, a partir dos seminários utilizando o livro de Lobato, foram as seguintes:

- A defesa de uma ideia de progresso e de autonomia da nação brasileira presentes no livro é plena de significado num Brasil contemporâneo tomado, a partir da década de 1990, pela onda de neoliberalismo e globalização, em que predomina a confiança cega nas leis do mercado e em que o sentimento de nacionalidade é frequente e equivocadamente associado com uma ideologia política conservadora de direita, como a da ditadura militar de 1964-1985. A construção de uma nação assentada no conhecimento da língua (gramática) e das ciências humanas (história e geografia) e exatas (aritmética e ciências naturais) fica evidente nos demais escritos infantis de Lobato – *Emília no país da gramática*, *Aritmética da Emília*, *História do mundo para as crianças*, *Geografia de Dona Benta*, *Serões de Dona Benta*, *História das invenções*. Sua ideologia,

voltada para o progresso, pressupunha que este era algo desejável, mas que tinha de ser conquistado pela população com seu esforço para adquirir conhecimento, e que nunca deveria ser tido como dogmático. Aliás, o progresso técnico está aberto a críticas e é visto com um grão de sal por Lobato e pelos vários personagens que compõem o Sítio do Picapau Amarelo.

- Outro ponto frisado foi a astúcia das multinacionais e dos governos estrangeiros, que está bastante exposta no livro, mostrando como esses interesses são capazes de se inserirem tanto nos círculos oficiais quanto nas iniciativas individuais e de contrariarem os esforços nacionais para pesquisa de petróleo. Ressalva-se no final a *entente cordiale* adotada por Lobato, que opta pelo arrependimento, expresso pelos técnicos norte-americanos infiltrados no Sítio com o pretexto de ajuda especializada, sendo perdoadas suas tramoias e sabotagens contra os brasileiros, já que estes vencem no final, graças à sua esperteza e autoconfiança.
- A desconfiança constante de Lobato com relação ao governo e à sua burocracia, bem como sua fé no *self-made man* estão evidentes, e isto tem servido como mote para discussão em classe de qual deve ser o papel do Estado na nação. Esse ponto permite muitos debates, tendo em vista o enorme déficit social do Estado brasileiro em itens relevantes, como educação, saúde pública, transportes e outros itens de infraestrutura, principalmente após se iniciar a destruição das poucas conquistas sociais, como tem acontecido nos últimos mandatos presidenciais.

*O poço do Visconde* se insere, portanto, numa série de obras infantis em que Monteiro Lobato expressa sua confiança na ciência e sua esperança na possibilidade de progresso que ela pode proporcionar, seja de forma bastante lúdica, como em *Viagem ao Céu* (com noções de astronomia e o desafio à ciência estabelecida), ou *A Chave do Tamanho* (uma forma interessante de abordar a ciência das proporções e da resistência dos materiais, tema particularmente desenvolvido por Galileu em sua obra *As duas novas ciências*), ou ainda de forma mais “séria” em *História das Invenções* (história do progresso das técnicas) e *Serões de Dona Benta* (lições de ciências naturais).

Esses livros não deveriam ser considerados apenas como “paradidáticos” – eles certamente o são em certa medida –, mas sim como formadores de mentalidade, profundamente ideológicos – no bom sentido da palavra (pois que há um bom sentido para “ideologia”) –, pensados com o objetivo de formar brasileiros cidadãos e com um caráter apaixonado pelo conhecimento e por seu progresso.

Um resultado desta experiência de ensino atingido até agora que me parece relevante é o fato de que vários alunos da disciplina ficaram interessados em ler a obra original (e não suas adaptações) e, ao mesmo tempo, poder refletir sobre as questões sociais e econômicas da história da técnica. É oportuno registrar, ainda, que vários desses alunos já dão ou irão dar aulas no Ensino Fundamental e Médio e que alguns estão fazendo uma segunda graduação. Desta forma, há neles um potencial de influenciar novas gerações, motivando-as para ler livros impressos, e não ficar apenas dependendo de *internet* ou televisão, enfim pensar com suas próprias cabeças.

Costumo também incentivar os alunos para que o debate sobre o progresso possa continuar ao longo de vários eixos, citando como exemplo este trecho do capítulo VII de *História das Invenções*:

O berreiro de hoje contra a máquina chega a ser grotesco: porque a máquina é a forma concreta do que chamamos progresso, e progresso quer dizer caminhar para a frente. Ora, como nada para no mundo, como tudo marcha – havemos de ter cada vez mais máquinas.

Em outro livro, *A chave do tamanho*, Lobato leva Emília a deduzir, ao final de seu experimento com a mudança de escala dos seres, que é menos importante vencer do que fazer uma tentativa – melhor cometer um erro do que não fazer nada, pois é também através de erros que a evolução avança<sup>9</sup>. Este pensamento está em consonância com conclusões da história da ciência que enfatizam a necessidade de conhecer os insucessos talvez mais do que os próprios acertos. Possivelmente, esta seria também uma autoavaliação de Lobato quanto à sua vida: o que importa é desenvolver a consciência crítica das pessoas, para que se possa encontrar uma direção e significado para a existência.

---

<sup>9</sup> COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil / juvenil*. São Paulo: Ática, 1991. Vide também LAJOLO, Marisa. *Monteiro Lobato, um brasileiro sob medida*. São Paulo: Moderna, 2000.



# CAPÍTULO I - Monteiro Lobato antes do Jeca Tatu

*Profa. Dra. Tania Regina de Luca*

**M**onteiro Lobato é um personagem caleidoscópico, que teve forte presença não apenas no mundo das letras. O jornalista e empresário do ramo gráfico, Nelson Palma Travassos, ao evocar o amigo, muitos anos após o seu falecimento, decidiu intitular seu livro *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*<sup>10</sup>. De fato, a escolha não poderia ser mais adequada, uma vez que as múltiplas facetas de Lobato não permitem rotulá-lo de maneira simples, como se sua atuação tivesse sido linear, desprovida de contradições e independente do momento e dos interesses em jogo. É justamente essa complexidade que fascina e que torna Lobato um tema apaixonante, sempre aberto a novas interpretações e que não dá mostras de perder a vitalidade com o decorrer do tempo.

Sem pretensão de exaustividade, pode-se mencionar o Lobato escritor para adultos, criador dos incômodos personagens Jeca Tatu, elevado à categoria de símbolo da nacionalidade, e Zé Brasil, vítima do sistema fundiário do país; o escritor para crianças, que povoou a infância de várias gerações com as aventuras dos personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, primeiro por meio dos livros e, depois, por meio das adaptações para o rádio e a televisão; o tradutor voraz; o proprietário, a partir de 1918, de uma das principais publicações literárias e culturais do início do século XX, a *Revista do Brasil* (São Paulo, 1916-1925), ponto de partida para a organização de sua editora, que introduziu novas práticas no mercado livreiro, e o publicista, que se envolveu na companhia em prol do saneamento e do voto secreto nos anos 1920; o crítico de arte que entrou em rota de colisão com propostas

---

<sup>10</sup> TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974.

estéticas modernistas; o defensor da produção do ferro e da exploração do petróleo, engajamento que, em 1941, rendeu-lhe meses de prisão durante o Estado Novo (1937-1945) e o transformou em paladino do desenvolvimento nacional.

Seu nome também esteve associado à Companhia Editora Nacional, que ajudou a fundar em 1925, e à Editora Brasiliense, para a qual se transferiu em 1945 e cuja proposta se ancorava na venda de coleções de livros à prestação, prática inaugurada com as Obras Completas de Monteiro Lobato. A sua produção ficcional adulta e infantil, aliada ao comprometimento com os dilemas do seu tempo, asseguram-lhe lugar dos mais destacados entre aqueles que se propuseram a compreender e formular projetos para o Brasil.

Dois registros, de natureza diversa, fornecem a medida de sua importância. Em 1937, ele foi “o maior best-seller, com 1,2 milhão de exemplares de livros e traduções sob sua responsabilidade, ou seja, mais de metade dos 2,3 milhões de exemplares impressos pela Companhia Editora Nacional e sua sucursal, a Editora Civilização Brasileira”.<sup>11</sup>

Ao falecer, em 4 de julho de 1948, inúmeros leitores e admiradores anônimos prestaram-lhe a última homenagem, como registrou um jornal paulistano:

Realizou-se ontem, às 15 horas, no cemitério da Consolação, o sepultamento de Monteiro Lobato, saindo o féretro da Biblioteca Municipal. Seus restos foram carregados até a última morada por seus amigos e admiradores, acompanhados por incalculável multidão. As ruas nas proximidades da Biblioteca tiveram o trânsito interrompido cerca de trinta minutos, tal a massa humana que se formou para acompanhar os funerais (...). Enquanto os restos de Monteiro Lobato seguiam para o cemitério da Consolação, pela rua do mesmo nome, grande número de pessoas comprimia-se a entrada daquele campo santo, notando-se homens, mulheres, velhos e crianças que ali permaneciam para a derradeira homenagem... Quando chegou o corpo de Monteiro Lobato, a multidão entoou o hino nacional.<sup>12</sup>

---

<sup>11</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 146.

<sup>12</sup> Morreu Monteiro Lobato, o criador do *Jeca* e da *Menina do Narizinho Arrebitado*. *Folha da Manhã*, São Paulo, ano 25, n. 7441, p. 4, 6 jul. 1948.

## Construção de si

A ativa participação de Lobato em diferentes setores não poderia deixar de gerar tensões e inimizades. Se, como se viu, os livros que escreveu e os que traduziu eram um sucesso em termos de mercado, isso não implicava, necessariamente, que desfrutasse da mesma acolhida no campo literário dos anos 1930, já dominado pela estética modernista, e tampouco que contasse com a simpatia do governo de Getúlio Vargas, que o tinha como um crítico bastante impertinente. O regime, aliás, esforçou-se em tentar silenciá-lo, fosse pelo controle que exercia sobre os órgãos de imprensa, fosse pelo seu encarceramento.

Não admira, portanto, que Lobato se preocupasse não apenas em apresentar sua versão dos fatos, como também investisse na construção da imagem que gostaria de legar para a posteridade. É sintomático que date de 1943, quando seu sonho em prol do ferro e do petróleo já havia se esvanecido, a decisão de publicar as cartas trocadas desde os tempos da Faculdade de Direito com o escritor mineiro Godofredo Rangel. A data não é aleatória; este foi o ano do jubileu do seu primeiro livro, *Urupês*, um grande sucesso de público, efeméride comemorada pela Companhia Editora Nacional com a chamada edição ônibus, um volume que continha *Urupês*, *Cidades mortas*, *O macaco que se fez homem*, além de excertos de outros livros e textos avulsos. Sublinhe-se o sentido político das homenagens, uma vez que celebrar o escritor era uma maneira indireta de atacar o regime ditatorial em vigor, que o encarcerara em 1941 e que o impedia de tomar a palavra no espaço público.<sup>13</sup>

A ideia de publicar a correspondência não o seduzia, tanto que registrou, em várias oportunidades, o quanto o desagradava ver trechos da mesma difundidos em jornal, pois, como sentenciou a uma amiga, “Ora, carta é intimidade. É regabofe de bebedeira – bebedeira de liberdade de sermos o que somos sem dar contas a espectadores”.<sup>14</sup> É muito provável que a conjuntura o tenha feito rever a postura, defendida em outras oportunidades, inclusive nas cartas dirigidas ao próprio

---

13 Sobre o tema, ver: LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: estratégias de poder e autor representação n'A *barca de Gleyre*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 139-162.

14 Apud: NUNES, Cassiano. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: s/e, 1983, p. 12.

Rangel. O volume, datado de 1944 e intitulado *A barca de Gleyre*, era apresentado como um testemunho involuntário, o que só fazia aumentar a sua legitimidade e fidedignidade, afinal, o que lá estava era fruto de uma amizade, pacientemente tecida ao longo de quarenta anos. Tais características contribuíam para aumentar o significado da obra enquanto estratégia para compor a autorrepresentação que o escritor desejava projetar acerca de si mesmo.

É significativo que, na pequena nota que antecede as cartas, Lobato declare: “o gênero *carta* não é literatura”, sob o argumento de que a literatura “é uma atitude – a nossa atitude diante desse monstro chamado Público”. Contrapôs a carta ao gênero memórias, esse sim literário por implicar uma atitude: o memorialista “pinta-se ali como quer ser visto pelos pósteros”, afirmação que desautorizava tomar as cartas como registro autobiográfico. Depois de insistir que missiva não passava de conversa entre amigos, confessava sua intervenção, ou seja, a atitude que julgava típica do texto literário: “Tenho sérias dúvidas sobre se estou ainda vivo – e se as cartas saírem com a minha revisão de semivivo, apresentar-se-ão podadas de muitas inconveniências que um semimorto já não subscreve”.<sup>15</sup> Não restam dúvidas, portanto, a respeito da extensão da ação de Lobato sobre sua correspondência, que apresentou ordenada e escoimada de tudo o que julgou inapropriado, num esforço consciente de editar a própria vida. Após a sua morte, dois outros volumes, intitulados *Cartas escolhidas*, foram incorporadas às suas obras completas, com seleção e notas do biógrafo, que, aliás, ele próprio escolhera, Edgard Cavalheiro. Na nota introdutória do primeiro volume, o organizador alertava os leitores para o fato de a amostra publicada estar “(...) longe de representar um décimo da sua produção no gênero”, enumeração que já aponta as limitações das fontes: Lobato preparou cuidadosamente as cartas divulgadas em vida e coube a Cavalheiro fazer suas próprias escolhas após 1948<sup>16</sup>.

## Promotor e fazendeiro

A despeito das escolhas e intervenções, a correspondência continua a ser uma das fontes mais importantes para a vida e a obra de Lobato, tanto

<sup>15</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 11. ed. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 17-18. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 11).

<sup>16</sup> CAVALHEIRO, Edgard. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 7. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).

quanto seus prefácios e entrevistas. Esta documentação, aliás, como qualquer vestígio do passado, não pode ser considerada expressão pura do passado, e os historiadores sabem que sempre devem lidar com injunções de diferentes ordens, independente da natureza do material com que trabalham.

No caso de Monteiro Lobato, é patente seu esforço para moldar a sua imagem e seu legado. Assim, observa-se a insistência de se apresentar como um fazendeiro que, em fins de 1914, remeteu para o jornal *O Estado de S. Paulo* os textos *Velha Praga* (12/11), veemente denúncia da prática das queimadas, e *Urupês* (14/12), no qual se consubstanciou o personagem Jeca Tatu, e teria sido a inesperada repercussão dos mesmos que acabou por transformá-lo em escritor, sem que tivesse tal intento. É inegável que estes textos representaram uma inflexão na trajetória de vida de Lobato, tendo em vista a celeuma em torno do Jeca Tatu, que rendeu ao seu criador celebridade e a chave para a entrada efetiva no mundo das letras, tanto que não tardou para que vendesse a fazenda herdada do avô para se dedicar integralmente à carreira literária. Não surpreende que os muitos estudos sobre o autor iniciem-se exatamente nesse momento.

Entretanto, quem era e o que fazia Lobato, em termos literários, antes de 1914? A pergunta é importante, pois se trata de momento decisivo para sua formação como escritor e, para respondê-la, as cartas se constituem na principal fonte. De saída, cumpre lembrar que, como aluno da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, em São Paulo, Lobato colaborou com jornais acadêmicos, tradição muito cultivada na instituição. Junto com amigos próximos, escrevia para pequenas folhas, com destaque para *O Povo*, de Caçapava,<sup>17</sup> e *O Minarete*,<sup>18</sup> de Pindamonhangaba. Este último circulou entre 1903 e 1907 e foi franqueado a Lobato e amigos pelo ex-colega Benjamim Pinheiro, que, formado bacharel, retornou à sua cidade natal com a intenção de assumir a prefeitura, para o que necessitava de uma publicação

<sup>17</sup> Somente a consulta ao jornal permitiria saber se a sua colaboração foi contínua. Em LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964 (Obras Completas de Monteiro Lobato, 14), obra póstuma lançada em 1959, com seleção e introdução de Edgard Cavalheiro, há textos datados de 1903. Entretanto, em 12/02/1915, afirmava a Rangel: “Também tenho escrito umas diabruras para *O Povo*, jornalzinho de Caçapava no qual sou livre como o era no *Minarete*. Sou lá o Mem Bugalho. Mando-te o último número”. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., v. 2, p. 22-23.

<sup>18</sup> Parte da produção relativa aos anos 1900-1907, estampada em jornais acadêmicos e em folhas como *O Povo*, *O Minarete* e *Jornal de Taubaté*, foi recolhida em: LOBATO, Monteiro. *Literatura do Minarete*. Op. cit.

que fosse porta-voz da oposição. Estes escritos, marcados pelo humor e por brincadeiras entre amigos, constituíam-se em oportunidade para que os jovens escritores exercitassem a criatividade e a experimentação.

Em 1904, com o diploma em mãos, Lobato deixou a cidade de São Paulo e retornou para o interior. Graças à intervenção do avô, tornou-se promotor em Areias, cidade que já fora próspera, mas que não resistira à concorrência do café plantado no Oeste Paulista. Casado e entediado, em fins de 1908 confidenciava ao amigo que assinara o *Weekly Times* e “com os pés na grande sacada, injeto-me de inglês, de pensamento inglês, de política inglesa, enquanto pela rua passam os bípedes que vão mexer a panelinha da política local, na farmácia do Quindó, meu vizinho”<sup>19</sup>.

Portanto, o ano acabava sem grandes perspectivas, pois *O Minarete*, no qual continuavam a colaborar os ex-estudantes, já não circulava e os dias corriam lentos na sonolenta Areias.

No ano seguinte, Lobato se referiu, em várias das cartas endereçadas a Rangel, às suas contribuições para o jornal *A Tribuna*, de Santos, sem explicar como havia se tornado colaborador remunerado. A informação se encontra nas cartas trocadas com o cunhado Heitor, que só vieram a público depois de sua morte. Contam-se apenas quatro cartas, sem que se saiba se existiram outras ou se Edgard Cavalheiro, o organizador do volume de *Cartas Escolhidas*, optou por essas. As missivas revelam que foi pelas mãos de Heitor que Lobato chegou à folha, o que confirma a importância das redes de amizade e solidariedade, que garantiam as apresentações, num complexo circuito de troca de favores.

Talvez não se deva considerar mera coincidência que, em maio de 1909, depois de pedir a opinião do amigo Rangel a propósito do conto *Bocartorta*, sugerisse: “o melhor é passarmos os nossos contos à letra de forma do *Minarete*, para melhor os consertarmos. *O Minarete* tem a vantagem da exígua, ínfima, publicidade,”<sup>20</sup> indício de que, retrabalhados, os textos poderiam ter nova destinação, o que, para Lobato, delineava-se como uma possibilidade efetiva graças às tratativas em curso com a *Tribuna*.

De fato, em agosto de 1909, Lobato agradeceu a Heitor por se lembrar

---

<sup>19</sup> Idem, carta de 02/12/1908, p. 225-226.

<sup>20</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit, p. 237-238, v. 1, carta datada de 20/05/1909.

do “exilado de Areias” e colaborar na realização do “velho projeto” de escrever para jornal de verdade. Apressou-se em oferecer o conto *Bocatorta*, objeto de discussão com Rangel, não sem impor condições: “Responda num bilhete postal, comercialmente, positivamente, pois os tempos das ilusões cor-de-rosa já se passaram”<sup>21</sup>. Para Rangel a notícia foi comunicada em tom diverso, pois, alguns dias antes, informou: “Estou escrevendo na *Tribuna*, de Santos, jornal cor de rosa, a 10 mil réis o artigo. Mandei para lá hoje o *Bocatorta*.”<sup>22</sup>

O fato é que, em meados de 1909, o promotor de Areias começava a entrever a possibilidade de ser remunerado por suas atividades intelectuais: “Já encetei a série de artigos da *Tribuna* e já fiz jus a 40\$00. Com isso pago dois meses de aluguel da casa. Pagar a casa com artigos – que maravilha, hein?”. Maravilha que não se concretizava com a desejada regularidade, a julgar pelas cartas de cobrança que remeteu a Heitor no início de 1910: “negócio é negócio: a *Tribuna* paga ou não? Se você me deslindasse este ponto me prestaria bom serviço”<sup>23</sup>.

Na correspondência com Rangel, o remetente sonhava com projetos que não se realizariam, como uma esperada contribuição para a *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, e de colaborações esporádicas para revistas. O que as cartas revelam, contudo, é o empenho para adentrar o mundo dos impressos. Ainda em julho de 1909, declarou ao amigo: “Ando a colaborar na *Fon-Fon*. O que aparece lá assinado H.B. é meu. Desenho e caricaturas”<sup>24</sup>, sem explicitar se tal colaboração era espontânea ou feita a convite. No mês seguinte, estava atarefado com o projeto e a pintura de cartazes para um concurso no Rio de Janeiro “ao qual vou arrojadamente concorrer”, além de alertar o amigo para as suas ilustrações estampadas na *Fon-Fon*<sup>25</sup>. Em outubro de 1910, declarava: “andei metendo o nariz na questão das candidaturas presidenciais, como verás do artigo incluso, da *Tribuna*. Repugna-me esse

<sup>21</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. Op. cit, v. 1, p. 100-102, carta a Heitor de Moraes, datada de 15/08/1909.

<sup>22</sup> Idem, v. 1, p. 255-256, carta de 03/08/1909. A informação permite datar a carta ao cunhado como sendo de agosto de 1909, pois Lobato afirmou que havia remetido o conto na data em que redigiu a missiva a Rangel.

<sup>23</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. Op. cit, v. 1, p. 109, carta a Heitor de Moraes, datada de 22/02/1910.

<sup>24</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit, p. 255, v. 1, carta a Rangel, de 22 e 23/07/1909.

<sup>25</sup> Idem, p. 261, carta datada de 22/08/1909.

militarismo que certos jornais do Rio defendem”<sup>26</sup>.

A partir de 1911, com a morte do avô, a situação de Lobato mudou, pois ele assumiu a Fazenda Buquira e as preocupações literárias se mesclavam às de proprietário rural. Contudo, ele seguia de forma atenta a carreira dos colegas dos tempos de faculdade e compartilhava suas impressões com Rangel. O primeiro a ter sucesso foi José Antônio Nogueira, que já integrava as rodas literárias e sempre era referido de maneira crítica por Lobato, que mal disfarçava seu incômodo: “Não é mais aquele Nogueira do *Minarete*. É o autor do *Amor imortal*, que sabe de cor e declama para os amigos. É o Nogueira *beuglant*. Flaubert deveria ser assim”<sup>27</sup>.

Antes dos famosos artigos de 1914, Lobato publicou, com sua assinatura, dois artigos na grande imprensa paulistana: em 30 de outubro de 1913, na segunda página do *Estado*, assinou como J. B. Monteiro Lobato o texto “Entre duas crises”, que tratava da situação econômica paulista. Sobre esta colaboração, não há qualquer referência em *A barca de Gleyre*, contrariamente à estampada em 1913 no *Correio Paulistano* a propósito da pianista Guiomar Novais, que ele reconhecia como a primeira que fizera para um grande jornal. O esquecimento é, no mínimo, curioso e talvez cumprisse a função de tornar coerente a versão de que só publicou no *Estado* em 1914.

## A caminho da consagração

A trajetória dos anos iniciais de Monteiro Lobato, fosse na Faculdade de Direito enquanto estudante, como Promotor em Areias ou proprietário da fazenda Buquira, indica que ele nunca se distanciou das letras. É de se lamentar o fato de não ser possível contrapor, lado a lado, as cartas que Lobato enviou a Rangel e as que dele recebeu, o que certamente abriria outras perspectivas de análise. A esta limitação se somam as decorrentes das intervenções de Lobato no conteúdo das missivas, levadas a cabo em 1943, ou seja, quando atravessava um momento particularmente adverso. Mesmo assim, é inegável que estes escritos, que remontavam a 1903, contêm pistas

---

<sup>26</sup> Idem, p. 182, carta datada de 23/10/1910.

<sup>27</sup> Idem, p. 339, carta datada de 21/04/1913.

que ajudam a compreender o desejo que sempre acalentou de participar do mundo intelectual e letrado e o quanto se empenhou para realizá-lo.

O período no qual permaneceu incógnito do grande público foi o de gestação do escritor, que, fosse em Areias ou na sede de sua fazenda, tentava se introduzir no rol dos colaboradores da imprensa periódica. Os indícios provenientes das cartas endereçadas ao amigo Rangel apontam o cuidado em relação à representação de si, patente no caso da colaboração para a *Tribuna*, uma vez que a intermediação do cunhado Heitor e as reclamações em relação aos pagamentos nunca foram mencionadas. Novas cartas, assim como o estudo sistemático de suas contribuições publicadas em jornais antes de 1914, podem tornar o quadro geral menos impreciso. Lobato, por certo, ainda nos reserva muitas surpresas.



## CAPÍTULO II - Entre o culto e o popular: duplicidades do Inquérito sobre o Saci Pererê, de Monteiro Lobato

Profa. Dra. Amaya O. M. de A. Prado

N o Brasil, as informações sobre a lenda do Saci Pererê disponíveis até 1917 eram escassas, visto que os estudos sobre etnografia se mostravam incipientes e não gozavam de prestígio. Sem pretensão de exaustividade, lembramos os trabalhos de Emilio Goeldi (1859-1917), autor de *As Aves do Brasil* (1894), onde se encontra uma descrição de uma ave com tal nome; General Couto de Magalhães (1836-1898), autor de *O Selvagem* (1876), obra na qual o Saci é descrito como lenda indígena mesclada com superstições cristãs; Melo Moraes Filho (1844-1919), autor de *Festas e tradições populares do Brasil* (1901), e Silvio Romero (1851-1914), com *Contos populares do Brasil* (1887); Edmundo Krug, que descreve o “Sassi” em uma conferência proferida na Sociedade Científica de São Paulo em 1909 e publicada na *Revista da Sociedade Científica de S. Paulo*<sup>28</sup>.

Monteiro Lobato, que atuava até então como crítico de arte, publicando artigos em periódicos, propõe já em 1916, quando publica o texto “A poesia de Ricardo Gonçalves” na *Revista do Brasil*, a substituição de ícones europeus por figuras de nossa tradição folclórica:

Pelos canteiros de grama inglesa há figurinhas de anões germânicos [...] porque tais nibelungices, mudas à nossa alma, e não sacis-pererês, caiporas, mães d'água e mais duendes criados pela imaginação do povo?<sup>29</sup>

<sup>28</sup> PRADO, Amaya Obata Mourinho de Almeida. *O inquérito sobre o Saci: no jornal e no livro, o trabalho de edição de Monteiro Lobato*. 250p. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2016, p. 13.

<sup>29</sup> LOBATO, Monteiro. A poesia de Ricardo Gonçalves. In: *Revista do Brasil*, São Paulo, a. I, v. III, p. 298-299, set.-dez. 1916.

É, portanto, de uma inquietação estética que surge a ideia de explorar mais a fundo a lenda brasileira do Saci Pererê. Com o objetivo de pôr em prática sua proposta estética, Lobato começa por uma pesquisa de opinião no jornal *Estadinho*<sup>30</sup>. Em seguida, abre um “Concurso de pintura e escultura” resultante do interesse que o inquérito havia despertado. Como consequência do sucesso destas ações iniciais, lança sua primeira experiência editorial, a publicação de *O Saci Pererê: resultado de um inquérito*, livro que teve duas edições esgotadas em menos de um ano, com uma tiragem de 7.300 exemplares<sup>31</sup>.

## Dupla dedicatória

O Inquérito é, por natureza, duplo. Os depoimentos que o constituem foram publicados primeiramente em 1917, no *Estadinho*, e, em seguida, em 1918, em livro.

Ampliando a duplicidade dos suportes, a “Dedicatória” se constitui de dois textos distintos. A dualidade gráfica, mais nítida na primeira edição, estende-se ao sentido, visto que a dedicatória se dirige ao “Trianon” e a uma desconhecida “Tia Esméria”, destinatários em tudo opostos.

O Clube Trianon simboliza aquilo que Lobato criticava abertamente e, muitas vezes, com virulência em seus textos, a grande influência da cultura europeia, sobretudo a francesa, em toda a vida brasileira. Destacam-se o tom sarcástico que desconstrói a simbologia e a elegância do ambiente que impõe o apagamento da “brasilidade”. Uma segunda camada de duplicidade se mostra ao final do parágrafo, com a insinuação de que os frequentadores do Trianon – e Lobato se inclui entre eles ao empregar o pronome “nós” – são a um só tempo seus “detratores” e seus “fregueses”. Inscreve-se desde logo a marca da contradição e também da desconstrução das próprias credenciais apontada por Marisa Lajolo<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> Em 1915 o jornal *O Estado de S. Paulo* lança a *Edição da Noite*, para veicular notícias da Primeira Guerra, que circulou até 1921 e ficou conhecida como *Estadinho*. Disponível em: <[http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada\\_1910.shtm](http://acervo.estadao.com.br/historia-do-grupo/decada_1910.shtm)>. Acesso em: 18 fev. 2015.

<sup>31</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944, p. 371. CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955, v. 1, p. 192.

<sup>32</sup> LAJOLO, Marisa P. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra adulta. São Paulo: UNESP, 2014, p. 32.

Dedicar o livro também à Tia Esméria, caracterizada como “preta velha” contadora de histórias muito mais interessantes que as “teuto-italo-nipônicas”, é reforçar a oposição entre o culto e o popular. Se o Trianon, o “lado” culto, simboliza com sinal negativo a civilização, a Tia Esméria representa o primitivismo, o “lado” do povo, mas agora de modo positivo porque lembrada com carinho. Sua imagem está relacionada à saudade, ao ato de contar histórias interessantes e, “melhor de tudo”, diz o autor, gratuitas. As oposições contribuem para a construção do humor sarcástico, com conseqüente rebaixamento dos valores estrangeiros, recursos que enaltecem a figura da Tia Esméria, elemento nacional.

## **Intróito: pausa para a fantasia**

No “Intróito”, mais imagens em duplicidade, a chamar a atenção para a simultaneidade da pesquisa com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e relacionando aos dois eventos os conceitos de “imaginação” e “pesadelo”, respectivamente. O texto está posto graficamente como um só bloco. No entanto, a despeito da aparente unidade, apresenta-se dividido em dois momentos. O primeiro descreve os horrores da guerra, sentidos do outro lado do mundo, através dos jornais: “Quem se afoutasse a abrir uma folha sorvia sangue dos telegramas à seção livre. Um engulho”. O segundo se ocupa do saci, caracterizando-o como o alívio daquele quadro de horrores e com os adjetivos “infernai” e “bendito”, oposição que retoma a contradição, elevada a um nível muito mais elaborado na passagem que define a guerra como “a *selvageria* dos modos mais *civilizados* de matar em grande”<sup>33</sup>. Além da polarização, este trecho exemplifica a fina ironia lobatiana: a selvageria da matança é o que define os povos civilizados. Ora, não seria o respeito à vida do semelhante o primeiro princípio da civilização?

---

<sup>33</sup> LOBATO, Monteiro. *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquérito*. São Paulo: Globo, 2008, p. 27. Destaques nossos.

## Como surgiu o Saci em São Paulo?

Todo o livro é conduzido por uma voz que, ao modo de um narrador, apresenta desde o início, mas sem situar claramente no tempo, a motivação, as discussões e o contexto dos depoimentos do inquérito. Ela se contrapõe a outra voz trazida para o livro pelo recurso das citações, ou seja, quando Lobato cita Lobato. Nesta “instância prefacial”, revelam-se mais explicitamente os dois Lobatos: o que edita o livro e o que escreve artigos, um dos aspectos da polaridade que perpassa a obra toda.

Esta voz do Lobato editor descreve em poucos parágrafos, com o tempero da ironia, a cena clássica na qual o Lobato crítico de arte protesta contra os anões de feições europeias que “enfeitam” o Jardim da Luz, em São Paulo.

Um sujeitinho bilioso, recém-chegado da *selva selvaggia* do Buquira, em passeio com um amigo pelo Jardim da Luz, parou diante dos anões de gorra, barbaçudos, entrajados à alemã, que por lá quebram a monotonia dos relvados. E disse filosoficamente:

- Como berra esta nota nibelúngica neste pastinho de grama, entre jerivás e jiçaras! E como um fato insignificante destes demonstra a nossa profunda covardia estética!

- Querias então...

- ... que estivesse aqui um saci, por exemplo, um curupira, um papagaio, um macaco, uma preguiça, um tico-tico, um coronel – qualquer bicho enfim que não desafinasse com o ambiente, como desafina esse anão do Reno que treme de frio sob pesadas lãs enquanto os sorveteiros apregoam a dois passos daqui as suas neves açucaradas.<sup>34</sup>

O protesto de Lobato vai progressivamente subindo de tom, aumentando a tensão. As imagens construídas por meio de expressões como “sujecinho bilioso”, “berra”, “covardia estética” e “desafinasse” intensificam o tom de protesto.

## Pintar com palavras

Ainda alicerçado na polarização e expandindo a caracterização dos dois tipos sociais, o “Epílogo” constrói uma ambientação bipolar. Lobato “pinta

<sup>34</sup> LOBATO, Monteiro. *O Sacy Perêre: Resultado de um inquérito*. Op. cit., p. 29.

com palavras” o espaço, a cena cotidiana, as personagens. Sobre o Jeca diz:

*Vede-o. Lá está ele a esta hora com o seboso pinho na mão, pondo em sons os anelos vagos de sua alma. Defronta-o a mata em calmaria, onde embiruços gigantes escorrem-se de cipós e parasitas. A baitacas num galho inclinam a cabecita verde, à escuta. A lua no alto também entrepara, como a ouvi-lo. As palavras que o homem modula são dele, criadas com emoção para seu uso pessoal. Os pensamentos que lhe pirilampeiam no cérebro são filhos do ambiente, como a baitacas, a árvore, a lua.*<sup>35</sup>

O trecho do qual retiramos este excerto assemelha-se a uma crônica, no sentido de que, simples e breve, com aparência de conversa fiada, “pega o miúdo e mostra nele uma grandeza, uma beleza ou uma singularidade insuspeitadas”<sup>36</sup>.

O recurso de linguagem mais evidente nesta parte do “Epílogo” é a sinestesia. O sentido da audição é evocado por palavras e imagens como viola, escuta, orelha, ouvidos, ruído, barulho, sons, a lua a ouvir o Jeca, a natureza silenciosa, o latir de um cão, o barulho das corredeiras, e a viola abafada.

Assim, com um exemplo prático, delineia-se o projeto lobatiano de atuação estética, como “expressão do ambiente natural”. Lobato não somente sugere “sair da avenida e penetrar nesse indecoroso sertão”<sup>37</sup>, como também mostra claramente como fazê-lo, por meio deste texto.

Estas imagens ganham ainda mais força quando confrontadas com o trecho seguinte, o contraponto da cena bucólica que acaba de se desenhar:

Eis o criminoso. É mister civilizá-lo. Pô-lo de *smoking* em um *club* a discutir os destinos da Alsácia, entre golinhos de *whisky*. O civilizador àquela hora lá está repoltreado num vime do Trianon, com um chapéu calçado para trás porque Paris o usa assim; discute Rollinat e Capus; apoia-se na Havas; bebe pinguinhas em inglês, fuma quebra-queixos de Havana que lhe impingiu um espanhol gorducho murmurando-lhe

<sup>35</sup> Idem, p. 374. Destaques nossos.

<sup>36</sup> CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 24.

<sup>37</sup> LOBATO, Monteiro. *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquérito*. Op. cit., p. 369.

ao ouvido: é contrabando!<sup>38</sup>

Todos os elementos que indicam a atitude acrítica daqueles que simplesmente imitam o modo de vida europeu estão aqui postos com a intenção de ridicularizar o ambiente urbano, de evidenciar sua falsidade e principalmente sua inadequação. A cópia se revela empobrecedora e ainda que use *smoking*, frequente um *club*, beba *whisky*, discuta assuntos como a literatura francesa e a guerra contra a Alemanha, o homem brasileiro não passará de “contrabando”, de falsificação e de um ser inculto, incapaz de atitudes independentes e de definição de uma personalidade particular.

## Metáforas em duplicidade

O “Epílogo” retoma o espaço do Trianon, inserido na “Dedicatória”, como símbolo do estrangeirismo que orienta o senso estético da maioria dos brasileiros. Lobato afirma então que “reunir este inquérito sobre o Saci em livro foi África. Tudo é África entre nós”<sup>39</sup>. África é construída, então, como metáfora de dificuldade, aridez, escassez.

Expressões como Trianon e África constituem metáforas mais simples e diretas se comparadas às outras, sempre postas em termos duplos, também estes metafóricos, sempre em tensão e em oposição, a corroborar o aspecto da duplicidade presente desde os textos de abertura da obra e, por isso mesmo, confirmando sua unicidade.

O Capilé se revela um dos exemplos mais consistentes da construção da metáfora lobatiana nesta obra. Ela surge aos poucos, como estratégia para proposição de novos valores e como desdobramento ou ampliação de metáforas anteriores, em torno dos termos “whisky” e “capilé”, como se depreende do seguinte fragmento

Supõe-se esta civilizaçõzinha um raro *whisky* de requintadíssimo sabor; mas não passa, no juízo dos paladares finos, de insulso capilé. Capilé com goma, no máximo. Capilé *gommeux*, ah!ah!ah!<sup>40</sup>

<sup>38</sup> Idem, p. 374. Destaques do autor.

<sup>39</sup> Idem, p. 368.

<sup>40</sup> Idem, p. 369.

Vale lembrar que capilé, segundo o Dicionário Houaiss, é o nome de uma bebida alcoólica bem menos sofisticada que o *whisky*, feita de polpa de tamarindo e aguardente. Ambas as bebidas são postas como termos de comparação entre tipos sociais: o “civilizado” e “requintado” europeu de um lado e, de outro, o representante da “zona plagiária”, que desastrosamente tenta copiar a civilização. Como a intenção de Lobato é ridicularizar este último, além de se divertir às gargalhadas com a comparação, impõe-lhe o apelido de Capilé, nome que passa a designar os políticos, os professores, os artistas, enfim, todos os representantes da ideologia dominante.

O Capilé passará então a constituir um novo par antagonístico com o Jeca Tatu, agora reconhecido como “a única afirmação de individualidade não laivada de ridicularias que possuímos”, um ser “puro de atitudes falsas”<sup>41</sup>. Capilé, metáfora do francesismo, da imitação. Jeca, metáfora da brasilidade, da originalidade. Cada um deles traduz uma ideologia.

Outra pitoresca e poética comparação se articula na frase a seguir: “Só tu neste embaubal és cabiúna, Jeca!”<sup>42</sup>. A Embaúba é uma árvore de tronco fistuloso, do qual se extraem fibras e polpa para fabricação de papel e que frequentemente é habitada por formigas; é cultivada como planta ornamental, sendo sua folha áspera usada como lixa. Já a Cabiúna é uma árvore alta, nobre, também conhecida como Jacarandá, muito valorizada por sua madeira nobre, lisa, resistente. A associação com as imagens do Capilé e do Jeca se constrói a partir das características de robustez deste e de inconsistência daquele.

Tal recurso se revela muito oportuno para sugerir a ideia de resistência, que passa a ser uma importante característica do Jeca defendida no “Epílogo” e intensificada com frases impactantes: “Condenamos Jeca à morte”; “Jeca, entretanto, resiste”<sup>43</sup>.

## Polarização e ironia

Ao transpor os depoimentos do jornal para o livro, Lobato articula dois principais recursos, a polarização e a ironia, transformando-os em fios

<sup>41</sup> Idem, p. 373.

<sup>42</sup> Idem, p. 375.

<sup>43</sup> Idem, ibidem.

condutores cuja função é dar coesão ao trabalho. Os comentários irônicos, se no jornal apareciam nas entrelinhas, tímidos, vão ganhando intensidade nas páginas do livro, através da adição de alguns comentários nos parágrafos introdutórios. Entretanto, é nos textos elaborados pelo editor com função de emoldurar os depoimentos que a ironia atinge seu grau máximo, elevada ao nível de elemento constitutivo e estruturante do trabalho.

É por meio da polarização e do riso sarcástico que se opera a desconstrução de uma ideologia segundo a qual o brasileiro, para ser considerado civilizado, deveria copiar os modelos europeus em tudo, sem levar em conta a inadequação do transplante cultural. Ao rebaixar esta atitude, Lobato eleva o posicionamento contrário, de valorização do que é genuinamente local e caracterizador do povo brasileiro, mesmo que para isso seja necessário eleger o caipira Jeca Tatu como símbolo de brasilidade.

## CAPÍTULO III - A correspondência de Monteiro Lobato como exercício da sociabilidade

Prof. Dr. Emerson Tin

“**A** pesar de ter levado uma existência trabalhosa, cheia de altos e baixos, Monteiro Lobato jamais descuroou da sua correspondência. Diariamente, antes de dar início às suas atividades, cuidava daquilo que julgava obrigação intransferível e inadiável” – afirma Edgard Cavalheiro no prefácio às *Cartas escolhidas* de Monteiro Lobato<sup>44</sup>. Mas por quê? Por que escrever cartas? É uma questão que se coloca. Para além da mera e imediata função de comunicação exercida pela correspondência, por que um escritor consagrado, combatido pelos anos, em estado de saúde delicado, continuaria a dedicar grande parte de seu dia a escrever cartas a inúmeros correspondentes, muitos dos quais nem sequer conhecia?

Isso levaria a uma produção epistolar imensa, de cuja dimensão o próprio escritor tinha ciência, o que o motivou a escrever, em carta a Godofredo Rangel, datada de 5 de setembro de 1943, o seguinte comentário jocoso: “Minha correspondência geral é incrível. Tenho cartas de todo mundo importante desta terra e de outras. Se procurar bem, sou capaz de descobrir algum autógrafa do *Pithecanthropus erectus...*”<sup>45</sup>.

Sim, cartas de todo mundo importante, mas também cartas de inúmeros leitores, adultos e crianças, que dirigiam ao escritor palavras de admiração, impressões de leitura, pedidos os mais diversos, como o de contribuição das meninas Nilda, Margarida e Rute, queixando-se da falta de um gabinete dentário, que motivaria a insólita – e literalmente incendiária – resposta de Lobato em 18 de novembro de 1944: “Querem vocês que eu contribua... Pois não. Vou mandar uma caixa de fósforos para vocês porem fogo nessa escola da Prefeitura – venham

<sup>44</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 9.

<sup>45</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 11. ed. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 353.

todos brincar no Sítio do Picapau Amarelo. O Quindim virou dentista e bom dentista. Ele trata dos dentes de vocês todas, de graça...”<sup>46</sup>.

A volumosa correspondência causava inevitáveis atrasos na resposta, o que motivava a queixa de um ou outro correspondente, como evidencia o desabafo de Lobato a uma de suas leitoras, Josette Silveira Mello, então residente em Piracicaba, em carta possivelmente do ano de 1947: “Vocês são centenas de meninas e eu um só, por isso hão de perdoar-me que demore em responder às cartinhas que me escrevem ou às vezes deixe de o fazer”<sup>47</sup>.

Voltemos à questão inicial: por que Lobato se obrigava, então, a um exercício diário de escrita, se ele se apresentava penoso ou difícil de cumprir? Uma possível resposta estaria em uma carta a Cesídio Ambrogi, datada de 15 de janeiro de 1947: “nunca deixei carta sem resposta. Acho uma grande incivilidade”<sup>48</sup>. Podemos entender que, para Lobato, assim, manter assiduamente a correspondência era uma imposição da própria vida em sociedade, da própria civilização. Mas não apenas isso. Lobato sabia que, apesar de suas limitações – “carta é uma joça”<sup>49</sup>, como chegou a afirmar a, entre outros, Anísio Teixeira –, a carta era, em seu tempo, um poderoso meio de intervenção.

A carta era um poderoso meio de intervenção social, para, por exemplo, manter viva a presença do destinatário, como se lê nas cartas afetuosas dirigidas a Anísio Teixeira:

Chegou-me tua carta do *Gelria* e lemo-la cinco vezes, eu três e Purezinha duas. Deixaste nela uma entusiasta, a ponto de te excluir sempre, como exceção única, quando tem de meter as botas na nossa gente masculina.

Meu caro Anísio, tua saída desfalcou a sério esta imensa cidade e a vítima maior do desfalque fui eu. Fiquei sem que fazer dos meus domingos e tive de inventar uns *outings* de auto, com Muniz e outros, pelo estado de Connecticut a dentro, para tapar o buraco que abriste nos meus *Sundays*. A primeira parte deles ainda está boa, pois enche-a o nosso suculento e

<sup>46</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 143.

<sup>47</sup> TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 548p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2007, p. 532.

<sup>48</sup> Idem, p. 367.

<sup>49</sup> VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (Orgs.) *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986, p. 51.

*matter-of-fact-minded Times*; mas as tardes ficaram miseráveis.<sup>50</sup>

Como se pode notar neste trecho de uma carta de julho de 1929, logo após a partida de Anísio Teixeira de Nova Iorque, Lobato se ressentido da ausência do companheiro e se utiliza da carta como um paliativo para esse mal. Afinal, se a carta faz presentes os ausentes... Ou, nas palavras da Baronne Staffe, “a troca de cartas permite não se perder de vista, ficar a par dos hábitos, ações e gestos uns dos outros (o que é inestimável para a amizade), continuar falando a mesma língua...”<sup>51</sup>. Certamente Lobato sabia disso ao alimentar as relações sociais por meio da correspondência.

É o mesmo que se nota em carta a Godofredo Rangel, datada de 30 de julho de 1947: “Como vai, meu caro? Quando passo muito tempo sem notícias daí, começo a imaginar coisas. Escreva-me duas linhas sossegatórias.”<sup>52</sup>

Até mesmo para a cobrança de uma dívida, Lobato lançava a mão de uma carta, admoestando o devedor sobre o não pagamento, como a dirigida em 20 de junho de 1947 a certo “Karan amigo”<sup>53</sup> – possivelmente, Karan Simão Racy (1898-1964), imigrante libanês que, em 1925, havia fundado uma fábrica de papelão que se tornaria a Indústria de Papel Simão S. A.:

Karan amigo:

Com grande pesar, de volta da Argentina encontrei no Banco Itaú a tua letra não resgatada no dia do vencimento. Isso me força, muito a contragosto, a entregá-la ao meu advogado para a devida cobrança judicial. Vou fazer isso em começo do mês próximo – e você não me acuse de não o haver avisado. Quem avisa amigo é.

No entanto, o envio de uma carta nem sempre atingia positivamente o objetivo pretendido. Um episódio na correspondência entre Lobato e Artur Neiva ilustra bem isso. Fascinado pela prosperidade econômica de seu amigo Cândido Fontoura e ciente das dificuldades pelas quais passava muitas vezes Neiva, Lobato resolve intervir, em carta de 24 de abril de 1922:

<sup>50</sup> Idem, p. 32.

<sup>51</sup> STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Édition revue, corrigée et augmentée. Paris: Ernest Flammarion, 1899, p. 2.

<sup>52</sup> LOBATO, Monteiro. Carta inédita a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00198 cx4).

<sup>53</sup> LOBATO, Monteiro. Carta inédita a Karan depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00196 cx4).

ontem, estando com o Fontoura, aproximou-se o Reis e aderiu ao café. Contou-me que recebera carta sua, queixosa das viagens diárias a que o serviço em Manguinhos o obriga. Depois que o Reis se foi, a conversa continuou a seu respeito, e sobre o erro que o Sr. comete persistindo em continuar num posto onde não poderá prosperar economicamente. No entanto, se tiram partido do seu nome e dos seus conhecimentos, poderia, montando um laboratório aí ou aqui, fazer uma carreira econômica rápida. Não vê o Fontoura como está próspero? O próprio Afrânio só no Fontoura já tira mais de um conto por mês, e disse-me o Fontoura que breve tirará duas, três, quatro vezes mais. Porque o Sr. não pensa nisto? Em Manguinhos só lhe esperam trabalhos sem recompensa, aborrecimentos e nenhum futuro. Vindo trabalhar por conta própria aqui em S. Paulo, p. ex. que clientela enorme não teria! Era a fortuna, a liberdade, e a mais deliciosa da vitória, porque provinda de iniciativa individual. Quer que eu estude com o Fontoura um caminho para isso?<sup>54</sup>

Ao que tudo indica, Neiva parece não ter gostado da intervenção de Lobato, pelo que se depreende do rascunho de uma carta sua ao escritor, datado de 08 de maio de 1922 e depositado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas:

Sensibilizou-me o interesse que por mim tomou. Imensas vezes tenho pensado em análogas soluções que seriam a alforria, bem sei. Tal liberdade se faria, no entanto, à custa do ideal que me trouxe um dia a Manguinhos, onde cheguei peregrinando qual novo Tannhäuser, e consoladoramente também vi o milagroso reverdecer do ressequido cágado que me acompanhava. Que se procura na vida, meu bom amigo? A felicidade? Essa, porém, eu a encontrei no lar. Minha companheira, os 2 filhos, algumas árvores, livros, música à noite: eis o meu paraíso doirado. A vida me tem sido áspera por vezes e periodicamente trago goles de fel que me fazem amargo dias seguidos, são vaivéns naturais do viver; mas até hoje, o meu lar tem sido o encantado ninho de sempre e onde me retempero. Quanto vale tal riqueza? No cinturão, guardo ainda um furo para quando a necessidade for mais premente.<sup>55</sup>

Lobato, talvez percebendo o equívoco que cometera ao intervir em

---

<sup>54</sup> TIN, Emerson. *Em busca do "Lobato das cartas": A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Op. cit., p. 97.

<sup>55</sup> Idem, p. 97-98. A versão transcrita no texto apresenta apenas o texto não rasurado do rascunho.

demasia na vida privada do amigo e talvez não pretendendo melindrá-lo ainda mais, parece ter encontrado, na carta seguinte, datada de 20 de maio de 1922, o pretexto perfeito para se esquivar da incômoda situação em que se envolvera:

Recebi uma carta sua, longa, e comecei a lê-la quando alguém me interrompeu. Foi um dia de muito movimento cá. Pois há de crer que essa carta desapareceu de minha mesa, misteriosamente? Dei uma busca em regra, repeti a busca – inútil. O Saci, um espírito qualquer entrou cá e “soverteu” a carta. É assim que respondo à sua última para dizer esta coisa estranha – que a recebi, mas não fui além das primeiras linhas.<sup>56</sup>

O Saci era o responsável pelo desaparecimento de uma carta que expunha uma situação incômoda para ambos os missivistas. Se materialmente não há carta a responder, desaparece o assunto que ela veiculava. Ponto, parágrafo.

Era também por meio de cartas que Lobato recebia pedidos para a redação de prefácios, a que atendia invariavelmente. Por exemplo, em relação à publicação dos *Poemas atômicos*, de Cesídio Ambrogí, que escreveu a Lobato pedindo um prefácio, mas recebe uma negativa:

Quanto a prefácio, meu caro, você me perdoe, mas já me jurei a mim mesmo um ponto final. Isso porque andei a fazê-los tantos que deu na vista, e provocou aquele artigo do Mário Donato no “Estado”, no qual censurou a abundância do meu animus prefaciandi e concluiu que os meus prefácios já desmoralizavam os prefaciados, etc. Em vista disso amoitei, e dos prefácios feitos só há a sair um do livro de Nhô Bento. Nunca mais fiz nenhum. Tenho resistido valentemente às solicitações dos estranhos – e quanto aos amigos, como você, não tenho de resistir coisa nenhuma, porque compreendes a minha situação e me ajudarás a cumprir meu voto.

Parece-me ótimo o título de “Poemas Atômicos”. As bombas caem sobre os ricos e arrasam-nos.<sup>57</sup>

Lobato, todavia, acabaria por ceder, conforme se lê da carta assinalada como sendo “provavelmente de 1946”: “Já que v. não dispensa algo desta azêmola, muito bem. Quando as bombas estiverem prontas, manda-mas, que retrucarei com uma

<sup>56</sup> Idem, p. 98.

<sup>57</sup> Idem, p. 119. A carta não deve ser muito posterior a 26 de abril de 1945, data em que foi publicado o artigo de Mário Donato a que alude.

cartinha negando prefácio, mas na realidade prefaciando-te epistolarmente.”<sup>58</sup>

A carta era, ainda, um poderoso meio de intervenção política, como demonstram, por exemplo, as longas cartas escritas a Getúlio Vargas. Sem meias palavras, falando diretamente o que pensava, Lobato defendia abertamente perante o ditador as suas opiniões. É o que se pode ver, por exemplo, na carta datada de 15 de fevereiro de 1935:

A Revolução de 30 foi apenas política – e é duma revolução econômica que o Brasil precisa. Por que V. Excia., que chefiou com tanto sucesso a revolução política, não chefia também a revolução econômica?

Cumprе аcentuar que essa revolução tem que vir, mais ano, menos ano, imposta pelo instinto de conservação do povo brasileiro. Por que então perder tempo com protelações e aspirinas de emergência, simplesmente dilatórias? O que tem de ser feito amanhã sob a pressão cruel da necessidade, faça-se hoje, com ponderação e cálculo.

V. Excia. é tido como profundamente cético, e se assim é deve estar a rir-se da minha ingenuidade. Devo frisar, entretanto, que venho sendo tristemente profético nas minhas ingenuidades. Em carta ao Presidente<sup>59</sup> Bernardes, em 1925, previ ingenuamente o fim da República Velha em vista da resistência do P. R. P. em aceitar a rampa do voto secreto. Em carta ao Presidente Washington, da América, previ o desastre do seu quadriênio a coincidir com o desabamento dos andaimes da valorização do café. E nesta carta ao Presidente Getúlio Vargas o mesmo ingênuo atrevese a prever uma longa fase de angustiosas calamidades para o Brasil, culminando em guerra interna e desmembramento, caso a revolução econômica não seja promovida a tempo.

Sei que me torno importuno com o meu cassandrismo; mas uma injunção de dever moral me impele sempre a dizer a quem pode influir no curso dos acontecimentos o que penso e o que a minha intuição presente.<sup>60</sup>

Além dessa carta a Getúlio Vargas, destaco aqui uma carta escrita

---

<sup>58</sup> Idem, p. 119. A carta-prefácio aos “Poemas Atômicos” de Cesidio Ambrogi seria incluída posteriormente no volume “Prefácios e entrevistas” das Obras completas de Monteiro Lobato.

<sup>59</sup> É interessante registrar aqui que Lobato hesitou entre maiúscula e minúscula na palavra “presidente”, conforme se pode observar no original datiloscrito.

<sup>60</sup> LOBATO, Monteiro. Carta de Monteiro Lobato a Getúlio Vargas criticando a visão unilateral dos nacionalistas em relação à entrada de capitais estrangeiros no país e defendendo a necessidade de uma Revolução Econômica. GV c 1935.02.15. Disponível em: <<https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GV%20c%201935.02.15>>. Acesso em: 15 dez. 2019.

a Fernando Costa, em 4 de junho de 1941, dia em que assumia o cargo de interventor federal em São Paulo. Escrevendo da Detenção, Lobato ousa se dirigir ao recém-empossado interventor para denunciar, de modo detalhado, cru e contundente, as condições subumanas a que eram submetidos os presos no Gabinete de Investigações pela Polícia de São Paulo: “Os presidentes de S. Paulo se sucedem e nenhum se lembra de corrigir as falhas horrendas dessa coisa monstruosa que se chama Polícia de S. Paulo, com a sua Câmara de Torturas, que se chama Gabinete de Investigações”. E conclui: “Foi preciso que eu viesse passar uma temporada aqui entre as vítimas para me convencer da hedionda realidade”.<sup>61</sup> Mas a intervenção política de Lobato, nesta carta, vai além: não só denuncia a violência da Polícia de São Paulo como também, em raciocínio lógico-jurídico primoroso – e mais atual do que nunca –, escancara a ilegalidade da atuação das forças de segurança paulistas:

Ora, não me consta que haja alguma lei autorizando a aplicação de torturas no Brasil. E se não há essa lei, então esses atos constituem monstruosos crimes da polícia. A solução tem que entrar neste dilema: ou a polícia suspende as torturas, ou então o Estado Novo as legaliza, restaurando uma daquelas velhas leis da Inquisição na Espanha.<sup>62</sup>

A carta também era um poderoso meio de intervenção pedagógica. Como aponta Regina Maria Abu-Jamra Machado, “a pedagogia é uma preocupação constante neste escritor que quis e soube criar, para as crianças, ‘livros onde se pode habitar’”.<sup>63</sup> Não podemos nos esquecer de que, desde a juventude, Lobato era conhecido entre os colegas do Cenáculo como o *magister dixit*. Edgard Cavalheiro registra que, “em tom de brincadeira, os companheiros referiam-se a ele como o *magister*, mas Godofredo Rangel confessaria mais tarde que a troça não era sincera, uma vez que todos, a *uma voce*, reconheciam-no como o maior, aquele realmente marcado para subir mais alto do que os outros”.<sup>64</sup>

De qualquer modo, Lobato, em sua correspondência, assumia, por vezes,

<sup>61</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*, Op. cit., t. 2, p. 79.

<sup>62</sup> Idem, p. 80.

<sup>63</sup> MACHADO, Regina M. A. Une pédagogie critique chez Lobato. *Cahiers du Crepal*, Paris, n. 11, p. 156, dez. 2004.

<sup>64</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: vida e obra*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962, t. 1, p. 89-90.

um tom magistral, com o objetivo de levar seus interlocutores a leituras das obras que considerava fundamentais. Este papel pedagógico se percebe, por exemplo, em relação à obra de Nietzsche, recomendada entusiasticamente a Rangel, mas também a Albino Camargo:

Nietzsche. Albino, Albino, vá atrás desse homem, Albino, manda buscar as suas obras e *penetra-as*. Só agora é que eu *principio a vislumbrá-lo* e tem sido tamanho o deslumbramento meu que sinto-me tolhido, incapaz de pensar. Essas caricaturas de Nietzsche que correm mundo, sob o nome pretensioso de críticas, de super-homens e histórias são uma grande mentira. É o que Nietzsche *parecer ser* a quem o vê pela primeira vez, mas nunca o que ele é realmente. (...) Meu grande desejo é educares a superioridade do teu espírito no convívio dele. Experimente. Com 30\$000 tens Nietzsche em casa.<sup>65</sup>

Anos mais tarde, já consagrado como escritor, Lobato continuaria a, por cartas, intervir pedagogicamente. Aconselhando os neófitos que o procuravam, Lobato disseminava sua visão sobre a literatura e o fazer literário, como, em carta sem data, mas datável, para Cavaleiro, “de fins de 1939, ou princípios de 1940”, a Regina Toledo Moreira, filha de Lino Moreira, companheiro do *Cenáculo*:

Não pare de escrever. Como uma pianista se torna uma Guiomar, se não trabaça todos os dias no exercício para adquirir agilidade nos dedos e apuramento do ouvido? Discipline o corpo. Todos os dias, à mesma hora, sente-se à mesa e escreva. Dentro dum mês estará acostumada – e pronto.

Outro conselho que darei para contos é não fabricá-los na cabeça, e sim colhê-los na vida. Quem cria os bons contos não somos nós, é a Grande Mestra – a Vida. Nós apenas os captamos e os pomos em forma literária. Dá-se com eles o mesmo que com os brilhantes. O garimpeiro acha-os, e depois o lapidador os transforma em maravilhosos solitários. Faça assim. Garimpeie. Pegue os contos da vida que passarem ao seu alcance – e bote-os em forma artística, sem visar coisa nenhuma senão o bom acabamento da obra. Faça assim que quando menos pensar estará com uma linda coleção de *contos vivos*, pois só são vivos os criados pela vida.<sup>66</sup>

---

<sup>65</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. Op. cit., t. 1, pp. 78, 80.

<sup>66</sup> LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*, Op. cit., t. 2, p. 43.

O “pôr em forma literária” recomendado à destinatária, porém, precisa ser entendido como a mínima intervenção possível sobre o material “colhido na vida”. Percebe-se que essa, de certo modo, era a arte poética lobatiana, ao defender, em carta ao poeta Cesídio Ambrogi, datada de 26 de julho de 1944, o que chama de “deslitteralização” da escrita:

Acho que você precisa deslitteralizar-se um pouco mais. O que estraga a literatura é sempre a “literatura”. Sem querer nós nos deixamos arrastar. Depois que li o *ÉRAMOS SEIS* da Dupré aprendi muita coisa; e como estava a mexer nas minhas *FÁBULAS* para nova edição, tirei delas todo um punhado de expressões “literárias” cunhadas – simplifiquei, humanizei, e ficou muito melhor. Nós morremos aprendendo, meu caro. E uma das coisas mais difíceis é alcançar a simplicidade sem cair na vulgaridade. É o grande amor pelas “expressões bonitas ou literárias” e quando velhos já bem sabidos nos convencemos de que o mal literário está justamente nelas. A cada nova reedição dos meus livros ando eu a podar coisas que no momento de escrever me pareceram “belezas”.<sup>67</sup>

Em todos os exemplos trazidos aqui, pode-se perceber que Lobato via a carta como um meio de intervenção, já que parecia estar convicto da eficácia do discurso epistolar, por mais que a carta pudesse ser “uma joça”. Se não fosse desse modo, por que teria escrito uma carta como a dirigida a Rodrigo Otávio Filho em 26 de dezembro de 1920? “Recebi a tua carta. Infame contabilidade! Além de tantas dificuldades peculiares ao negócio, o câmbio a 9 e a contabilidade contra! Mas esperamos que V. saberá dar volta à coisa, e obter o pagamento malgré contabilidade. Acha conveniente uma carta nossa ao Azevedo Gafe<sup>68?</sup>”<sup>69</sup>

Uma carta poderia resolver o problema apontado? Uma carta levaria o Ministério a saldar a dívida oriunda de uma assinatura da *Revista do Brasil* não paga? Em outra carta, sem data, Lobato insistiria na tentativa de intervir por meio da correspondência: “Como está duro o Ministério, hein? Não acha V. que

<sup>67</sup> TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Op. cit., p. 117.

<sup>68</sup> Possível corruptela jocosa de Azevedo Marques (1865-1943), Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa.

<sup>69</sup> TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Op. cit., p. 241.

devamos escrever daqui uma carta ao Azevedo Marques<sup>70</sup> pedindo o obséquio de não ser caloteiro? Nem relapso ou tão tardio no pagamento dum sermão que eles mesmos (o Murici) encomendou?”<sup>71</sup>. Anos mais tarde, em carta a Charlie W. Frankie, Lobato diria:

Recebi a telefonada do Hilário e escrevi hoje duas cartas enérgicas, ao Armando e ao Clóvis. A coisa há de sair. Está sendo arrancada a fórceps.

Minha ida é inútil. Faço daqui por cartas o mesmo que faria aí pessoalmente – e para agir pessoalmente tenho o Dr. Azevedo.

Esteve com ele?

Procure-o. Ele sabe agir e tem prestígio.<sup>72</sup>

Como podemos notar, Lobato realmente parecia acreditar na eficácia das cartas, no poder da palavra escrita, ecoando pelo tempo e pelo espaço.

Por que se escrevem cartas afinal? Apenas para cobrar assinaturas não pagas ou para reunir forças em torno do petróleo? Parece ser óbvia a resposta: para manter a comunicação com o destinatário. Desde o final do século XIX, porém, a carta havia deixado de ser o veículo privilegiado de comunicação entre as pessoas, substituída que fora pelo telégrafo e pelo telefone. Em *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*, a Baronne Staffe lamentava ver as comunicações telefônicas e telegráficas substituírem inteiramente as correspondências escritas<sup>73</sup>. Parece, no entanto, que a previsão melancólica da baronesa não se concretizou de todo, e o gênero teve uma grande sobrevida ao longo de todo o século XX, inclusive com o surgimento de grandes epistológrafos, bastando lembrar, no caso brasileiro, Monteiro Lobato e Mário de Andrade para bem fundamentar esse argumento.

Isso porque, afinal de contas, parece que o ato de escrever cartas não encerra em si tão somente o aspecto primordial da comunicação. Há no ato da escrita da carta todo um ritual que qualquer outro meio de comunicação

<sup>70</sup> José Manuel de Azevedo Marques (1865-1943), Ministro das Relações Exteriores (1919-1922) da presidência de Epitácio Pessoa. Possivelmente, o “Azevedo Gafé” da carta anterior.

<sup>71</sup> TIN, Emerson. Em busca do “Lobato das cartas”: A construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários. Op. cit., p. 242.

<sup>72</sup> Idem, p. 242.

<sup>73</sup> STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Op. cit., p. 1.

não é capaz de manter. A escrita de uma carta tem o seu tempo próprio, tem o seu ritmo próprio. Nela se escolhe o que se vai dizer, pesam-se muito bem os prós e os contras, sabe-se até onde ir, o que falar e o que calar, em função do destinatário a quem é dirigida. É ainda a Baronne Staffe quem conclui que, “enfim, para escrever como para falar, dever-se-ia sempre ter em vista a satisfação dos outros. O amor de seu semelhante, o altruísmo verdadeiro se revela na mais insignificante das cartas, pois pode-se sempre nelas testemunhar o respeito que se tem pelo outro ou o desprezo que se tem por aquilo que não lhe é próprio.”<sup>74</sup>

Mas é outro francês quem, talvez, melhor tenha definido a carta tal como Lobato a concebia. Antoine Albalat, em sua *Arte de escrever ensinada em vinte lições*, defende que “a carta, no uso ordinário, não é um gênero voluntário, um trabalho que se escolha. É uma obrigação. Há uma missiva qualquer a enviar, há uma correspondência a fazer, segundo os acasos da vida, ou porque sucede isto ou aquilo.”<sup>75</sup> E talvez aqui esteja uma das chaves para entendermos o Lobato epistológrafo, intenso e extenso na sua atividade epistolar: uma obrigação intransferível e inadiável.

---

<sup>74</sup> STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Op. cit., p. 10.

<sup>75</sup> ALBALAT, Antoine. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*. 8. ed. Tradução portuguesa da 16ª edição francesa por Cândido de Figueiredo. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1948, p. 321.



## CAPÍTULO IV - O diálogo epistolar entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis

*Dra. Raquel Afonso da Silva*

**N**o artigo “Dona Flor”<sup>76</sup>, publicado no *Diário de Notícias*, em maio de 1940, Mário de Andrade, em singular analogia, aproxima o gênero epistolar do violão – a carta seria “uma espécie de violão da literatura” a que milhares de escritores se dedicavam, o que não o impedia de vê-la como o “gênero ideal”, pelo hibridismo de sua constituição, a multiplicidade de funções e por sua “nobreza humana”, já que, aos olhos deste notável epistológrafo, a carta cumpria os propósitos de socializar, aproximar os indivíduos e cultivar a amizade.

Apesar de a metáfora de Mário se voltar primordialmente às cartas de escritores, os desígnios que o autor confere ao gênero podem, por certo, ser estendidos a outros contextos de escrita. Por exemplo, é justamente buscando essa “aproximação” por meio do diálogo escrito que várias crianças contemporâneas de Mário de Andrade encaminhavam suas cartinhas ao já então consagrado escritor de literatura infantil, Monteiro Lobato. A julgar pelas sucessivas edições dos livros infantis do autor nas décadas de 1930 e 40, numerosa deveria ser essa correspondência. Uma mostra significativa – embora não volumosa – dessas cartas foi salvaguardada para a posteridade, conservando a memória dessa forma de sociabilidade que unia o autor a seu público.

As cartas que se preservaram foram entregues pelo próprio Lobato

---

<sup>76</sup> “Dona Flor”. *Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 19 maio 1940. In: ANDRADE, Mário de. *Vida Literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 1993. p. 188.

a Marina de Andrada Procópio de Carvalho, amiga do autor, a qual era sobrinha de Raul de Andrada e Silva, professor do Departamento de História da Universidade de São Paulo. Foram, depois, agregadas ao arquivo pessoal do professor e doadas ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), constituindo o *Dossiê Monteiro Lobato*. São 246 cartas, escritas nas décadas de 1930 e 40, que nos possibilitam acompanhar fragmentos da recepção da obra lobatiana por seus leitores de carne e osso.

Titubeando entre a formalidade de quem escreve a um célebre desconhecido e a informalidade sugerida pela intimidade com os livros e personagens de Lobato, esses jovens missivistas, desejosos de se destacar da massa anônima de leitores, propõem-se a dialogar sobre as aventuras do Sítio do Picapau Amarelo, falar de suas predileções em relação às personagens, apresentar pedidos – de livros, autógrafos, fotografias –, sugerir enredos para novas histórias, informar sobre homenagens realizadas em suas escolas – através do patronato de clubes de leitura e bibliotecas – e agradecer pelo muito que aprenderam com a literatura do autor. Vários, inclusive, desejam se tornar amigos do criador da Emília e lhe contam sobre seu dia a dia, a vida escolar, fazendo até confidências. Alguns chegam a manter, de fato, correspondência com o escritor, sinal de que este procurava responder às cartinhas de seu público. É o caso da leitora Cordélia Fontainha Seta; há 9 cartas dela no acervo do IEB, entre as quais, esta de fevereiro de 1945, em que a menina elabora comentários a respeito dos *Doze Trabalhos de Hércules* (1944), a princípio, a pedido do próprio Lobato:

Belo-Horizonte, 17/2/1945

Caro Sr. Lobato.

Aqui está a cartinha que o Sr. pediu que eu escrevesse, isto é, uma cartinha com mais “cumprimento” a respeito da façanha dos “picapaus” na Grécia.

Achei os livros ótimos. Mas ótimos de verdade, pois eu sou das tais meninas que o Sr. aprecia; isto é “das meninas bastante corajosas para dizer o que pensam” (como disse o Sr. em uma de suas cartas).

“Os Doze trabalhos de Hércules” são destes livros (como aliás são todos os que o Sr. escreve) que a gente (não é o “agente” da Estação) lê, lê, lê, nunca enjoa de estar lendo, e fica com pena de ter que acabar de ler.

Eu acho que os livros do Sr. podem ser divididos em duas classes: à primeira, pertencem os livros que contam fatos passados no Sítio e à segunda pertencem os que contam cousas passadas fora do Sítio; como por exemplo os “Hércules”. Gosto de ambas as classes, mas acho que não há nada como o Sítio... Ele é a melhor cousa que já se imaginou no mundo. Acho que não existe nenhuma criança que não gostaria de morar lá. É mesmo “o suco dos sucos”, como dizem os “picapaus”.

Mas, voltando aos Hércules, gostei imensamente de ver como o Sr. foi encadeando inúmeras lendas gregas nestes livros. Acho até que eu já posso discutir a respeito da Mitologia Grega como o Visconde. E, por falar em Visconde, não deixe que ele torne a ser carrancudo: deixe-o “sábio como sempre e alegre como nunca”; ele assim se torna o que se pode chamar de um “sábio ideal”.

[...]

Agora um segredo (que Zeus não me ouça): o Hércules é só mesmo um “massa bruta”; se não fossem os “picapaus”!...

Fiáu, fiáu! Acho que, sozinho, ele não realizaria nem o primeiro trabalho; quanto mais doze! Para mim os “picapaus” valem mais do que todos os “Hércules” do mundo, reunidos [...]

E eu vou parar por aqui, porque se eu for falar a respeito de tudo quanto eu gostei nos “Hércules”, escrevo tanto, que dá para fazer uns outros 12 livros do mesmo tamanho e grossura que os “Hércules”. Mais uma vez lhe agradeço o presente.

[...] A opinião eu mandei, satisfazendo ao seu pedido: “Quero que os leia e me diga o que pensa a respeito; não elogios (isto é impossível), sim o que realmente sentiu na leitura e o que pensa da série.”

Da amiguinha, Cordélia. (Aguarda carta do Sr.)<sup>77</sup>

Cordélia, que já se correspondia frequentemente com Lobato, escreve ao autor – em carta anterior à que acabamos de ler – para pedir os 12 volumes de *Os Doze Trabalhos de Hércules* autografados. Vale frisar que este foi o formato inicial de impressão desta última empreitada lobatiana na literatura infantil, publicar cada trabalho do herói em um volume. Ao que parece, Lobato realiza o desejo da leitora e, ao enviar os livros, pede que ela mande sua opinião “sincera” sobre a história em uma cartinha.

Na obra em questão, a turminha do sítio viaja até a Grécia Antiga e ajuda Hércules a realizar os famosos “12 trabalhos” a que foi forçado. Por isso, Cordélia diz que Hércules não teria conseguido realizar as façanhas sem

<sup>77</sup> Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, C1P3C7.

a ajuda dos “picapaus”, e reforça a esperteza e inteligência das personagens – sem elas, a “força bruta” de Hércules não valeria de nada. Além disso, em seu comentário, a garota sublinha que prefere as histórias que se passam no sítio, pois “ele é a melhor coisa que já se imaginou no mundo”, é o “suco dos sucos”.

Há uma curiosidade sobre a remetente desta carta. Cordélia é a organizadora do livro *Cartas de Amor* (1969), que traz as cartas de Lobato para Purezinha, sua esposa, durante o período do noivado dos dois. Seria viável supor que o relacionamento entre a leitora e a família de Lobato tenha surgido a partir da correspondência entre a menina e o escritor? Considerando-se o estilo muito formal da primeira carta de Cordélia, quando comparada às seguintes, é possível conjecturar que remetente e destinatário não se conheciam, de modo que a familiaridade entre eles vai surgindo ao longo das cartas, havendo, inclusive, em uma delas, a menção a uma visita que a família de Cordélia havia feito à família de Lobato.

Pela carta de Cordélia, notamos que as personagens são eixos importantes a motivar esse diálogo escrito, o que, por sinal, repete-se na maioria das cartas do dossiê. No entanto, alguns leitores vão além – ao invés de tomarem Lobato como destinatário, dirigem seus escritos às personagens, a Emília e Dona Benta, mais especificamente. É interessante ler uma dessas cartinhas, pensando o que teria instigado a leitora a se utilizar desta estratégia.

Ilma. Sra.

D. Benta Encerrabodes de Oliveira e família. Como vão todos aí?

Como vai a Emília balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim, o inteligente paquiderme africano; Rabicó, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça?

Diga a esses amiguinhos meus (menos a Emília) que quando eu puder irei ajudá-los a “aventurar”. (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer – fazer aventuras)

Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.  
-du- bist- dumm<sup>78</sup> –  
von

Maria Luiza<sup>79</sup>

A leitora Maria Luiza, ao invés de escrever uma carta diretamente para Lobato, com quem já se correspondia, escreve para Dona Benta, a matriarca do sítio do Picapau Amarelo. Dona Benta era mesmo muito querida pelos leitores, que frequentemente falam em suas cartinhas da sábia avó de Pedrinho e Narizinho, que tantas histórias conta a seus netos e às crianças leitoras de Lobato! Também é ela quem transmite lições sobre várias disciplinas e ensina às crianças o amor pelo conhecimento. Podemos notar que a remetente pergunta a D. Benta sobre as personagens principais do sítio e vai atribuindo qualidades a cada uma. Além disso, envia recado às personagens e ao próprio Lobato. Ao invés de Lobato ser o porta-voz da leitora, portando recados para as personagens – como vemos em várias cartinhas de leitores –, aqui é uma personagem que se torna a mensageira de um pedido de desculpas destinado a Lobato.

Nota-se, pois, que as personagens, nessa carta – assim como em outras do acervo –, compõem a estratégia de estilo da remetente, recurso que Lobato também adota nas respostas que escreve a seus jovens missivistas, hipótese possibilitada pela leitura dos poucos exemplares conhecidos dessas cartas, dispersos em livros e acervos. No Fundo Monteiro Lobato, preservado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE), da Universidade Estadual de Campinas, há duas cartas de Lobato dirigidas à “srta. Maria Luiza”. Vejamos uma delas.

S. Paulo, 21/6/1936

Srta. Maria Luiza:

---

<sup>78</sup> “3 palavras dedicadas à Emília em alemão: você é estúpida.

<sup>79</sup> Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, C1P2C9.

Arrumando os meus papéis hoje, encontrei a sua cartinha azul de 11 de fevereiro e me deu vontade de lhe escrever sabendo como vai passando a minha amiguinha desconhecida e companheira de “livre pensamento”.

Tem lido muito? Aumentou a biblioteca? Naquele tempo tinha 110 volumes. E agora? Aposto que já está em 120.

Li sua cartinha lá no sítio do Picapau e a Emília disse: “Ela que venha aqui que eu tiro a prosa dela” – e como você disse que sabia alemão, a sapeca da Emília pôs-se a aprender alemão depressa para não fazer feio quando você vier. Ela já sabe dizer Como vai? Bem obrigada, e outras coisinhas assim na língua do barão de Münchhausen.

Emília, coitada, anda muito aborrecida, porque os livros já deram notícia que ela estava escrevendo as Memórias da Marquesa de Rabicó e essas memórias não saem nunca. Ela é uma danadinha para falar, mas quando pega na pena fica boba e não sai nada. Eu desconfo que quem vai escrever as memórias dela é o visconde – e depois, está claro que ela as assina com o maior caradurismo do mundo, como fez com a aritmética.

Este ano deu muita laranja lá, sobretudo cravo, e eles têm se regalado. Até Quindim está gordo de tanto mascar laranja – esse com casca e tudo.

Rabicó anda planejando qualquer coisa. Qualquer dia ele também sai com um livro, Geometria de Rabicó, qualquer coisa assim. Deu mania de escritor neles. Até Quindim está fazendo uma História Natural – e bem boa, para um animalão chifruado daqueles.

Bem, a prosa está boa mas é hora de ir tomar café. Já me chamaram (e com bolinhos de tia Nastácia). Por isso, adeus. Seja muito feliz e me escreva uma carta bem comprida e asneirenta como as da Emília.

Do amiguinho desconhecido

Monteiro Lobato<sup>80</sup>

Nessa carta, a segunda que escreve à leitora, Lobato não apenas insere comentários de Emília, como também introduz acontecimentos do *sítio*. Desse modo, o mundo ficcional dos livros é transposto para as cartas, de tal forma que este adquire um estatuto real, possível, algo verificável também pela inserção do próprio autor neste ambiente.

As cartas destinadas às personagens ilustram o cruzamento, constante

---

<sup>80</sup> CEDAE-UNICAMP. Fundo Monteiro Lobato, BL-Ms00003.

nessa correspondência, entre realidade e fantasia. Através delas, leitor e escritor – figuras históricas – cruzam os limites do real ao interagirem com as personagens e, reciprocamente, estas ganham historicidade ao se tornarem destinatárias de cartas e portadoras de recados. Supostamente, esse entrelaçamento entre real e ficcional se coloca como parte do pacto leitor/autor, integrando, ademais, a construção da identidade do leitor, que guarda, nas cartas ao autor, a mesma relação de proximidade/afastamento que mantém com os livros lidos.

Ressalta-se, ademais, que Lobato partilha com a leitora informações sobre a produção de outras obras – *Memórias da Emília*, narrativa já propagandeada em outros livros, está “difícil de sair”... E Lobato antecipa para a leitora o que, de fato, acontece na narrativa: o Visconde, subjugado pela Emília, é quem escreve as memórias da boneca. Além disso, outras ideias para possíveis livros paradidáticos são anunciadas. Tais comentários, além de, possivelmente, buscarem colher de antemão a reação do público, servem para mantê-lo na expectativa de novas aventuras – uma forma de publicidade que, personalizada no objeto da carta, poderia render bons frutos.

Possivelmente, para Lobato, essa correspondência era um recurso excelente para obter um *feedback* do impacto de suas obras sobre seu público alvo. Por vezes, elas parecem ter servido para algo mais, tornando-se fonte de inspiração para novas histórias. Em *O Sítio do Picapau Amarelo* (1939), atendendo a pedidos que vários leitores lhe faziam em suas cartas, o autor relata a visita de várias crianças ao sítio de D. Benta, quase todas, correspondentes do autor. Eis o trecho:

Dona Benta nunca deixou que os meninos dessem o seu endereço a ninguém, e isso porque milhares de crianças andavam ansiosas por passar temporadas lá (...) Mas quem pode com certas crianças mais espertas que outras?

Quem pode, por exemplo, com a Maria de Lourdes? Ou com a Marina Piza, ou a Maria Luiza, ou a Bjornberg de Coqueiros, ou o Raimundinho de Araújo, ou o Hélio Sarmento, ou a Sarinha Viegas, ou a Joyce Campos, ou a Edite Canto, ou o Gilbert Hime, ou o Ayrton, ou o Flávio Morretes, ou a Lucília da Carvalho, ou o Gilson, ou a Lêda Maciel, ou a Maria Vitória, ou Nice Viegas, ou os três Borgesinhos (Stila, Mário e Marila), ou o Davi Appleby, ou o Joaquim Alfredo, ou

a Hilda Vilela, ou o Rodriguinho Lobato e tantos e tantos outros?<sup>81</sup>

Este não é o único caso em que leitores de “carne e osso” são transmutados em personagens das narrativas. Há também o emblemático caso da leitora Maria de Lourdes, que assinava suas cartas com o pseudônimo “Rã”. Algumas das ideias que apresentou em carta a Lobato foram aproveitadas na elaboração de *A Reforma da Natureza* (1941), narrativa na qual a menina toma parte. Vejamos uma das cartas da leitora.

Caro Lobato:

Emília, a sapeca da Emília, gostou das minhas modificações? Ótimo! Já arranjei outra: podemos modificar também o descarado do Rabicó. No focinho ele levará um certo aparelho de minha invenção, um pouco parecido com uma ratoeira que lhe dará um “liscabão” daqueles, toda vez que ele for fossar minhocas ou roubar cocadas. As pernas serão trocadas por umas de tartaruga bem lesma, para impedi-lo de “desaparecer veloz pela fimbria do horizonte” quando merecer um bom ponta-pé pedriniano. O rabinho, para ficar mais chique, pode ser feito o de um cachorrinho lulu, dos bem frisadinhos. O nariz (já reparou que porco vive de nariz escorrendo?) terá um lenço automático que de 5 em 5 minutos dê uma limpadeira em regra. Que tal? Já é alguma coisa... Ai! Tive uma ideia! Linda! Ideia mãe! Que tal se a Emília pintasse no casco do Quindim a Branca de Neve com todos os anõezinhos em volta e todos os bichinhos também, ao lado do príncipe que a abraçava com um braço e com o outro esmagava a bruxa?

Aí o rinoceronte ficava tão lindo, tão lindo, tão tão tão lindo... que aposto que logo surgia uma rinoceronta toda pimpona com olhos de mel... Epa! E se o Quindim tivesse em vez de chifre uma flecha do Cupido com um coração assado na ponta? Ah! A pobre da vaca mocha no mesmo instante propunha casamento. [...] Com tanta maravilha assim, eu juro que o Gêgê e o Hitler bateriam o trinta e quatro de tanta incompreensão e abestalhamento. Seria otimíssimo!

[...]

Gostou do desenho? Merci...

Vou tentar a caricatura da Emília e a minha, reformando a “Mãe Natura”.

Good bye! Agradeça ao danado do Visconde a “lição de mestre” que

---

<sup>81</sup> LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza*. v. 12. São Paulo: Brasiliense, 1956. p. 155.

me deu. E peça por mim desculpas à Mocha, yes?

Rã

(veja só o emproamento do “r”)

E que a Emília tome cuidado e não queira fazer como o Pisca-pisca (modificando a jaticabeira e botando lá, abóboras...)

Quem avisa, amigo é...<sup>82</sup>

No referido livro, Emília, estando sozinha no *sítio*, decide reformar a Natureza e convoca para ajudá-la uma menina do Rio de Janeiro com a qual andava se correspondendo. Tal menina é a Rã, que, com o auxílio do “pó de pirlimpimpim”, vai até o *sítio* e realiza, juntamente com Emília, diversas reformas. Pode-se supor que, na correspondência com a garota, Lobato tenha comentado sobre a ideia “emiliana” de reformar a natureza, o que, por certo, serviu de inspiração para Rã, abrindo uma brecha para que ela tivesse ideias mirabolantes, compartilhadas com Lobato por carta, as quais acabaram se tornando matéria-prima da narrativa. De fato, algumas das reformas que acontecem no livro foram sugeridas pela leitora, como as modificações do Quindim e do Rabicó, que vimos no início da carta. Vejamos como ficam essas sugestões na história:

A reforma do Quindim, por exemplo, que a Rã fez sozinha, era a coisa mais esquisita que se possa imaginar. Em vez do famoso chifre sobre o nariz, que é característico de todos os rinocerontes, a Rã botou uma flecha de cupido com um coração assado na ponta. Assado, imaginem! E ornamentou os cascos de Quindim com pinturas; Branca de Neve com todos os seus anões.<sup>83</sup>

— E o Rabicó, então?- continuou Pedrinho – Está com cauda de cachorro lulu, toda frisadinha, e só com dois pés – e pés de tartaruga. E com uma ratoeira no focinho e lenço automático no nariz!...<sup>84</sup>

Embora várias cartas do dossiê, diferentemente das aqui lidas, mostrem-se pouco interessantes quanto ao estilo do missivista e à originalidade do conteúdo, no conjunto, representam o sucesso de Lobato em

<sup>82</sup> Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, C1P2C30.

<sup>83</sup> LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza*. Op. cit., p. 232.

<sup>84</sup> Idem, p. 243.

construir um mundo onde as crianças poderiam morar, tal qual ele morou no *Robison Crusóe* e n'*Os Filhos do Capitão Grant*, obras presentes em sua memória de leitura e relembradas em carta a Godofredo Rangel, de 07 de maio de 1926.<sup>85</sup> Nesses vestígios de memória deixados pelos leitores em suas cartas, o Sítio do Picapau Amarelo comparece como tendo sido o lugar em que, imaginariamente, várias crianças moraram durante a infância.

Creio que esse potencial encantatório da literatura do autor permanece atual e que, apesar da distância histórica e das muitas polêmicas que, na atualidade, a obra de Lobato tem suscitado, tal potencial é, por si só, argumento suficiente para que seus livros continuem sendo lidos e, inclusive, levados para a sala de aula – que se debata, que se discuta, que se faça a devida contextualização no processo de mediação que pais e professores podem conduzir, mas que não se retirem essas obras das estantes. É o mínimo que devemos a Lobato mediante o legado que nos deixou.

---

<sup>85</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. São Paulo: Brasiliense, 1956, v. 2, p. 293. Obras Completas.

## CAPÍTULO V - Correspondência com Yaynha Pereira Gomes

Dr. Silvio Tamaso D’Onofrio

**Y**aynha Pereira Gomes nasceu em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, em 27 de Março de 1885, e faleceu em São Paulo, a 6 de Outubro de 1975. Não há informações de como conheceu Monteiro Lobato. O que se sabe é que em 1924 Yaynha publicou um livro de contos, *Quinze noites*, por meio de uma das editoras de Lobato<sup>86</sup>. Foi a estreia em prosa da autora, ela que já havia lançado dois livros de poesia: *Páginas de sonho*, de 1920<sup>87</sup>, e *Folhas que caem*, de 1922<sup>88</sup>. Além das artes escritas, Yaynha Pereira Gomes também produziu no âmbito das artes plásticas, tendo participado de ao menos nove edições do “Salão Paulista de Artes Plásticas”, entre 1935 e 1951<sup>89</sup>.

Conhecidos os dois, Lobato frequenta saraus literários na residência do casal Yaynha Pereira e José Maria Gomes, este um leprologista bem-conceituado, como ela própria descreve em seu livro *Colcha de retalhos: Páginas de impressionismo*, de 1926, obra de crônicas e crítica:

<sup>86</sup> GOMES, Y. P. *Quinze Noites: Contos*. São Paulo: Companhia Gráfica-Editora Monteiro Lobato, 1924.

<sup>87</sup> GOMES, Y. P. *Páginas de sonho*. São Paulo: Typographia São Luiz, 1920.

<sup>88</sup> GOMES, Y. P. *Folhas que caem: Versos*. São Paulo: Casa Mayença, 1922. Adicionalmente, nota não assinada divulgada na imprensa, sob o título “Quinze Noites”, permite considerar esta como sendo a terceira obra de Yaynha: “[...] Duas coletâneas de versos que já deu ao prelo, assinaram-lhe lugar entre as mulheres cultas do país [...]”. QUINZE Noites – Yaynha Pereira Gomes – Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato – S. Paulo – 1924. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 107, p. 34, nov. 1924.

<sup>89</sup> YAYNHA Pereira Gomes. In: *ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras*. São Paulo: Itaú Cultural, 2019. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa343668/yaynha-pereira-gomes>>. Acesso em: 1 jan. 2020.

Hoje, que a nossa Pauliceia está deserta de Lobato, como é grato lembrar os nossos serões, em minha casa. Lobato era um visitante semanal. Sua palestra era simples e às vezes ingênua. Nada de literatura. Andava abarrotado de letras gordas e magras. Gostava de falar na sua peregrinação pelo Interior. Recordar a vida boêmia com a lembrança de Ricardo Gonçalves, o poeta que tão tragicamente saiu desta vida, e a quem exaltava. Fora dos seus íntimos. Julio Cezar da Silva, encantava-o com as suas aventuras. Mas só o vi rir a bom rir, quando me surpreendeu com o livro de versos – *Sereno na flor*<sup>90</sup>. Lobato não sabia rir. Aqui em São Paulo não se ri bem. Talvez agora no Rio de Janeiro, aprendesse essa arte incomparável que é o maior bem da vida... Excelentes noitadas!...<sup>91</sup>

## Cartas a uma senhora amiga

O professor da Universidade Nacional de Brasília, Cassiano Nunes, “lobatólogo” como ele mesmo se definia, publicou por conta própria em 1983 um livro intitulado *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga* que trata da correspondência entre Monteiro Lobato e Yaynha Pereira Gomes<sup>92</sup>. Na primeira página do livro, Cassiano Nunes agradece à Maslowa Gomes Venturi, filha de Yaynha Pereira Gomes, por fornecer cópia da correspondência que,

---

<sup>90</sup> Obra de José Florêncio Pereira. O crítico Brito Broca rememorou episódio em que um sujeito entrou no escritório de Monteiro Lobato, cumprimentou-o e, sacando um maço de papéis do bolso, afirmou: “- Tenho aqui mais versos, doutor”. Seríssimo, Lobato pede para Brito Broca ler os poemas do homem, apresentado por Lobato como poeta inspirado – era José Florêncio Pereira. Não sabendo se tratar de farsa ou não, Broca constringe-se porque as pueris e desconexas estrofes eram todas terminadas em “Como o sereno na flor”. Registra Brito Broca: “Daí a uns três meses aparecia o livro do seu Florêncio, *O sereno na flor*, editado por Monteiro Lobato. Foi um sucesso: esgotou-se rapidamente [...] Estávamos em pleno Modernismo. E muita gente considerou o seu Florêncio modelo de poeta ‘futurista’. Lobato entusiasmara-se com o homem. Era genial, não havia dúvida. Decorou-lhe muitas quadrinhas e citava como exemplo de inspiração verdadeiramente apocalíptica, a seguinte: ‘Os porcos ruge / Os bezerro berrô / Tudo na ordem / Como o sereno na flô’. – Isto é um gênio! – Gritava Lobato – Onde encontrar uma combinação tão admirável de disparates?” (BROCA, B. O Monteiro Lobato que eu conheci. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 57, n. 26, p. 53, 28 jun. 1958). O livro de Florêncio Pereira saiu pela Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato em 1925, prefaciado por Monteiro Lobato.

<sup>91</sup> Conforme p. 252 de BIGNOTTO, Cilza C. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 421p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2007. Nas transcrições apresentadas neste capítulo, optou-se pela modernização do idioma e, em pontos ilegíveis ou duvidosos, grafou-se o caractere da interrogação entre parênteses “(?)”.

<sup>92</sup> NUNES, C. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: Imprensa Copidart, 1983.

aqui, volta à tela por intermédio da filha de Maslowa, Sandra Venturi<sup>93</sup>. Maslowa Gomes Venturi teve cinco romances publicados, traduziu livros para as editoras Brasiliense, Companhia Editora Nacional e Ibrasa, além de ter colaborado com a imprensa em artigos de crítica literária<sup>94</sup>.

Nas 27 páginas de seu opúsculo, Cassiano Nunes não transcreve as missivas. Transcrever cartas é questão delicada e por muito já se debateu a respeito. O motivo foi abordado com clareza pelo estudioso francês Philippe Lejeune, em 1998, na crônica “A quem pertence uma carta?”. Segundo este autor, enquanto não enviada, a carta é do missivista. Depois, do destinatário, e quando este morre, de seus herdeiros. No entanto, essa propriedade é limitada pelo direito de propriedade intelectual do autor e/ou dos herdeiros deste, e, ainda, pelo direito de uma terceira pessoa (ou herdeiros dela) que pode ter algum aspecto de sua vida desvelado na carta, opondo-se à publicação<sup>95</sup>.

Além da esfera jurídica, o preparo de material epistolar para publicação em livro pode sofrer interferência de ordem vária. Segundo a historiadora da correspondência Janet Altman, quando da passagem do âmbito privado inicial para publicação, em livro, por exemplo, as cartas podem ser “corrigidas, revisadas, truncadas, contextualizadas”. Além disso, cartas publicadas em livro são necessariamente reendereçoadas, uma vez que não se destinam ao correspondente inicial, mas ao leitor do livro, que faz leitura diversa, em outro momento histórico, tendo o efêmero valor da escrita original já evanescido<sup>96</sup>. Lobato mesmo tematiza essa questão do preparo de cartas para a publicação em uma de suas famosas missivas ao amigo Godofredo Rangel, sinalizando a eventual correção de gralhas para a publicação de um livro com o material editado: “Achei ótima a ideia de você mesmo bater na máquina as suas cartas. Farei isso às minhas, e assim as depuraremos dos gatos, do bagaço, das

---

<sup>93</sup> O autor empenha seu mais sincero agradecimento à digníssima senhora Sandra Venturi pela generosidade.

<sup>94</sup> VENTURI, M. G. Teoria da Distância. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, n. 6, p. 10, 20 jul. 1939. Publicou ainda, entre outros, *Vozes sem eco* (1950), *Portão fechado* (1953) e *Trilha perdida* (1971). Traduziu entre outros: J. Hyatt Downing, Maureen Daly, Conde Sforza e Benjamin Nelson.

<sup>95</sup> LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: NORONHA, Jovita M. G. (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet / Philippe Lejeune*. Trad. J. M. G. Noronha (et al). Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 253.

<sup>96</sup> ALTMAN, Janet G. The letter book as a literary institution 1539-1789: toward a cultural history of published correspondences in France. In: *Yale French Studies*, Yale University Press-USA, n. 71, 1986, p. 19. Disponível em: <<http://www.jstor.com/stable/2930021>>. Acesso em: 1 jan. 2020.

inconveniências”<sup>97</sup>

No livro de Cassiano Nunes, o autor não revela quantas cartas leu, nem quantas havia disponíveis para leitura no acervo consultado. Em suas obras posteriores *A atualidade de Monteiro Lobato: Uma revisão crítica* (1984) e *Monteiro Lobato vivo* (1986), Cassiano novamente faz menção a cartas de Lobato a Yaynha, e, aparentemente, a cartas não citadas anteriormente, mas igualmente não transcreve senão poucas frases aqui e ali, e mantém o silêncio quanto ao número de documentos a que teve acesso.

Buscando informações adicionais sobre essa correspondência entre Monteiro Lobato e Yaynha Pereira Gomes, sobre o ineditismo do conjunto documental agora (re)localizado, possíveis menções na imprensa, estudos, transcrições, memórias, deparamo-nos com o documento intitulado “Painel geral da correspondência ativa de Monteiro Lobato”<sup>98</sup>, produzido pelo projeto temático “Monteiro Lobato (1882-1948) e outros Modernismos Brasileiros”<sup>99</sup>, desenvolvido junto ao Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, nos anos 2000. Este Painel elenca informações básicas de 19 cartas remetidas por Monteiro Lobato a Yaynha Pereira Gomes e, dos 19 registros, 18 indicam as mencionadas obras de Cassiano Nunes como fonte primária. O registro adicional não aponta onde se localiza, ou de onde vieram as informações da carta datada 23 de julho de 1927 (p. 63). No acervo recém-consultado, não se localizou epístola remetida nesta data.

## O acervo em detalhes

São 47 documentos, sendo 33 manuscritos e 14 datiloscritos. Cinco desses documentos se utilizaram de papel timbrado<sup>100</sup> e 42 são sem timbre. No total, são 92 páginas escritas por Monteiro Lobato, compostas da seguinte maneira: dois documentos com seis páginas cada; dois documentos com quatro páginas cada; seis documentos com três páginas cada; 17 com

<sup>97</sup> LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 8. ed. Tomo 1. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 354.

<sup>98</sup> Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/AtivaAnoAnoComSeparacao.pdf>>. Acesso em: 1 jan. 2020. Neste documento, o prenome da destinatária foi grafado “Iainha”.

<sup>99</sup> Página de apresentação do Projeto disponível em: <[https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/projeto\\_tematico.htm](https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/projeto_tematico.htm)>. Acesso em: 1 jan. 2020.

<sup>100</sup> “Companhia Petróleo do Brasil”, “Companhia Editora Nacional”, dois de “Monteiro Lobato & Co. Editores” e “Munson Steamship Lines”.

duas e 20 com uma. Como locais de envio, há efetivamente indicação de procedência em: 12 documentos de Nova Iorque; três do Rio de Janeiro; um de Buenos Aires; um “at sea”<sup>101</sup>, a bordo do navio, no timbre “Munson Steamship” e um da Casa de Detenção, em São Paulo. Adicionalmente, pelo conteúdo apresentado, julgamos aparente esquecimento do autor em grafar o local de origem da carta quando escreve duas de Nova Iorque e duas do Rio de Janeiro. Como locais supostos de origem, questionáveis, existem: uma de Nova Iorque, oito do Rio de Janeiro e uma de São Paulo. Em 15 documentos, muitos deles de exíguo conteúdo, que na linguagem corrente poderiam ser chamados de bilhetes, simplesmente não há como apontar o local de origem.

Com relação a identificações e assinaturas, no conjunto dos 14 datiloscritos há assinatura manual em cinco deles e, pensando no conjunto total, 47 documentos, em três deles não há assinatura. A grande maioria das cartas é iniciada pela expressão “D. Y<sup>a</sup>” ou “D. Yaynha”.

São muitos os nomes de pessoas e obras citadas no conjunto documental<sup>102</sup>, mas, em termos de periódicos citados, são estes apenas: *A Manhã*, *Diário da Noite*, *Diário Popular*, *Jornal do Commercio*, *La Prensa*, *O Jornal*, e *The New York Times*.

Como datas-limite, de quando a quando ocorrem as cartas. Naqueles documentos onde a data foi especificada, há o período 1925 a 1946.

## 21 anos de correspondência literária

Tendo por base o subtítulo da famosa, certamente uma das mais importantes obras da produção escrita de Monteiro Lobato, *A barca de Gleyre* (1944), essa correspondência entre Monteiro Lobato e Yaynha

<sup>101</sup> “At sea” é como Lobato inicia a carta datada 27 de maio de 1927. Acervo Sandra Venturi.

<sup>102</sup> Apenas por ilustração que possivelmente desperte interesse, mencione-se: *Au Bonheur des Dames*, *O jardim secreto*, *A dama das camélias*, *Jeca Tatuzinho*, *Mister Slang e o Brasil*, *O choque de raças*, *Quinze noites*, *Reinações de Narizinho*, *Snub-Nose Adventures*, Alarico Silveira, Anna de Noailles, Antônio Torres, Artur Bernardes, Carlitos, Conde Matarazzo, Corneille, Cel. Fernando Prestes, Cunhambebe, D. Calderon de la Barca, Doctor Cara de Col, Doutor Caramujo, Emile Zola, Emilia, Marinetti, Barclay, Frei Luís de Souza, Freitas Valle, Nietzsche, Hans Staden, Henry Ford, Inês de Castro, Jean de Lery, Jocasta, Juan Ramón Prieto, O Judeu Errante, Krishnamurti, Luís de Camões, Mme. De Sévigné, Manequinho Lopes, Maomé, Maslowa Gomes Venturi, Octalles M. Ferreira, Pedro Álvares Cabral, Tácito, Vergílio, Purezinha M. Lobato, Rasputin, Richelieu, Sacco e Vanzetti, Shakespeare, Sylvio Floreal, Thomé de Souza, Voltaire, Washington Luís, entre outros.

Pereira Gomes poderia também ser caracterizada como literária. São vários assuntos, normalmente pessoais, particulares, mas também há espaço para literatura e ideias, passando por comentários sociais e políticos. É mais ou menos o mesmo do que ocorre n'A *barca*. Comentando o lançamento d'A *barca de Gleyre*, Edgard Cavalheiro afirmou algo que também cabe aqui, nesta correspondência, posto que ela “põe em foco uma série de questões e problemas de toda uma época, e nos oferece o mais expressivo auto-retrato que se poderia desejar de um escritor”<sup>103</sup>, que é, no final das contas, um Lobato “sem filtro”, em suas “críticas desabotoadas”, como também definiu Cavalheiro. Ou seja, sem o rigor, a atenção e o preparo revisional que incide na escrita destinada a vir a público – e talvez aqui isso se apresente de forma mais pronunciada do que em *A barca de Gleyre*, pelas circunstâncias já apresentadas.

Ao mesmo tempo, o subtítulo de *A barca de Gleyre* implicaria certa inadequação em uma obra que promete apresentar dados de uma “correspondência” – algo que se deduz seja entre duas ou mais partes e que contemple um aspecto transacional, com itens sendo correspondidos. Infelizmente, como no caso das cartas com Godofredo Rangel, aqui também a correspondência aparece apenas em uma via, aquela em que é Monteiro Lobato quem se pronuncia. As missivas remetidas por Yaynha Pereira Gomes não foram localizadas por enquanto. Alguém poderá lembrar, neste ponto, que talvez seja aquele mesmo Edgard Cavalheiro quem poderia dar explicações a este respeito. Estudos recentes, no entanto<sup>104</sup>, demonstram que o “Arquivo Monteiro Lobato” – grande quantidade de documentos impressos e manuscritos que Lobato deixou com Cavalheiro antes de se mudar para a Argentina – foi devolvido à família Lobato pouco antes do falecimento deste. Em idêntico sentido, pronunciaram-se Cassiano Nunes e o editor Nelson Palma Travassos.<sup>105</sup>

A amizade entre Monteiro Lobato e Yaynha Pereira Gomes é o fio condutor da correspondência, segundo a leitura de Cassiano Nunes, para

<sup>103</sup> CAVALHEIRO, Edgard. Correio literário de São Paulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 21 out. 1944, p. 16.

<sup>104</sup> D'ONOFRIO, S. C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 394p. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012, p. 34.

<sup>105</sup> D'ONOFRIO, S. C. T. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. Op. cit., p. 34.

quem o destaque fica por conta da revelação de um lado ameno, pacato até, em Monteiro Lobato. Nas palavras de Cassiano Nunes, “o Lobato mais de varanda e de cadeira de balanço do que de salão chique, copo de whisky na mão e ‘flash’ para as colunas sociais”<sup>106</sup>.

Apesar da caligrafia complicada, composição anárquica, acentuação na maioria das vezes inexistente, os inexoráveis sublinhados e citações latinas, o que se obtém da leitura desse conjunto documental são impressões, ideias e projetos sobre as questões do ferro, da metalurgia e do petróleo; menções ao governo brasileiro; a luta pela isenção de impostos incidentes no papel do livro; há assunto literário e editorial, sem dúvida, crítica e revisão de obra literária de Yaynha, de sua própria obra (revela detalhes de planos, traduções, tiragens) e também de terceiros, entre outros fatos e particularidades do próprio Lobato e de sua vida, de seus familiares e de conhecidos. Na parcela remetida de Nova Iorque, há relatos sobre uma cafeteria que Lobato abriu com sócio brasileiro (negócio que diz estar indo bem e prometendo criar filial) e numerosos reportes de visitas a exposições, museus, teatros, monumentos e logradouros históricos públicos, cinema e tudo o mais que se possa pensar em termos de cultura<sup>107</sup>, além de pitorescas observações sobre a sociedade. Como exemplo disso, Lobato escreve sobre possível nova colocação profissional sua na América:

É um lixo rico, onde há tanta coisa aproveitável que dá vontade de ir catar. O americano é esbanjador. Considera lixo e põe fora coisas que para mim, aí, valeriam ouro. Estou vendo se largo do emprego para ser lixeiro – ou lixeiro exportador de coisas que aqui nada valem e aí seria grana(?) em caixa.<sup>108</sup>

---

<sup>106</sup> NUNES, C. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. Op. cit, p. 7.

<sup>107</sup> Em um desses relatos: “Comprem um bilhete de Espanha, tirem a sorte grande e venham todos, inclusive D. Zulmira. Venham ver o que é teatro. Temos aqui 785 teatros com uma frequência média por dia de um milhão de espectadores. São édens alguns deles” (carta sem data, *incipit* “Caros amigos da rua Caio”).

<sup>108</sup> LOBATO, M. Correspondência inédita para Yaynha Pereira Gomes. Nova Iorque, 22 de junho de 1927. Acervo Sandra Venturi.

## Há coisas que começam com a aparência de pecado e acabam em beleza<sup>109</sup>

Se em algum lugar Lobato se afirmara um escritor nascido pintor, da correspondência com uma artista plástica, poder-se-ia esperar localizar o assunto tematizado entre suas linhas. Não é exatamente o que ocorre aqui; ao contrário, são escassas menções ao gênero que consagrou o Charles Gleyre de *Lost Illusions*. Apesar de não integrando o conjunto documental a que é dedicado este capítulo, duas aquarelas de autoria de Monteiro Lobato também perfazem o mesmo acervo documental. Elas retratam uma casa de campo na região de Campos do Jordão-SP e possuem dedicatória de Monteiro Lobato a Yaynha Pereira Gomes.

Já a crítica, esta é bastante presente, como seria de se esperar nos escritos de alguém que publicara, com tanto alarde, o artigo “Velha praga” poucos anos antes. Em outros momentos, nestas missivas, percebe-se o grande “carteador” refletindo sobre a arte da epistolografia: “Quando há assunto demais não se deve escrever. Sai tudo atropelado e ininteligível. Cartas boas são as escritas quando não há assunto”<sup>110</sup>.

Excerto de duas dessas apreciações epistolares foram utilizados na seção intitulada “Algumas opiniões sobre as obras da autora” e impressa em livro de Yaynha Pereira Gomes<sup>111</sup> com crédito a Monteiro Lobato. Originalmente, os conteúdos figuraram em cartas diferentes, uma delas aparentemente do Rio de Janeiro, sem data, e a outra sem local e sem data. O trecho original de uma das cartas, ampliado com relação ao impresso em offset, é o seguinte:

O estilo também ótimo, seco, sem berloques femininos nem exibicionismo verbal à C.N.(?). Estou entusiasmado com o seu romance e mais empenhado(?) de que nunca em amputá-lo(?) todos os defeitos para(?) que venha(?) a público inatacável.

<sup>109</sup> GOMES, Y. P. Epígrafe. In: \_\_\_\_\_. *Exilada do tempo: Poesia*. São Paulo: Fulgor, 1963, p. 7.

<sup>110</sup> LOBATO, M. Idem, 30 de agosto de 1927.

<sup>111</sup> GOMES, Y. P. *Exilada no tempo: Poesia*. Op. cit., p. 81.

O outro entrecho é o seguinte: “Está um romance a liatores rumpus(?)<sup>112</sup>, independente, sem escola, personalíssimo. Em homenagem, peço-lhe que beba por mim uma garrafa de espumante, entre hips e hurras. Toque!”

Em meio a algumas cartas, é possível também abstrair conceitos estéticos de Lobato, muitas vezes expressos de forma corriqueira. É o que ocorre em carta sem data e sem local de envio, quando o criador da Emília escreve sobre um romance de Yaynha: “Mas já vi que está movimentado e bastante dialogado, coisas indispensáveis num romance moderno. Movimento é tudo, na vida e na arte. A ausência dele traz na vida o pântano e na arte a ‘cacetização’”. Ou, em outro momento da mesma carta:

Estas pequenas coisas da técnica formal do romance têm tanta importância como as grandes para a clareza da exposição. Não tenha pressa, Da. Yaynha. Lembre-se que a estreia de um autor no romance é caso sério e é preciso entrar vencendo. Faça datilografar a *Volúpia* e depois debatamos o caso. Só lhe digo (e com a experiência dos séculos (?)) que quanto mais a sra. amassar a massa, mais macio sai o pão.

Há espaço também para nostalgia e o inseparável humor que, por vezes, flerta sarcástico, quase transformado em Emília: “Sinto grandes saudades das palestras acompanhadas e tão cordiais da sua casa. Como as horas corriam ao soar dos sapos na baixada! E os doces tão gostosos. Até os trocadilhos do Dr. sinto falta. Achava-os maus. Hoje vejo que eram ótimos. A distância embeleza tudo, até os trocadilhos”<sup>113</sup>. Em outro momento, Lobato registra algo próximo ao solilóquio, poético até:

Aqui, frio, e a tristeza infinita do inverno. A morte da vegetação é completa e isso imprime n'alma(?) uma indefinível(?) sensação de fim de tudo. Já estou saudoso dessa coisa a que nunca liguei(?) importância chamada folha verde. Nem uma para remédio se encontra, a não ser nas estufas dos jardins botânicos. Só as há, e poucas, secas, voando pelo chão ao sabor dos ventos e dando a ideia de pardais. Quando cheguei o chão do jardim estava pululando de pardais. Agora, volta e meia me iludo com a folha que o vento move. Substituem perfeitamente os

---

<sup>112</sup> Aparentemente expressão latina não decifrada. Original manuscrito encontra-se sublinhado.

<sup>113</sup> LOBATO, M. Idem, sem local (aparentemente NY), sem data.

pardais – que eu não sei dizer(?) é se melhoram(?).<sup>114</sup>

E, em se tratando de um autor que é constantemente acusado de impropriedades em termos de postulados sobre raça e gênero, o acervo agora novamente localizado oferece a oportunidade para um pouco mais de leitura e reflexão, afinal, Lobato e família planejaram, em 1929, passar férias na ilha caribenha de Barbados: “Estou considerando [...] Barbados, onde tudo é negro. Mas creio que o mais certo é ir dar com a tribo em Portugal”<sup>115</sup>.

Em outro momento, comentando as diatribes ao redor de seu possível ingresso na Academia Brasileira de Letras, episódios que merecem um volume exclusivamente dedicado ao tema, plenos daquilo que Aristóteles chamou de *peripeteia*, no teatro clássico, afirma Monteiro Lobato: “Entrarei por antiguidade, já que não posso fazer por merecimento. Mas entrarei. E lá dentro trabalharei para que a Academia abra as portas às mulheres, visto ser absurdo isto de admitir sexo para a inteligência”<sup>116</sup>.

---

<sup>114</sup> LOBATO, M. Idem, *ibidem*.

<sup>115</sup> LOBATO, M. Idem, 9 de maio de 1929.

<sup>116</sup> LOBATO, M. Idem, sem local, sem data.

## CAPÍTULO VI - Lobato e Getúlio

Prof. Dr. John Milton

### “O petróleo é nosso!”

Lobato, de volta ao Brasil em 1930, depois de passar quatro anos em Nova Iorque como adido comercial, dedicou a maior parte de sua energia na década de 1930 à prospecção de petróleo e à tentativa de convencer o governo Vargas de que o Brasil deveria aproveitar seus próprios recursos de petróleo e de ferro. Ele tinha perdido bastante dinheiro no *Crash* de Wall Street em 1929, e o restante de sua fortuna vai-se nessas tentativas.

Lobato escreveu algo em torno de nove cartas para o Presidente Getúlio Vargas, inicialmente em 19 de dezembro de 1930, lembrando-lhe da indiferença que o governo tinha para com suas tentativas de fazê-lo se interessar pelo desenvolvimento da indústria siderúrgica.

Há três anos que minhas tentativas para que o nosso governo tome conhecimento técnico deste processo siderúrgico, como base de uma orientação segura na matéria, esbarram numa indiferença que não me explico. Apesar de haver apresentado as informações mais completas e, mais, ter promovido todas as necessárias experiências com minérios de Minas e cascas de café e babaçu, graças à cooperação oficiosa de um eminente industrial brasileiro, nenhuma reação ainda revelou qualquer interesse por questão de tal magnitude. Não será crime retardar assim o início da revolução econômica que tudo está impondo ao Brasil?<sup>117</sup>

---

<sup>117</sup> NUNES, Cassiano (Org.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986, p. 131; CARVALHO, Daniel Alencar de. “Monteiro Lobato escreve a Getúlio Vargas: Experiência política e narrativas sobre o petróleo no Brasil (1930-41)”. *Anais do Encontro Regional Nordeste de História Oral, Ficção e Poder: Qualidade, Imagem e Escrita*. Universidade Federal de Ceará, Fortaleza, 9-12 de maio de 2017, p. 3-4.

E continua com suas críticas acirradas à atitude do governo brasileiro:

O Brasil é rico em petróleo. Dada a sua área territorial, as existências de petróleo no Brasil são seguramente maiores que as de outro qualquer país. Mas entre um país ter óleo e encontrar óleo, vai uma pequena diferença. O petróleo, como V. sabe, está em crise por excesso de produção. Embora o termo das reservas conhecidas seja coisa para não remoto futuro, dado o espantoso consumo atual, há, no momento, excesso de produção e pois interesse das grandes companhias monopolizadoras em que não se abram novas fontes. Fique sabendo que o petróleo não é encontrado no Brasil por uma razão muito simples – porque não convém a essas companhias. Não têm elas no momento interesse no petróleo no Brasil, mas têm-no e forte no mercado que o Brasil já é para o petróleo que elas refinam. Em vista disso, inutilizam todos os esforços de seu país, por intermédio de particulares ou do governo, para descobrir petróleo. As sondagens lá feitas não merecem fé. O Brasil paga a um geólogo ou a um driller, para achar petróleo, algumas vezes menos do que tem ele dessas grandes companhias para não achar petróleo e limitarem-se a relatórios que não matem as esperanças. O negócio do petróleo está controlado no mundo por um grupo de homens agressivos que jamais primaram por excesso de escrúpulos. Nada lhes é, quanto ao Brasil, dispenderem secretamente 50 ou 200 mil dólares cada vez que na maior boa fé seu país faz uma tentativa com técnicos estrangeiros para descobrir petróleo.<sup>118</sup>

Em 1934, Lobato criticou abertamente o novo Código de Minas e se envolveu na prospecção de petróleo. Mais à frente, esse conjunto de cartas também teria papel definitivo na composição de seu best-seller *O Escândalo do Petróleo*<sup>119</sup> e no infantil *O Poço do Visconde*<sup>120</sup>; Lobato também organizou e escreveu o prefácio de *A Luta pelo Petróleo*, de Essad Bey<sup>121</sup>.

De 1934 a 1936, ele organizou várias tentativas de encontrar petróleo, porém elas foram interrompidas pelo Estado Novo, decretado em 10 de

---

<sup>118</sup> NUNES, C. (Org.). *Monteiro Lobato vivo*. Op. cit., 131-132; CARVALHO, D. A. de. Idem.

<sup>119</sup> LOBATO, Monteiro. *O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1936.

<sup>120</sup> LOBATO, Monteiro. *O Poço do Visconde*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.

<sup>121</sup> BEY, Essad. *A Luta pelo Petróleo*. Tr. Charley W. Frankie. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

novembro de 1937, que o proibiu de seguir com sua prospecção. Com a imprensa silenciada, Lobato voltou a seu velho exercício de escrever para os governantes. Em 31 de março de 1938, em carta a Getúlio Vargas, lembrou o que expusera em *O Escândalo do Petróleo* (1936), ou seja, que, ao cancelar os registros já realizados de jazidas, o Código de Minas gera grandes perdas aos empreendimentos então existentes.

Na última missiva, por ocasião do aniversário de Getúlio e datada de 19 de abril de 1941, Lobato manda um “presente” para o Presidente. Lobato a escreveu do Presídio Tiradentes, em São Paulo:

Amanhã é dia de seus anos. Quero dar-lhe um presente. Esse presente é uma ideia. Essa ideia é a seguinte: Assim como o governo formou a Cia. Nacional Siderúrgica, com 500 mil contos de capital, por que não funda também a Cia. Nacional de Petróleo, com outros 500 mil contos de capital? Era o meio de ao mesmo tempo solver os problemas do ferro e o do petróleo, de igual importância.<sup>122</sup>

O governo finalmente seguiu a sugestão de Lobato de investir na produção de aço. Depois da morte de Lobato, em 1953, o Governo de Vargas iria estabelecer a Petrobrás.

## O Emprego Público

Diferente de muitos dos seus contemporâneos, Lobato nunca procurou a sinecura de um emprego público, que lhe permitiria viver sem preocupações financeiras. De fato, em 1931, quando retornou dos Estados Unidos, Vargas lhe ofereceu uma posição no governo e, em 1934, provavelmente com a ideia de que seria muito melhor tê-lo como aliado do que como inimigo, convidou-o Lobato a “estudar a hipótese de dirigir os serviços de um “Ministério” ou de um “Departamento de Propaganda”, a ser criado no seu governo<sup>123</sup>. Em julho

---

<sup>122</sup> NUNES, C. (Org.) *Monteiro Lobato vivo*. Op. cit., p. 131; CARVALHO, D. A. de. “Monteiro Lobato escreve a Getúlio Vargas: Experiência política e narrativas sobre o petróleo no Brasil (1930-41)”. Op. cit., p. 8-9.

<sup>123</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. 2. t. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955, p. 484.

de 1940, a oferta foi renovada<sup>124</sup>. Possivelmente Vargas viu o grande sucesso que Goebbels, o Ministro de propaganda de Hitler de 1933 a 1945, estava conseguindo e pensava em Lobato como um Goebbels brasileiro. Porém, Lobato recusou todas as propostas.

No mundo beletриста das letras brasileiras nos anos de 1920 e de 1930, a profissão do tradutor de livros tinha pouco prestígio. Era labuta, quase trabalho braçal, pouco apropriado a um *homme de lettres*. Em *Intelectuais na Vida Pública Brasileira: Mário de Andrade e Monteiro Lobato*, tese de doutorado de Neide Moraes de Mello, seguindo Sérgio Miceli, descreve a ação dos intelectuais brasileiros entre as décadas 20 e 40, concentrando-se

em seu papel “orgânico”, ora no interior do Estado, ora num “mercado de postos” na iniciativa privada e no serviço público, mas sempre restrito a profissões liberais, tratando em sua maioria de advogados e professores de faculdades de Direito, os quais por meio de uma rede de contatos familiares vão expandindo a oferta de seus serviços e reproduzindo-se enquanto tais sem provocar alterações na escala do campo econômico e no *status quo*.<sup>125</sup>

Lobato atacou esse monopólio, recusando “um lugar no sol”<sup>126</sup>, e preferiu manter sua independência, sobrevivendo de traduções e *royalties*.

Miceli enfatiza a maneira pela qual o governo de Vargas cooptou muitos intelectuais e escritores, entre eles, Mário de Andrade, Alceu Amoroso Lima, Carlos Drummond de Andrade, Abgar Renault, Heitor Villa-Lobos, Emiliano di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Cândido Portinari<sup>127</sup>. Esses artistas tinham acesso a projetos governamentais, às principais editoras particulares, como a José Olympio, “é às principais sinecuras do campo intelectual”, com as autoridades públicas se convertendo “na instância suprema de validação e reconhecimento da produção intelectual”<sup>128</sup>. De um total de 30 candidatos

---

<sup>124</sup> CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. Op. cit., p. 468.

<sup>125</sup> MELLO, Neide Moraes de. *Intelectuais na Vida Pública: Mário de Andrade e Monteiro Lobato*. 160p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006, p. 142.

<sup>126</sup> MICELI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIF, 1979, p. xv.

<sup>127</sup> MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Op. cit.

<sup>128</sup> MICELI, S. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. Op. cit., p. 160.

eleitos à Academia Brasileira de Letras entre 1930 e 1945, 70% pertenciam aos altos escalões da burocracia governamental<sup>129</sup>. Lobato havia tentado duas vezes entrar na Academia, em 1921 e 1926, ambas sem sucesso.

## As críticas a Peter Pan

A adaptação de *Peter Pan* causou vários problemas para Lobato. A forma de recontagem lhe permitiu a possibilidade de inserir suas próprias opiniões dentro do texto, usando Dona Benta ou os picapauzinhos como seus porta-vozes. Em suas primeiras edições do *Peter Pan*, as críticas ao governo brasileiro eram mais fortes. Na primeira edição, de 1930, Lobato critica a política econômica de altos impostos sobre bens importados, especialmente brinquedos:

“Por que será que os brinquedos no Brasil custam tanto dinheiro e são tão ordinários?” indagou o menino. “Aquele urso que vovó comprou: cinco mil réis, e nem bem saiu do pacote já derrubou o rabo e entortou a orelha.”

“Por causa dos impostos, Pedrinho. Quando você for presidente da República precisa fazer uma lei que acabe com essa pouca vergonha de cobrar altos impostos sobre cavalinhos de pau, trenzinhos de lata, patinhos de celuloide, gaitas de assoprar, etc. Tome nota.”<sup>130</sup>

Na segunda edição, de 1935, *Peter Pan: a história do menino que não queria crescer*, contada por Dona Benta, suas críticas à política econômica brasileira da ditadura Vargas, nessa época em pleno poder, são mais duras:

“Por que vovó, os brinquedos no Brasil custam tanto dinheiro e são tão ordinários?” quis saber Pedrinho. “Aquele urso que vovó comprou, por exemplo; custou cinco mil réis, e nem bem saiu do pacote já derrubou o rabo e entortou a orelha.

**“Por causa dos impostos, meu filho. Há no Brasil uma peste chamada governo que vai botando impostos e selos em todas as coisas que vêm de fora, a torto e a direito, só pela ganância de**

<sup>129</sup> MICELI, S. Idem.

<sup>130</sup> LOBATO, Monteiro. *Peter Pan (1930)*. Trad. J. M. Barrie. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971, p. 5.

**arrancar dinheiro do povo para encher a barriga dos parasitas.** Quando você for presidente da República trate de fazer uma lei que acabe com essa pouca vergonha de cobrar altos impostos até sobre cavalinhos de pau, trenzinhos de lata, patinhos de celuloide, gaitas de assoprar, bonecas, etc. Tome nota para não esquecer”<sup>131</sup>

Na segunda edição, Lobato também aumenta o papel de Dona Benta e dos picapauzinhos, e inclui a subtrama da Emília cortando e tirando a sombra de Tia Nastácia, que ficou nas edições subsequentes.

Ainda na segunda edição, Lobato usa o nome original de Barrie, Wendy, em vez de Wanda, que usara na primeira edição.

A terceira edição, de 1939, também incluiu o trecho da crítica ao Governo acima apresentado, ou aparentemente o inclui, uma vez que parece seguir a segunda edição, mas no exemplar pertencente à Biblioteca Monteiro Lobato, a folha que continha as páginas 13-14 foi arrancada. Na quarta edição, de 1944, e nas edições subsequentes, o referido trecho foi excluído e o texto estabilizado. A edição seguida aqui é a décima-sexta, da Editora Brasiliense, publicada em 1971.

Em outros livros de Lobato, a crítica à ditadura de Vargas é óbvia. Em *O Minotauro: Maravilhosas Aventuras dos Netos de Dona Benta na Grécia Antiga*, publicado originalmente em 1939, em plena época do Estado Novo, em resposta à pergunta de qual é o segredo de os gregos terem chegado a uma sociedade tão sofisticada, Dona Benta responde: “Liberdade meu filho. Bom governo”<sup>132</sup>, devido à legislação de Solón, que tirou o povo da escravização dos senhores e introduziu um regime democrático que permitiu o florescimento da sociedade e das artes: “Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera harmoniosamente. Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência”<sup>133</sup> – obviamente pensamos no Estado Novo, e Dona Benta dá o exemplo do Sítio do Picapau Amarelo, onde, uma vez que ela oferece “a máxima liberdade, todos vivem no maior

---

<sup>131</sup> LOBATO, Monteiro. *Peter Pan: a história que não queria crescer, contada por Dona Benta*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935, p. 14. Grifos nossos.

<sup>132</sup> LOBATO, M. *O Minotauro: Maravilhosas Aventuras dos Netos de Dona Benta na Grécia Antiga* (1939). São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 22.

<sup>133</sup> LOBATO, M. Idem.

contentamento, a inventar e realizar tremendas aventuras”<sup>134</sup>. Mas, se existisse um regime de linha dura e ela amarrasse “os netos com os cordéis do ‘não pode’ — vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam”<sup>135</sup>. E tece o paralelo entre O Sítio do Picapau Amarelo, com seu “prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza”<sup>136</sup>, e a Grécia da Antiguidade, onde floresceram a arquitetura, a escultura e a filosofia.

No Capítulo 5, Dona Benta discute com Péricles, o governador de Atenas, o papel do Estado. Para Péricles, a política é a arte de harmonizar os interesses conflitantes das criaturas humanas, mantendo “o equilíbrio dos interesses individuais com um máximo de benefício geral”<sup>137</sup>. Dona Benta lhe conta as experiências com comunismo e totalitarismo, que não respeitam a liberdade do indivíduo, “em que o estado é tudo e nós, as pessoas, menos que moscas. Neste regime o indivíduo não passa de grão de areia do Estado”<sup>138</sup>, e “A pobre humanidade, depois de tremendas lutas para escapar à escravidão aos reis, caiu na escravidão, pior ainda, ao Estado — à palavra Estado”. Porém, Narizinho fica revoltada com a existência da escravidão em Atenas e pela ideia de ser carregada em uma liteira: “Não tenho coragem de entrar nisso, vovó! Desaforo. Gente como nós a nos carregar. Nunca! E ainda chamam a isto democracia...”<sup>139</sup>.

## A Entrevista à BBC

Outro fator muito importante para piorar seu relacionamento com o Governo e levá-lo ao encarceramento foi a entrevista que Lobato concede à BBC World Service em 30 de dezembro de 1940, transmitida em inglês, espanhol e português e reproduzida pela imprensa norte-americana, inglesa e argentina. Na entrevista, ele enfatiza a grande dívida que o Brasil tem em

---

<sup>134</sup> LOBATO, M. Idem, p. 23.

<sup>135</sup> Idem.

<sup>136</sup> Idem.

<sup>137</sup> LOBATO, M. Idem, p. 48.

<sup>138</sup> LOBATO, M. Idem, p. 48-49.

<sup>139</sup> LOBATO, M. Idem, p. 84.

relação à Inglaterra: “No Brasil veneramos de coração a Inglaterra porque desde os começos da nossa história vimo-la interessar-se por nós e cooperar para o nosso desenvolvimento”<sup>140</sup>. A Grã-Bretanha deu ao Brasil seus portos, seu desenvolvimento, seu capital, um modelo parlamentar durante o reinado de Dom Pedro II, as liberdades civis e o *habeas corpus*. Importantes figuras – tais como Zacarias de Góes, Cotegipe, Barão do Rio Branco, Saraiva, Paranaguá, e, especialmente, Ruy Barbosa – eram todas anglófilas<sup>141</sup>.

A palavra “inglês” sempre foi, e continua sendo, um sinônimo de solidez, lealdade e resistência a novidades mal cosidas<sup>142</sup>, e até a expressão “para inglês ver” demonstra um respeito pelos ingleses.<sup>143</sup>

Lobato comenta que todas as qualidades de tranquilidade e resistência vistas no poema mais conhecido de Rudyard Kipling “If...”, que pouco antes recebera certa atenção no Brasil, eram necessárias à Inglaterra naquele momento, face à Segunda Guerra Mundial, e que se lia, em suas entrelinhas, forte crítica à situação do Brasil à época:

Se

Se és capaz de manter a tua calma quando  
Todo o mundo ao teu redor já a perdeu e te culpa;  
De crer em ti quando estão todos duvidando,  
E para esses no entanto achar uma desculpa;  
Se és capaz de esperar sem te desesperares,  
Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,  
Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,  
E não parecer bom demais, nem pretensioso;

Se és capaz de pensar — sem que a isso só te atires,  
De sonhar — sem fazer dos sonhos teus senhores.  
Se encontrando a desgraça e o triunfo conseguires  
Tratar da mesma forma a esses dois impostores;  
Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas

---

<sup>140</sup> LOBATO, Monteiro. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 151. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 13).

<sup>141</sup> LOBATO, M. Idem, p. 152.

<sup>142</sup> LOBATO, M. Idem, p. 153.

<sup>143</sup> LOBATO, M. Idem, p. 152.

Em armadilhas as verdades que disseste,  
E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,  
E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada  
Tudo quanto ganhaste em toda a tua vida,  
E perder e, ao perder, sem nunca dizer nada,  
Resignado, tornar ao ponto de partida;  
De forçar coração, nervos, músculos, tudo  
A dar seja o que for que neles ainda existe,  
E a persistir assim quando, exaustos, contudo  
Resta a vontade em ti que ainda ordena: “Persiste!”;

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes  
E, entre reis, não perder a naturalidade,  
E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,  
Se a todos podes ser de alguma utilidade,  
E se és capaz de dar, segundo por segundo,  
Ao minuto fatal todo o valor e brilho,  
Tua é a terra com tudo o que existe no mundo  
E o que mais — tu serás um homem, ó meu filho!<sup>144</sup>

É bastante óbvio que, da mesma maneira como os nazistas ameaçam esses grandes valores ingleses, de acordo com Lobato, o Estado Novo de Vargas resultara na perda de tais valores no Brasil.

...a humanidade tonteia diante do surto dos valores da violência [...]. O justo passa a injusto, o certo é o errado e o errado o certo; o bom é o mau e o mau é o bom; o pensamento livre é o crime e a delação é a virtude; a história é falseada nas escolas para que também se torne instrumento dessa obra de *inversão de todos os valores*. E a alma dos velhos tiranos, satrapas, déspotas, reis, sultões, califas, khans, shoguns, marajás, pateéis, faraós e chás da antiguidade se moderniza na figura aparentemente nova do Ditador Total — essa novidade velha como a queixada com que Caim matou Abel.<sup>145</sup>

---

<sup>144</sup> KIPLING, Rudyard. “Se”. Tradução de Guilherme de Almeida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u92310.shtml>>. Acesso em: 1 fev. 2018.

<sup>145</sup> LOBATO, M. *Prefácios e Entrevistas*. Op. cit., p. 153-154.

Embora, obviamente, pensemos em Hitler, cabia a pergunta retórica: mas não está o Brasil também sob o controle de um ditador?

Quanto à Grã-Bretanha, argumenta Lobato, embora estivesse em estado de guerra e ameaçada pelo campo de concentração, conseguira plantar “a árvore da dignidade humana” nos Estados Unidos, no Canadá, na Austrália e na África do Sul<sup>146</sup>.

## A Cadeia

No começo de 1941, a rebeldia inconveniente de Lobato foi enquadrada pelo governo. Inicialmente, o General Horta Barbosa, Presidente do Conselho Nacional do Petróleo (CNP), enviou o ofício no. 4602 ao Tribunal de Segurança Nacional, cujo presidente, Ministro Barros Barreto, solicitou ao chefe de polícia de São Paulo em 6 de janeiro de 1941 a abertura de inquérito contra Lobato. Nos dias seguintes, novos documentos são enviados e o Delegado Adjunto de Investigação de Ordem Política de São Paulo, Rui Tavares Monteiro, manda revistar o escritório de Lobato em São Paulo. Na madrugada da segunda-feira 27 de janeiro, Lobato é levado ao Departamento de Ordem Política e Social (DEOPS) e, então, transferido à Casa de Detenção, onde permanece incomunicável durante quatro dias, antes de voltar para o DEOPS, onde foi interrogado na presença do Major Antônio Bastos, agente do CNP, perante o qual Lobato assume responsabilidade pelas cartas que mandou a Vargas e Góis Monteiro e é libertado.<sup>147</sup>

Após isso, o processo continuou tramitando e a conclusão do tribunal Nacional de Segurança saiu em 28 de fevereiro de 1941. O procurador Gilberto Goulart de Andrade concluiu que “A simples leitura da missiva da autoria de Monteiro Lobato já revela desrespeito pelos termos em que é vazada, evidenciando audaciosa e injustificável irreverência”, e “nenhuma das acusações levantadas contra a orientação que o governo vem imprimindo à exploração petrolífera no país repousa em qualquer fundamento verídico”.<sup>148</sup>

<sup>146</sup> LOBATO, M. Idem, p. 154.

<sup>147</sup> CAMARGOS, Marcia Mascarenhas; SACCHETTA, Vladimir. Procura-se Peter Pan. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias Silenciadas*. São Paulo: EDUSP, 2002, p. 221-223.

<sup>148</sup> Autos do Processo no. 1607, fls. 372 e 373, TSN, Arquivo Nacional. Fonte: CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 224.

Como resultado, Lobato foi enquadrado no artigo 3o, inciso 25, do decreto-lei nº 431/1938 da Lei da Segurança Nacional, introduzido com o advento do Estado Novo, que punia com penas de seis meses a dois anos de prisão quem injuriava os poderes públicos por meio de palavras.

Preocupado com o possível encarceramento, Lobato entrou com pedido de passaporte para viajar para a Argentina, mas na tarde de 19 de março, ao descer de um ônibus na Praça da Sé, foi abordado por um agente de polícia, que o convidou a acompanhá-lo ao DEOPS.

No julgamento de 8 de abril, Lobato fora absolvido, mas, em 20 de maio, o Tribunal Pleno reforma a primeira sentença e o julga culpado de tentar obter a revogação do ato do CNP “com a pleiteada ruína de uma instituição nacional e a degradação moral dos seus membros”<sup>149</sup>.

Outras cartas que Lobato enviou após a absolvição inicial podem tê-lo comprometido: enviou uma carta ao general Horta Barbosa, junto a uma caixa de bombons, iniciada por um agradecimento: “Sempre havia sonhado com uma reclusão desta ordem, durante a qual eu ficasse forçadamente a sós comigo e pudesse meditar sobre o livro de Walter Pitkin (*A Short Introduction to the History of Human Stupidity*)<sup>150</sup>”, e continua com a provocação: “Tive ensejo de observar que a maioria dos detentos é gente de alma muito mais limpa e nobre do que muita gente de alto bordo que ainda solta”<sup>151</sup>. Além disso, manda duas cartas a Vargas, a primeira, desejando ao Presidente “menos retratos na parede e mais coragem no coração dos que lhe escrevem” e, a segunda, já referida acima, “presenteando” Vargas em seu aniversário com a sugestão da criação de uma Companhia Nacional de Petróleo, semelhante à recém-fundada Companhia de Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, e propondo também que o general-comandante do Conselho e seus funcionários fossem empregados como combustível nas fornalhas de sondas, o que daria para mover as máquinas por alguns dias, adverte<sup>152</sup>.

Lobato foi sentenciado a seis meses de reclusão e, após três, Vargas

---

<sup>149</sup> Autos do Processo no. 1607, fls. 436, TSN, Arquivo Nacional. Fonte: CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 228.

<sup>150</sup> PITKIN, Walter. *A Short Introduction to the History of Human Stupidity*. NY: Simon & Schuster, 1932.

<sup>151</sup> CAVALHEIRO, E. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. Op. cit., p. 488.

<sup>152</sup> CAVALHEIRO, E. *Idem*, p. 490-491.

lhe concedeu indulto por meio do decreto de 17 de junho, porém isso não representou o fim da perseguição.

## Peter Pan Proscrito

Em *Livros Proibidos, Idéias Malditas*, Maria Luiza Tucci Carneiro<sup>153</sup> descreve a cassação do *Peter Pan*, de Lobato. Na sua promoção de 20 de junho de 1941, o procurador Dr. Clóvis Krueel de Moraes argumentava junto ao Presidente do Tribunal de Segurança Nacional que Lobato alimentava nos espíritos infantis uma opinião negativa em relação ao Brasil e que seus livros “chocavam-se contra os projetos do Estado Novo, empenhado em formar uma juventude saudável e patriótica, unida em torno dos princípios da tradição cristã”<sup>154</sup>. O texto era perigoso porque enfatizava “a nossa inferioridade, desde o ambiente em que são colocadas até os mimos que se lhes dão”<sup>155</sup>. Para Krueel, Lobato agiu de maneira insidiosa, criticando o governo brasileiro pela maneira como este gastava os impostos e a “ganância de arrancar dinheiro do povo para encher a barriga dos parasitas”<sup>156</sup>.

Em seu parecer, Krueel juntou outras críticas de Tupy Caldas à *História do Mundo para Crianças*, de Lobato, por ser demasiado materialista, e às *Memórias de Emília*, que é dominado por uma “troça das coisas sérias, além do mesmo sentimento materialista”. As crianças são expostas a tais “doutrinas perigosas e a práticas deformadoras do caráter”, sofrendo grande mal<sup>157</sup>.

Krueel de Moraes conclui, por fim, que o mal está na liberdade excessiva dada aos escritores. Tais iniciativas do Tribunal de Segurança Nacional eram parte do projeto político do Estado Novo, “voltado para a formação de uma

---

<sup>153</sup> CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, idéias malditas: O Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

<sup>154</sup> CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 231.

<sup>155</sup> CARNEIRO, M. L. T. *Livros proibidos, idéias malditas*. Op. cit., p. 151.

<sup>156</sup> LOBATO, Monteiro. *Peter Pan: a história que não queria crescer, contada por Dona Benta*. Op. cit., p. 14.

<sup>157</sup> Cópia Autêntica da Promoção Proferida na Queixa no. 4188 pelo Procurador Dr. Clóvis Cruel de Moraes, Rio de Janeiro, 20/6/1941, no prontuário no. 6575, Acervo DEOPS, Arquivo do Estado/SP, p. 2. Fonte: CAMARGOS, M. M.; SACCHETTA, V. Procura-se Peter Pan. Op. cit., p. 233.

juventude patriótica, continuada da tradição cristã, unificadora da Pátria”<sup>158</sup>.

O Presidente Vargas enfatizava o perigo que os autores representavam: “Todo e qualquer escrito capaz de desvirtuar esse programa é perigoso para o futuro da nacionalidade. O nosso mal até aqui foi justamente dar liberdade excessiva aos escritores, quando o livro é o mais forte veículo da educação”<sup>159</sup>.

Assim, com base na orientação do tribunal de Segurança Nacional, o DEOPS paulista começou a buscar e a prender exemplares de *Peter Pan* no estado de São Paulo, em bibliotecas escolares e particulares e em livrarias. Ofícios e telegramas foram enviados às delegacias do interior. As delegacias de Itapetininga, Casa Branca e Sorocaba não teriam encontrado nenhum exemplar; em Araraquara, foi encontrado um exemplar; em São José do Rio Preto, quatro, e, em Santos, quatorze<sup>160</sup>.

---

<sup>158</sup> CARNEIRO, M. L. T. *Livros proibidos, idéias malditas*. Op. cit., p. 154.

<sup>159</sup> Idem.

<sup>160</sup> CARNEIRO, M. L. T. Idem, p. 154-155.



## CAPÍTULO VII - Lobato e o “vício” da tradução

Profa. Dra. Vanete Santana-Dezmann

“**F**ação progresso no inglês. Li todo um livrão – 600 páginas: Robertson, *Discovery and conquest of America*”<sup>161</sup>. Assim Lobato anuncia ao amigo Godofredo Rangel seus avanços em língua inglesa. Aos 25 anos, formado em Direito e exercendo a função de promotor público em Areias, pequena cidade do Vale do Paraíba, onde vivia sozinho havia um semestre, o tédio, talvez, tenha favorecido o aprofundamento de seus conhecimentos do idioma. Porém, mesmo antes de chegar a Areias, Lobato sabia inglês o suficiente para, em 1906, traduzir o *Crepúsculo dos ídolos* e *O Anticristo*, de Nietzsche.

No fim de 1908, casado e ainda vivendo em Areias, ele passa a assinar o hebdomadário *Weekly Times*, que, tão logo lhe chega às mãos, tinha alguns artigos traduzidos para serem reproduzidos por jornais de São Paulo, tornando-se a tradução sua segunda fonte de renda: “ando assoberbado de maçadas, que aliás rendem alguma coisa, sobretudo as traduções do inglês. Dito-as da rede e Purezinha [sua esposa] escreve, e assim vai rápido. Este mês deram-me 80\$000”<sup>162</sup>. “Tenho mandado alguns artigos para a *Tribuna de Santos* e publicado n’*O Estado de S. Paulo* umas traduções do *Weekly Times* – esse meu meio de neutralizar Areias. Informo-me todas as semanas da saúde de Her Majesty. Quando encontro coisas muito interessantes, traduzo-as e mando-as para o *Estado* e eles me pagam 10\$000”<sup>163</sup>.

<sup>161</sup> Areias, 18/11/1907, Lobato, apud AZEVEDO, Carmen Lucia de; et alli. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: SENAC, 1997, p. 90.

<sup>162</sup> Areias, 10/12/1908. Idem, p. 91.

<sup>163</sup> Areias, 01/07/1909. Idem, p. 92.

Tão logo se torna editor e descobre que pode transformar as obras de outros autores, tem sua opinião sobre tradução alterada radicalmente, deixando de considerá-la maçada.

A estreia neste ramo se dá em 1925, com a ordenação literária de “Die Reisen” (As viagens), primeira parte de *Warhaftige Historia (História Verdica)*, de Hans Staden, jovem viajante alemão que, no final do século XVI, esteve duas vezes em terras que viriam a constituir o Brasil e, após o retorno a sua terra natal, registrou em livro as experiências vivenciadas além-mar<sup>164</sup>. De fato, “Die Reisen”, publicada por Lobato como *Meu cativo entre os selvagens do Brasil*, foi a primeira obra editada pela Companhia Editora Nacional, que Lobato fundara em sociedade com Octales Marcondes. Em 1927 vem a público *Aventuras de Hans Staden* – reescritura da mesma obra contada a partir da óptica da personagem D. Benta, criada em 1920 como avó de Lúcia, a protagonista de *A menina do narizinho arrebitado*. A partir de então, seu trabalho de criação literária baseada ou inspirada em obras produzidas em outros idiomas e culturas se torna tão importante quanto a direção de sua editora, a produção de artigos para jornais e revistas e a edição de livros próprios e de outros autores – projeto em que vinha trabalhando desde 1917, com a criação da Companhia Gráfico-Editora, fundada em sociedade com alguns amigos quando deixara as atividades de fazendeiro em Caçapava.

Da crítica às traduções das histórias para crianças publicadas no Brasil por seus antecessores, vem-lhe a ideia de produzir literatura infantil e, provavelmente, de criar seu “Staden para crianças”, bem como reescrever histórias infantis consagradas pela literatura universal – já traduzidas ou não – para o português: “As fábulas em português que conheço, em geral traduções de La Fontaine, são pequenas moitas de amora do mato – espinhentas e impenetráveis. Um fabulário nosso, com bichos daqui em vez dos exóticos, se feito com arte e talento dará coisa preciosa. Fábulas assim seriam um começo da literatura que nos falta”<sup>165</sup>. Seu descontentamento com

<sup>164</sup> Um estudo aprofundado sobre este tema pode ser encontrado em: SANTANA, Vanete Dutra. *Lobato e os carrascos civilizados – a construção da brasilidade via reescritura de Warhaftige Historia, de Hans Staden*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

<sup>165</sup> Fazenda, 08/09/1916. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2. t. São Paulo: Brasiliense, 1959a, p. 104.

as traduções de obras infantis o acompanharia por anos: “Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos que refazer tudo isso – abrigar a linguagem”<sup>166</sup>.

É bem verdade que, quando começou a traduzir, já tinha 109 mil exemplares de livros vendidos, já fora traduzido e publicado na Espanha, já era bastante conhecido por seu artigo *Urupês* e pelas personagens Jeca Tatu e Narizinho e acabara de ser indicado para a Academia Brasileira de Letras. Sua atuação no palco literário já contava, portanto, com a encenação de vários papéis, aos quais se somaria o de tradutor. Provavelmente ninguém na história da literatura brasileira traduziu tanto quanto Lobato. Dentre as traduções publicadas, contam-se mais de 70 obras, além das adaptações e das revisões de tradução.

Entre a publicação da ordenação literária e da versão para a literatura infantil do livro de Staden, Lobato produziu outra ordenação literária de mais um livro de viajante – *História de uma viagem à terra do Brasil*, de Jean de Léry – e traduziu *Minha vida e minha obra*, de Henry Ford.

Em 1927, além da adaptação *Aventuras de Hans Staden*, Lobato traduziu *Hoje e amanhã*, também de Ford. No fim do mesmo ano, mudou-se para os Estados Unidos, onde ocuparia o cargo de adido comercial. Talvez isso explique a ausência de traduções até 1931 – foram substituídas pelos relatórios periódicos ao Governo do Brasil –, embora não tenha deixado de produzir as histórias para crianças.

Quando Getúlio Vargas assume o poder, em 1930, Lobato é destituído juntamente com outros funcionários interinos e extranumerários. De volta ao Brasil em 1931, retoma a tradução, publicando *Beau geste*, de P. C. Wren. Interrompe o trabalho de tradutor no ano seguinte, quando esteve bastante ocupado com suas companhias de petróleo e a publicação de novas histórias infantis com as personagens do Sítio do Picapau Amarelo e de algumas adaptações.

Em 1933, volta a traduzir, publicando mais quatro títulos. É nos anos de 1934 e 1935, porém, que sua fúria tradutória surpreende a todos – nada menos que 25 títulos; um a cada mês, em média aproximada. A tradução está perto de se tornar sua única fonte de renda, pois não dispunha mais da

<sup>166</sup> São Paulo, 11/01/1925. Idem, p. 275.

Companhia Editora Nacional – após ter perdido suas economias na quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, vendera o que lhe restara dela – e vinha se dedicando à perfuração de poços de petróleo, sem retorno algum. De fato, a partir de 1939, com a interdição de suas companhias petrolíferas, Lobato não tem de onde tirar seu sustento senão da tradução e da publicação de algumas histórias infantis<sup>167</sup>. Por isso a tradução, que fora negligenciada entre 1936 e 1938 – apenas quatro títulos no período –, volta a merecer sua atenção, aumentando progressivamente, perfazendo 31 títulos entre 1939 e 1943.

Aos que duvidavam que ele pudesse traduzir tanto em tão pouco tempo, respondia: “Posso ensinar o meu método (...) A questão toda é ir para a máquina de escrever logo que chega o leiteiro e não parar até a hora do almoço”<sup>168</sup>. Mas o que melhor explica os altos índices de sua produção é a confissão que faz a Rangel, em uma carta enviada da prisão, onde esteve entre março e junho de 1941: “Foi a tradução que me salvou depois do meu desastre do petróleo. Em vez de recorrer ao suicídio, ao álcool ou a qualquer estupefaciente recorri ao vício de traduzir, e traduzi tão brutalmente que me acusaram lá fora de apenas assinar as traduções. Mas era o meio de me salvar. Hoje me sinto perfeitamente curado, – e por isso abandono o remédio.”<sup>169</sup> – confirmando, assim, sua mudança de opinião quanto à tradução: não mais uma maçada. Desde então, seu trabalho como tradutor foi se escasseando; em 1944 foram 3 títulos, decaindo para apenas um nos anos seguintes, até que, em seu último ano de vida, 1948, abandonara o tal “vício” por completo.

Como se percebe, a tradução foi bastante importante em sua vida, chegando a ser sua única fonte de renda. Seu envolvimento com a tradução se relaciona, sobretudo, com sua dedicação à literatura infantil. De fato, Lobato trabalhou pelo enriquecimento da literatura infantil brasileira mais do que qualquer outro editor ou escritor. Ele teve a ideia de investir nesta área ao constatar não apenas a má qualidade – segundo sua avaliação bem fundamentada em suas cartas a Rangel – das traduções das histórias infantis, mas também a carência do mercado editorial para crianças: “Ando com várias ideias. Uma: vestir à nacional as velhas fábulas de Esopo e La Fontaine, tudo

<sup>167</sup> Cf. AZEVEDO, Carmen Lucia de; et alli. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. Op. cit., p. 334.

<sup>168</sup> LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 356.

<sup>169</sup> São Paulo, 05/03/1945. Idem, p. 366-367.

em prosa e mexendo nas moralidades. Coisa para crianças. Veio-me diante da atenção curiosa com que meus pequenos ouvem as fábulas que Purezinha conta. (...) É de tal pobreza e tão besta a nossa literatura infantil, que nada acho para a iniciação de meus filhos...<sup>170</sup>.

Indo além das fábulas de La Fontaine, Lobato constituiu o cânone da literatura infantil e juvenil brasileira, enriquecendo-o com obras de diversas culturas.

Ao contrário da visão sacralizante que usualmente se tem das artes e de tudo que a elas se refere, Lobato, fundador de quatro editoras, considerava o livro um gênero de primeira necessidade que, como tal, deveria ser vendido em qualquer ponto comercial - para que seu acesso fosse facilitado - e que deveria gerar lucros aos envolvidos em sua cadeia de produção e comercialização - a fim de que houvesse mais pessoas interessadas em sua difusão:

Vossa Senhoria tem o seu negócio montado, e quanto mais coisas vender, maior será o lucro. Quer vender também uma coisa chamada “livro”? V. S. não precisa inteirar-se do que essa coisa é. Trata-se de um artigo comercial como qualquer outro, batata, querosene ou bacalhau. E como V. S. receberá esse artigo em consignação, não perderá coisa alguma no que propomos. Se vender os tais “livros”, terá uma comissão de 30%; se não vendê-los, no-los devolverá pelo Correio, com o porte por nossa conta. Responda se topa ou não topa.<sup>171</sup>

Cinco anos mais tarde, em outra de suas cartas a Rangel, Lobato anuncia seus planos de reescrever e publicar histórias infantis que já haviam sido traduzidas por Jansen Müller. Entre tais traduções, estavam *Contos seletos das mil e uma noites* (1882), *Robinson Crusó* (1885), *Viagens de Gulliver* (1888), *As aventuras do celeberrimo Barão de Münchhausen* (1891) e *Don Quixote de La Mancha* (1901): “Pretendemos lançar uma série de livros para crianças (...) e vamos nos guiar por umas edições do velho Laemmert, organizadas por Jansen Müller. Quero a mesma coisa, porém com mais leveza e graça de língua. Creio até que se pode agarrar o Jansen como ‘burro’ e

<sup>170</sup> Carta a Rangel, 1916. Idem, p. 104.

<sup>171</sup> Circular dirigida a possíveis revendedores. LOBATO, Monteiro. *Prefácios e entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1959b, p. 190.

reescrever aquilo em linguagem desliterarizada”<sup>172</sup>.

Com sua intenção de simplificar a linguagem, estaria o que Adriana Vieira interpretou como projeto de criação de uma linguagem mais compreensível às crianças: “Poderíamos interpretar essa expressão de Lobato como busca de uma linguagem mais inteligível para o leitor infantil”<sup>173</sup>. Mas podemos interpretá-la, também, como a revelação de que nem sempre Lobato efetuou a tradução, se consideramos a acepção essencialista deste termo. Por vezes, o que ele fez foi recontar segundo sua ideologia e senso estético – e não apenas sua concepção de literatura infantil e juvenil – textos já traduzidos – e ele o fazia consciente e intencionalmente. Daí o problema de se usar de modo essencialista termos como tradução e adaptação, ou mesmo recriação, apropriação, paródia ou paráfrase quando nos referimos a seu trabalho.

Além de criticar a linguagem da literatura traduzida para o público infantil, Lobato também criticava a perspectiva francesa da literatura brasileira – o padrão, em termos artísticos, no século XIX. Ao mesmo tempo, propugnava a fusão do que havia de melhor na literatura universal, em termos de forma e conteúdo, para fortalecer e enriquecer a literatura nacional, criando-se, a partir da assimilação do estrangeiro, uma literatura autenticamente brasileira – até o ponto em que a autenticidade é possível. É neste sentido que, por exemplo, propõe novas traduções de obras já publicadas em português e o abandono do modelo francês, “literarizante”, segundo sua concepção, em favor de uma literatura com caracteres nacionais e expressa em português brasileiro, fluente e compreensível, sobretudo quando se tratavam de obras destinadas ao público infantil:

Já mandei os originais do Michelet. Os contos extraídos das peças de Shakespeare vão para que escolhas alguns dos mais interessantes e que os traduzas em linguagem bem singela; pretendo fazer de cada conto um livrinho para meninos. Traduzirás uns três, à escolha, e mos mandarás com o original; quero aproveitar as gravuras. Estilo água do pote, heim? E ficas com liberdade de melhorar o original onde

---

<sup>172</sup> LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 233.

<sup>173</sup> VIEIRA, Adriana Silene. “*Viagens de Gulliver ao Brasil*” – *Estudo das adaptações de Gulliver’s Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato*. 229p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004, p. 102.

entenderes. O *D. Quixote* é para ver se vale a pena traduzir. Aprovado que seja, esse resumo italiano, mãos à obra. E também farás para a coleção infantil coisa tua, original. Lembra-te que os leitores vão ser todos os Nelos [referência ao filho] deste país e escreve como se estivesse escrevendo para o teu. Estou a examinar os contos de Grimm dados pelo Garnier. Pobres crianças brasileiras! Que traduções galegas! Temos de refazer tudo isso – abrigar a linguagem.<sup>174</sup>

Além do cuidado com a linguagem, Lobato demonstra preocupação não apenas com a qualidade da obra escolhida para ser traduzida, mas também com a qualidade da obra resultante. Seu conselho a Rangel para melhorar o original nos permite concluir, ainda, que não partilhava com os essencialistas a concepção de que o original é superior à tradução e, portanto, impossível de ser melhorado – era preciso adequá-lo ao público a que se destinava e a essa adequação ele chama “melhorar”.

Pouco depois, Lobato volta a manifestar sua preocupação com a escolha de um estilo adequado ao gosto e necessidade do público-alvo e a relevância de se conhecer tal estilo: “Recebi o *Rei Lear*. Continua. Fazer os mais interessantes, não todos, pois temos de experimentar o público com os primeiros”<sup>175</sup>. Meses mais tarde, ainda sobre as traduções das peças de Shakespeare, demonstra-nos novamente a importância que atribui ao público. Para ele, uma vez encontrado o estilo apropriado, este deve ser mantido, com o objetivo de bem atender aos leitores: “Tenho cá o *Rei Lear*. Podes fazer o resto sem pressa, e em estilo que não perca de vista os leitores que vai ter – meninos [ou seja, crianças]”<sup>176</sup>.

Em outra carta da mesma época, Lobato reafirma sua preocupação em editar traduções, escrevendo-as em linguagem mais adequada ao público. Também pretendia selecionar obras mais abrangentes em termos culturais, disponibilizando às crianças brasileiras grande parte do cânon da literatura universal: além do já citado Shakespeare, queria Miguel de Cervantes, Jonathan Swift e Daniel Defoe: “Andas com tempo disponível? Estou precisando de um *D. Quixote* para crianças, mais correntio e mais em língua

<sup>174</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 11/01/1925. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 275.

<sup>175</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 15/02/1925. Idem, p. 275.

<sup>176</sup> Carta a Rangel, Rio de Janeiro, 7/10/1925. Idem, p. 281.

da terra que as edições do Garnier e dos portugueses. Preciso do *D. Quixote*, do *Gulliver*, do *Robinson*, do diabo! Posso mandar serviço? É uma distração e ganhas uns cobres<sup>177</sup>.

Tais preocupações, porém, já o perturbavam há alguns anos, conforme lemos em outra de suas cartas a Rangel, enviada seis anos antes das citadas acima, em que não poupa críticas ao mercado editorial brasileiro, que, de acordo com Lobato, errava tanto na escolha dos títulos a serem publicados quanto na linguagem – conforme continuou criticando –, e se propunha, ainda em caráter experimental na época, a fazer algo mais adequado às criações brasileiras:

Tive ideia do livrinho que vai para experiência do público infantil escolar, que em matéria fabulística anda a nenhuma. Há umas fábulas do João Kopke, mas em verso – e diz o Correia que os versos do Kopke são versos do Kopke, isto é, insultos e de não fácil compreensão por cérebros ainda tenros. Fiz então o que vai. Tomei de La Fontaine o enredo e vesti-o à minha moda, ao sabor do meu capricho, crente como sou de que o capricho é o melhor dos figurinos. A mim me parecem boas e bem ajustadas ao fim – mas a coruja sempre acha lindos os filhotes. Quero de ti duas coisas: juízo sobre a sua adaptabilidade à mente infantil e anotação dos defeitos de forma.<sup>178</sup>

Nesta carta, novamente percebemos sua liberdade ao lidar com os textos de outros autores, o que lhe permite fazer adaptações, quando as considera necessárias, para atender aos objetivos que lhes atribui.

Recuando ainda mais no tempo, encontramos um Lobato interessado em construir heróis brasileiros seguindo os moldes do romance histórico de Walter Scott, modernizando-o, porém, de acordo com o modelo de Rudyard Kipling. Neste sentido, pode-se afirmar que Lobato anseia por criar um passado nobre para o Brasil, apresentando os bandeirantes como heróis, conforme fizeram os românticos com os godos, por exemplo, na Europa, ao tentar resgatar para suas nações uma origem nobre construída retoricamente. Lobato não queria, porém, incorrer no erro de copiar um modelo que não se encaixava ao contexto nacional, como fizeram os românticos brasileiros. A

<sup>177</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 8/03/1925. Idem, p. 276.

<sup>178</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 13/04/1919. Idem, p. 193.

saída encontrada seria, pois, imitar um escritor que considerava moderno:

Ando a estudar a história do Brasil. Há nela bons blocos de mármore a serem entalhados. Os bandeirantes, Borba Gato, Fernão Dias – que bandidos soberbos! Estou a imaginar a Doença do Ouro no Brasil. O período das minas gerais, a avidez dos homens, a cobiça louca, a ação e a reação desse ouro aqui e no Velho Mundo – lá envenenando Portugal e enriquecendo a Inglaterra. Um romance histórico feito naturalisticamente. Já notaste que o romance histórico nem sequer ainda balbuciou entre nós? Imagino-o à maneira de Walter Scott, mas com as tintas modernas de Kipling. Não te sabe uma arrancadinha passado a dentro? O óbice maior será a restauração da fala dos personagens. O cenário é a mesma mata virgem de hoje, com as mesmas caças, o mesmo gavião-pato, os mesmos espinhos de brejaúva. Não conheço *As Minas de Prata* do velho Alencar, mas juro que também lá ele falsifica o homem – embelezando-o. Os índios de Alencar no *Guarani* são pescados na *Ilíada* de Homero.<sup>179</sup>

Sua crítica ao preciosismo da literatura brasileira, que credita à imitação dos franceses e dos portugueses, os quais, por sua vez, também imitavam os primeiros, e ao modelo clássico, em última instância, é, porém, anterior a esta carta, conforme o demonstra mais uma de suas cartas a Rangel:

Para o trabalho do estilo, a primeira empreitada é modificá-lo, como diz você, das “maneiras” consagradas. Fugir sobretudo da maneira do Eça, a mais perigosa de todas, porque é graciosíssima e muito fácil de imitar. “Cigarro lânguido” – “Caneta melancólica” – “Tinteiro filosófico”. Também o descanso nas linhas exóticas é preciso – sobretudo no inglês. A literatura alemã também ensina muito. Sudermann revelou-te um grande segredo, e a mim quem mo revelou foi Hauptmann. *O Caminho dos Gatos* é romance de deixar sementes em nosso terreirinho, quanto à composição e ao modo de dizer.<sup>180</sup>

Sua ideia de renovar o modelo literário brasileiro – por meio da reescrita de obras até então inéditas em português do Brasil –, observemos, também já era antiga e se conservaria, bem como a crítica ao preciosismo

<sup>179</sup> Carta a Rangel, Fazenda, 17/03/1916. Idem, p. 75.

<sup>180</sup> Fazenda, 7/12/1915. Idem, p. 59-60.

literário e à imitação do estilo francês, até o fim de sua vida:

A literatura inglesa, tão rica de monumentos, era como se não existisse. A alemã, a russa, a escandinava, idem. A americana, idem. Um dia um editor inteligente teve a ideia de arejar o cérebro dos nossos eternos leitores de eschichadas e ponsonadas. Aventurou-se a lançar no mercado Wren, Wallace, Bourroughs, Stevenson, e que tais. E foi além. Lançou alguns dos sumos: Kipling, Jack London – e já pensa em Joseph Conrad e Bernard Shaw.

A surpresa do indígena foi enorme. Sério? Seria possível que houvesse no mundo escritores maiores do que Eschich e Dumas? Que fora da França e da Espanha houvesse salvação?<sup>181</sup>

Porém, a despeito de suas críticas à literatura francesa, ele a reconhece na base de sua formação: “Minha livraria é duma pobreza incrível em livros em língua portuguesa. Quase tudo francês. Uma vergonha...”<sup>182</sup>. A quantidade de livros franceses em sua biblioteca, reflexo da formação característica da sociedade culta brasileira até recentemente, revela, ao mesmo tempo, a pobreza do mercado editorial interno, que Lobato também criticava. Além da falta de opções, a qualidade das traduções, segundo ele, não era boa, conforme observa: “Ando a fiscalizar as traduções para o Otales, e bom dinheiro perde ele com essa fiscalização! Mas, faça-se-lhe justiça: perde-o com prazer. Prefere perder dinheiro a enfiar no público uma tradução que eu condene. Que outro editor faz isto? Já perdeu assim mais de vinte contos este ano”<sup>183</sup>. Ninguém melhor do que Lobato, escritor consagrado, crítico e editor interessado na formação dos leitores e da literatura brasileira, poderia exercer a função de revisor de traduções.

Quanto a sua própria relação com a tradução, Lobato a reconhece mais profunda que seu envolvimento com suas produções originais ao destacá-la como vital<sup>184</sup>. Porém, no seu caso, conforme já vimos, a distinção entre tradução e produção original é bastante relativa uma vez que ele frequentemente se utilizava da produção de outros autores para criar sua própria. Por exemplo,

---

<sup>181</sup> LOBATO, Monteiro. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1959c, p. 125-130.

<sup>182</sup> Carta a Rangel, Fazenda, 10/03/1916. LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. Op. cit., p. 72.

<sup>183</sup> Carta a Rangel, São Paulo, 16/06/1934. Idem, p. 328.

<sup>184</sup> Cf. Lobato. Idem, p. 366-367.

ele aproveitou personagens ou episódios de outras histórias para criar as suas, tal como a inclusão do navio do Capitão Gancho em *O Picapau Amarelo* e a visita dos personagens do Sítio à Grécia Antiga.

Como editor e proprietário de editora, Lobato dominava parte do sistema de patronagem de que dependeria, restando-lhe apenas convencer os comerciantes a vender seu produto e, os leitores, a consumi-lo. Para tanto, procedia como explicou a Tristão de Ataíde: “O galo encontrou uma pérola. ‘Antes fosse um grão de milho’, disse e passou. Você deu pérola ao galo. Eu dou milho. Eis a razão do meu sucesso”<sup>185</sup>.

Ao aconselhar Ataíde a dar “milho ao galo”, Lobato sugere que seu sucesso advinha da estratégia de criar textos para seu público – e não um público para seus textos. Mas há indícios de que também trabalhara em sentido inverso, conforme demonstram seus esforços para formar no Brasil um público leitor, a facilitação do acesso aos livros de suas editoras e as propagandas, que se valiam de estratégias inesperadas. Por exemplo, a inserção da propaganda de sua versão de *Alice no País das Maravilhas* na trama de *Memórias de Emília*:

- Esta aqui, tia Nastácia, é a famosa Alice do País das maravilhas e também do País do Espelho, lembra-se?
- Muito boas tardes, senhora Nastácia! Murmurou Alice cumprimentando de cabeça.
- Ué! Exclamou a preta. A inglesinha então fala nossa língua?
- Alice já foi traduzida em português, explicou Emília.<sup>186</sup>

Reforçando a estratégia, o diálogo é acompanhado por uma nota de rodapé informando a publicação, em português, do livro de Lewis Carrol.

Como se percebe, o trabalho de Lobato na formação do mercado editorial, com aprimoradas estratégias de *marketing*, na disponibilização de importantes obras da literatura ocidental em língua portuguesa do Brasil e mesmo na adequação da linguagem literária ao público leitor, torna-o um dos mais importantes agentes culturais que nosso país já teve.

---

<sup>185</sup> São Paulo, 30/06/1921. Idem, p. 234.

<sup>186</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília e Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, 1952, p. 87-88.



## CAPÍTULO VIII – O editor Monteiro Lobato e a ficção brasileira dos anos 1920<sup>187</sup>

*Profa. Dra. Milena Ribeiro Martins*

**E**m 1918, Monteiro Lobato começou a atuar como editor, publicando obras suas e alheias sob o selo das “Edições da *Revista do Brasil*”; em 1920, em sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, a editora foi registrada comercialmente com o nome de “Monteiro Lobato & Cia.” e, em 1923, depois da aquisição de moderno maquinário, passou a se denominar “Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato” até sua falência, em 1925. No ano seguinte, Lobato e Octalles fundaram a Cia. Editora Nacional, na qual Lobato permaneceu até 1929, quando vendeu suas ações. A Companhia Editora Nacional continuou a desempenhar papel central no mercado editorial brasileiro por décadas.

Dando continuidade às pesquisas de Laurence Hallewell (1985) e Cilza Bignotto (2018) sobre a atuação de Lobato como editor, os dados reunidos neste artigo colocam em perspectiva as edições de suas empresas com relação às de outras editoras nacionais, contribuindo para a ampliação do conhecimento sobre uma década paradigmática da literatura nacional.

### **Ficção brasileira dos anos 1920**

A década de 1920 representa um momento de importantes conquistas para a produção editorial brasileira. Segundo o historiador Nicolau Sevckenko, “a indústria editorial paulista [...] assiste a um *boom* inesperado a partir do

---

<sup>187</sup> Versão deste texto foi apresentada no congresso da Associação Brasileira de Literatura Comparada (ABRALIC, 2018).

início dos anos 1920”<sup>188</sup>. Movidas por uma variedade de fatores (dentre os quais, a dificuldade de manter a prática de imprimir livros brasileiros na Europa em tempos de guerra, a morte dos editores Hypolyte Garnier, em 1911, e de Francisco Alves, em 1917), outras cidades do país também experimentariam um importante incremento na sua produção livreira na mesma década, o que justifica um olhar mais atento para essa produção.

Havia no país um sistema editorial com condições de produzir e fazer circular livros de norte a sul do país? Havia produção de livros em quantidade, com qualidade e diversidade temática e estilística? A extensa documentação disponibilizada pela Biblioteca Nacional, por meio de sua Hemeroteca digital, permite garimpar informações importantes a esse respeito: permitem documentar, por exemplo, que livros publicados em São Paulo e no Rio de Janeiro efetivamente chegavam aos extremos do país.

Vejamos dois exemplos.

A Livraria Mendes, de Caxias (RS), anunciava em julho de 1922 um “grande sortimento de romances dos melhores autores” na primeira página do jornal *O Brasil*<sup>189</sup>. O anúncio trazia uma lista de títulos e seus autores, dentre os quais: *Os caboclos* (1920), contos de Valdomiro Silveira; *O Mistério* (1920), romance de Afrânio Peixoto, Coelho Netto, Viriato Corrêa e Medeiros e Albuquerque; *Vida ociosa* (1920), romance de Godofredo Rangel, *O professor Jeremias* (1920), romance de Léo Vaz; *A veranista* (1921), romance epistolar de Iracema Guimarães Vilella; *A casa do gato cinzento* (1922), contos de Ribeiro Couto; *A mulher que pecou* (1922), contos de Menotti Del Picchia, dentre outros. O texto publicitário não informa que os livros mencionados foram todos publicados por Monteiro Lobato & Cia. entre 1919 e 1922. Muitos deles eram lançamentos, portanto, e chegaram ao sul do país no ano de sua publicação.

No outro extremo do país, o *Jornal do Comércio* de Manaus anunciava, em fevereiro de 1925, o recebimento de livros publicados em São Paulo pela Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato<sup>190</sup>. O envio de livros a

<sup>188</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 95.

<sup>189</sup> LIVROS chegados nesta semana. *O Brasil: Organ republicano*, Caxias-RS, a. XV, n. 28, p. 01, 29 jul. 1922. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/161969/2160>>. Acesso em 16 set. 2020.

<sup>190</sup> LIVROS & REVISTAS. *Jornal do Comércio*, Manaus, a. XXII, n. 7492, p. 01, 28 fev. 1925. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/170054\\_01/32797](http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/32797)>. Acesso em: 16 set. 2020.

periódicos era prática corriqueira naquele tempo; ainda assim, é digno de atenção que a editora continuasse investindo na divulgação dos seus livros num momento em que estava endividada, em plena crise política e financeira, que culminaria com um pedido de falência. O jornal manauara noticiava a chegada de quatro títulos bastante diferentes entre si: dois romances muito conhecidos do século XIX, sendo um brasileiro (*Memórias de um Sargento de Milícias*) e um francês traduzido (*O conde de Monte Cristo*), e dois romances novos de escritores brasileiros: *Kyrmah: Sereia do vício moderno*, de Raul de Polillo, e *Frida Meyer*, de Vivaldo Coaracy, ambos lançados em 1924. Estilística e tematicamente, são romances distintos um do outro: um decadentista e um moderno<sup>191</sup>.

A diversidade temática e estilística é sugerida também pelo aspecto material dos livros de então. Tristão de Athayde, um dos mais importantes críticos literários da década,<sup>192</sup> resenhava os lançamentos do ano de 1920 usando a imagem de uma estante colorida como símbolo da diversidade gráfica da produção daquele ano:

A literatura está para a sociedade como a feição tipográfica dos livros para o seu conteúdo. Não é possível imaginar maior variedade de tipos, de capas, de formatos, de cores. Pode-se mesmo dizer que não há dois idênticos e cada autor procura dar ao aspecto externo de sua obra o cunho do seu gosto ou do contrário... É a imagem da nossa produção intelectual e imagem aliás animadora. Esse individualismo pode significar falta de solidez e estabilidade na vida literária, mas indica um seguro desejo de independência e portanto de criação. É do gosto anárquico de inovação que provêm as obras originais e fortes, simbólicas das épocas de vitalidade.<sup>193</sup>

Progressivamente, as capas tipográficas e monocromáticas, sérias e clássicas, foram sendo substituídas por livros de cores e formatos variados: sintoma de que havia leitores a serem conquistados e de que havia competição

<sup>191</sup> FRANÇA, Júlio; SILVA, Daniel A. P. Volúpias da estesia: a prosa de ficção decadente de Raul de Polillo. *Revista Todas as Musas*, São Paulo, a. 9. n. 1, pp. 109-117, jul.-dez. 2017.

<sup>192</sup> LAFETÁ, João Luiz. 1930: *a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. p. 57.

<sup>193</sup> ATHAYDE, Tristão de. A literatura em 1920. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 66, pp. 249-250, jun. 1921.

entre empresas editoras. Tristão dá um importante passo ao diagnosticar a relação complementar entre a materialidade do livro e seus elementos textuais. Faltou-lhe explicitar que essa relação significativa entre elementos textuais e paratextuais era produzida não apenas por escritores, mas também por editores, tipógrafos e capistas — todos eles imbuídos desse “seguro desejo de independência e portanto de criação”<sup>194</sup>.

O incremento da produção editorial livreira nacional — especialmente, mas não exclusivamente, paulista — vincula-se a um contexto de intensas transformações sociais, associadas a um crescimento populacional de grandes proporções, de migrações internas e levas de imigrações, de políticas educacionais que tiveram por consequência o aumento do número de alfabetizados, da progressiva urbanização, da substituição de importações, com crescimento da indústria gráfica nacional e a outros fatores.

Além das importantes transformações estéticas no campo literário brasileiro dos anos 1920, com a convivência de uma variedade de estilos, parece-nos digna de destaque também a quantidade e variedade da produção literária nacional. Vejamos alguns números dessa produção.

## **Um país se faz com homens e livros: Quais homens? Quais livros?**

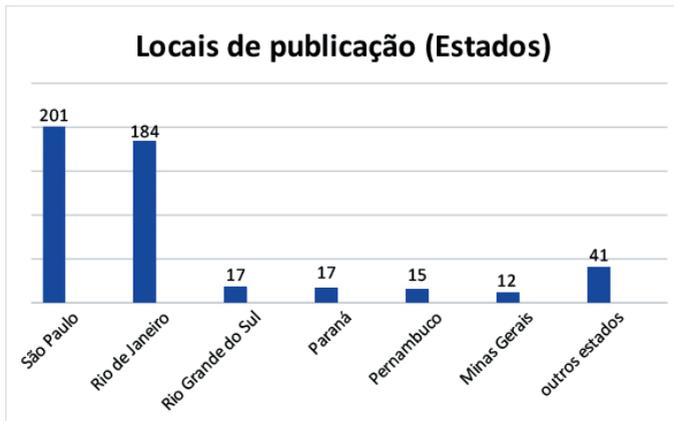
No curso do projeto de pesquisa *A prosa de ficção brasileira dos anos 1920*, identificamos até o momento a publicação de 487 novos livros de ficção brasileira naquela década, dos quais 256 são livros de contos; 180, romances; 35, literatura infantil; 6, gêneros híbridos, e 10 cujo gênero ainda não pôde ser identificado. Estão incluídas nesses dados apenas as primeiras edições de narrativas brasileiras: reedições, traduções e obras não ficcionais representam uma importante parcela das edições brasileiras e do rendimento das editoras, mas não entram no escopo desta pesquisa. Dentre os gêneros híbridos acima mencionados, há, por exemplo, narrativas de teor sócio-político, com enquadramento ficcional — como, por exemplo, *Os Bruzundangas*, de Lima Barreto; *Cartas de um chinês do Brasil para a China*, de Simão de Mantua (pseudônimo de Antônio Gomes Carmo), e *Mr.*

---

<sup>194</sup> Idem, p. 250.

*Slang e o Brasil*, de Monteiro Lobato.

As fontes para coleta de dados foram diversas, como se pode supor: bibliotecas, sebos, livros de referência, periódicos, teses e artigos acadêmicos, além de coleções privadas e bibliotecas digitais. Houve também fontes menos tradicionais de pesquisa, como sites de leilões virtuais. Sistemas de catalogação de bibliotecas também trazem importantes informações a respeito de livros de difícil acesso; não é demais lembrar que há livros brasileiros mais facilmente encontráveis em bibliotecas estrangeiras do que em nacionais.



Do total de livros de ficção brasileira identificados, a maioria foi publicada por editoras ou tipografias localizadas nos estados de São Paulo (201 livros) e Rio de Janeiro (184). São Paulo passou a ocupar nessa década um espaço de maior importância no cenário nacional, com a maioria dos livros sendo lançado na capital e alguns poucos em Ribeirão Preto, Santos, São Carlos e Campinas. Outro dado relevante é a diminuição da quantidade de livros de ficção publicados fora do país: enquanto na virada do século era usual a impressão de livros na França e em Portugal, num tempo em que as mais importantes editoras nacionais eram filiais de empresas estrangeiras, nos anos 1920 as edições estrangeiras de obras nacionais são quase desprezíveis: apenas 8 livros de ficção brasileira foram publicados em Portugal, 1 em Paris e 1 em Nova York; os demais foram publicados por editoras nacionais. A nacionalização da produção editorial “permitiu novas formas

de profissionalização dos intelectuais” brasileiros, além de outros benefícios para a vida social e cultural: “Afinal, ter editores morando no país, acessíveis para uma prosa num café e, além disso, interessados pela cultura nacional, representou um ganho inestimável para o sistema literário brasileiro”<sup>195</sup>.

Em substituição às editoras estrangeiras, que dominavam o mercado editorial brasileiro no século XIX, novas editoras nacionais se espalharam por um bom número de capitais brasileiras. Que editoras eram essas? Quem foram os empresários que investiram em escritores iniciantes e famosos, desconhecidos e premiados? A resposta a essa pergunta dependeu de uma tabulação de dados mais complexos: é difícil o acesso físico ou virtual a livros publicados em 1920; as referências a eles podem trazer ou ocultar informações sobre as editoras; algumas vezes, a informação é dúbia, porque aparecem dois nomes de empresas, supostamente uma editora e uma tipografia, eventualmente uma coedição, ou um nome representativo da fusão de empresas; há alguns nomes bastante genéricos – como “empresa editora”, por exemplo – cuja identidade pôde apenas ser presumida.

Feitas essas ressalvas, apresentam-se a seguir as principais editoras de ficção brasileira dessa década, seguidas do número de títulos novos publicados por elas:

<b>Editoras &amp; novos títulos de ficção brasileira lançados nos anos 1920</b>	
Editoras de Monteiro Lobato (Edições da Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Cia., Cia Gráfico-Editora Monteiro Lobato e Cia. Editora Nacional)	102
Leite Ribeiro	39
Benjamim Costallat & Miccolis	20
Livraria Francisco Alves	16
Editorial Hélios	15
Melhoramentos	14
Anuário do Brasil	12
Empresa Gráfica Paranaense	11
Livraria do Globo	10
Livraria Castilho	9
Pimenta de Mello & Cia.	9

<sup>195</sup> MARTINS, Milena Ribeiro. O livro brasileiro nos anos 1920: aspectos gráficos e atuação dos escritores. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira* – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, v. 29, p. 221 e 227, 2020.

Livraria Chardron de Lello & Irmão	7
Casa Editora Antônio Tisi, Jacintho Ribeiro dos Santos e Casa Mayença	5 cada
Imprensa Industrial (Recife), Imprensa Metodista, Livraria Schettino, Ed. Brasileira Lux, Tipografia Livraria Universal / Edição do autor, Irmãos Ferraz	4 cada
Casa Editora O Livro, Garnier, Paulo Pongetti & Cia., Empresa Brasil editora, Livraria Americana, Casa América Evaristo Maia	3 cada
23 outras editoras	2 cada
99 outras editoras	1 cada
21 livros sem dados sobre editoras.	TOTAL: 487 novos títulos

As editoras em que Lobato atuou lançaram 20% do total de títulos novos de ficção brasileira nos anos 1920. Comparativamente, observa-se que nenhuma outra editora publicou mais que 8% dos títulos de ficção nacional. Os números afinam a percepção de Hallewell, segundo a qual Lobato se destacava dos demais editores do seu tempo por lançar programaticamente escritores novos. Em carta, o editor mencionara esse seu propósito: “Meu empenho é só editar novos, mas novos de talento. Que gosto soltar livros de múmias acadêmicas, gente rançosa? Quero *tendrons*, brotos”<sup>196</sup>. De fato, ele lançou uma quantidade significativa de escritores novos, muitos dos quais jamais foram reeditados. A partir de 1926, porém, o investimento se dirigiu a escritores de venda segura, dentre os quais Viriato Correa, Paulo Setúbal e o próprio Monteiro Lobato.

A seguir, apresenta-se uma lista dos livros de ficção publicados pelas editoras de Monteiro Lobato nos anos 1920, com a esperança de que essas informações reunidas alimentem novos estudos sobre seu trabalho como editor e sobre a variedade da produção literária da década de 1920. Por meio de sua atuação como editor, Lobato abriu espaço para autores novos, contribuindo para a efervescência cultural de uma década. Resta que estudos monográficos se dediquem a analisar essa produção, a despeito de boa parte desses livros ter se convertido em raridade.

196 LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre*. 2. ed. Tomo II. São Paulo: Brasiliense, 1948, p. 239. Carta de 9 nov. 1921.

**Ficção brasileira publicada pelas editoras de Monteiro Lobato na década de 1920**

1920	Romance	<i>O mistério</i> (Afrânio Peixoto, Coelho Neto, Viriato Correa e Medeiros e Albuquerque), <i>Voo nupcial</i> (Albertino Moreira), <i>Vida ociosa</i> (Godofredo Rangel), <i>Madame Pommery</i> (Hilário Tácito), <i>O professor Jeremias</i> (Léo Vaz), <i>Sem crime: cenários de Belém, Pará</i> (Papi Júnior).
	Conto	<i>Ritinha e outros casos</i> (Léo Vaz), <i>Negrinha</i> (Monteiro Lobato), <i>Os caboclos</i> (Valdomiro Silveira)
	Infantil	<i>A menina do narizinho arrebitado</i> (Monteiro Lobato)
1921	Romance	<i>A veranista</i> (Abel Juruá)
	Conto	<i>Sapezais e tiguera: contos sertanejos</i> (Amando Caiubi), <i>Andorinhas</i> (Godofredo Rangel), <i>Casa de maribondos</i> (Gustavo Barroso), <i>A serpente de bronze</i> (Humberto de Campos).
	Infantil	<i>O Saci, Fábulas de Narizinho</i> (ambos de Monteiro Lobato), <i>Histórias da nossa história: crônicas e contos históricos</i> (Viriato Correa).
	Híbrido	<i>País de ouro e esmeralda</i> (José Antônio Nogueira)
1922	Romance	<i>De que morreu João Feital</i> (Lucillo Varejão), <i>O palanquim dourado</i> (Mario Sette), <i>O homem e a morte: tragédia cerebral</i> (Menotti Del Picchia), <i>A trilogia do exílio I. Os condenados</i> (Oswald de Andrade), <i>A dança do fogo</i> (Raoul Pollilo), <i>O reino de Kiato (no país da verdade)</i> (Rodolfo Teófilo).
	Conto	<i>Gritos femininos</i> (Chrysanthème), <i>Os condenados: contos atrozes</i> (Gabriel Marques), <i>Mula sem cabeça</i> (Gustavo Barroso), <i>A mulher que pecou</i> (Menotti Del Picchia), <i>Casa do pavor</i> (Moacir de Abreu), <i>A casa do gato cinzento</i> , <i>O crime do estudante Batista</i> (ambos de Ribeiro Couto).
	Infantil	<i>O marquês de Rabicó</i> (Monteiro Lobato).

1923	Romance	<i>Brutos e titãs: cenas da vida sertaneja</i> (Altamirando Requião), <i>O dente de ouro</i> (Menotti Del Picchia), <i>A dança do fogo: o homem que não queria ser Deus</i> (Raul de Polillo)
	Conto	<i>Noites de plantão</i> (Amando Caiuby), <i>A bacia de Pilatos</i> (Humberto de Campos), <i>A descoberta do paraíso</i> (Augusto de Oliveira e Sousa), <i>Tarântula</i> (Carlos Rubens), <i>Linguinhas de prata</i> (Euclides Pereira de Andrade), <i>Assombração</i> (Manoel Victor), <i>Memórias de Fulgêncio Claro</i> (Marques da Cruz), <i>O macaco que se fez homem</i> (Monteiro Lobato), <i>Memórias de um recruta</i> (Oswaldo Barroso), <i>Os serões de dona Branca</i> (Paulo de Freitas), <i>Pedras d'armas</i> (Pedro Calmon), <i>Dona Glorinha</i> (Tranquilino Leitão).
	Híbrido	<i>Cartas de um chinês do Brasil para a China</i> (Simão de Mantua)
1924	Romance	<i>Maria Ângela: páginas de vida escolar</i> (Ataliba Antonio de Oliveira), <i>Virgindade anti-higiênica: preconceitos e convenções hipócritas</i> (Ercília Nogueira Cobra), <i>O crime daquela noite</i> (Menotti Del Picchia), <i>Kyrmah: sereia do vício moderno</i> (Raul de Polillo), <i>Frida Meyer</i> (Valdo Coaracy).
	Conto	<i>Lógica de um burro</i> (Jaime de Altavila), <i>Diálogo dos abutres</i> (Mário dos Vanderlei), <i>Senhoras e Senhorinhas</i> (Raul de Azevedo), <i>Luizinha</i> (Vicente de Carvalho), <i>Quinze noites</i> (Yaynha Pereira Gomes).
	Infantil	<i>Dodóca, memórias de uma boneca</i> (Dolores Barreto), <i>A caçada da onça, Jeca tatuzinho</i> (ambos de Monteiro Lobato).
1925	Romance	<i>A marquesa de Santos</i> (Paulo Setúbal)
	Conto	<i>Uma aventura: contos</i> (Abel Juruá), <i>O diabo existe</i> (Julio César da Silva), <i>A mulher do próximo... e outras mulheres</i> (Lucillo Varejão), <i>No tempo da forca</i> (Mario dos Vanderlei).
	Infantil	<i>O garimpeiro do Rio das Garças</i> (Monteiro Lobato)
1926	Romance	<i>Os infelizes</i> (Claudio de Sousa), <i>O choque das raças ou o Presidente negro, romance americano do ano 2228</i> (Lobato), <i>O príncipe de Nassau</i> (Paulo Setúbal), <i>A Balaçada: romance do tempo da regência</i> (Viriato Correia).
	Conto	<i>Brio de caboclo</i> (Aureliano Leite).

1927	Romance	<i>Virgindade inútil: novela de uma revoltada</i> (Ercília Nogueira Cobra), <i>As maluquices do imperador</i> (Paulo Setúbal).
	Conto	<i>Mixórdia – contos e anedotas</i> (Cornélio Pires), <i>Brasil dos meus avós</i> (Viriato Correa), <i>Bau velho: roupas antigas da história brasileira</i> (Viriato Correa).
	Infantil	<i>Aventuras de Hans Staden</i> , <i>O irmão do Pinóquio</i> (ambos de Lobato).
	Híbrido	<i>Mister Slang e o Brasil: colóquios com o inglês da Tijuca</i> (Monteiro Lobato).
1928	Romance	<i>Uma mulher como as outras</i> (Afrânio Peixoto), <i>O tesouro de Cavendish: romance histórico brasileiro</i> (Alfredo Ellis Jr. e Menotti del Picchia), <i>A criação e o criador</i> (Gastão Cruels), <i>A tecedeira de nhanduti: romance histórico</i> (Gastão Penalva), <i>A guerra do Lopez: contos e episódios da campanha do Paraguai</i> (Gustavo Barroso), <i>A bandeira de Fernão Dias, romance histórico</i> (Paulo Setúbal).
	Conto	<i>Meu Samburá – anedotas e caipiradas</i> (Cornélio Pires), <i>Nos bastidores da história</i> (Paulo Setúbal), <i>Histórias ásperas</i> (Viriato Correa).
	Infantil	<i>O noivado de Narizinho</i> , <i>Aventuras do príncipe</i> , <i>O gato Félix</i> , <i>Cara de coruja</i> (todos de Monteiro Lobato), <i>Varinha de condão</i> (Viriato Correa).
1929	Romance	<i>Sinhazinha</i> (Afrânio Peixoto), <i>Guria</i> (Benjamin Costallat), <i>A guerra do Rosas</i> (Gustavo Barroso), <i>A guerra do Flores</i> (Gustavo Barroso), <i>As contas do terço</i> (Mário Sette).
	Conto	<i>Continuação das estrambóticas aventuras de Joaquim Bentinho (o Queima Campo)</i> (Cornélio Pires).
	Infantil	<i>O circo de escavalinho</i> (Monteiro Lobato).

Inevitavelmente, há lacunas nessa tabela, que vem sendo construída e ampliada desde 2015; apesar disso, é uma sistematização que permite construir novas hipóteses, conforme novas pesquisas avançarem.

## CAPÍTULO IX – Reinações de Monteiro Lobato

*Profa. Dra. Adriana Silene Vieira*

Neste capítulo, buscamos refletir sobre a maneira de Monteiro Lobato se apropriar de histórias estrangeiras, como os contos de fadas<sup>197</sup> e outras histórias. Ao trazer as personagens para o Sítio do Picapau Amarelo, ele incorpora as histórias ao contexto brasileiro. Essa apropriação de personagens estrangeiras à paisagem brasileira se dá, num primeiro momento, como leitura – e é a partir dessa leitura que estas personagens saem dos livros e se mudam para o Sítio. Isso ocorre em quase toda a obra infantil de Monteiro Lobato, mas escolhemos *Reinações de Narizinho*<sup>198</sup>, *Memórias da Emília*<sup>199</sup>, *Peter Pan*<sup>200</sup> e *O Picapau Amarelo*<sup>201</sup> para analisar.

*Reinações de Narizinho* dá início às aventuras das personagens do Sítio do Picapau Amarelo. Suas partes, compostas em épocas diferentes, apresentam diferentes tipos de intercâmbio entre as personagens lobatianas e as personagens das histórias estrangeiras. Este intercâmbio é uma manifestação da intertextualidade<sup>202</sup>, que se dá de forma muito explícita<sup>203</sup>. Para tratar dessa retomada, Lobato, por meio de Pedrinho, comenta que as histórias dos contos de fadas estariam “emboloradas”, precisando de uma

---

<sup>197</sup> COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1991.

<sup>198</sup> LOBATO, Monteiro. *Reinações de Narizinho*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>199</sup> LOBATO, Monteiro. *Memórias da Emília*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>200</sup> LOBATO, Monteiro. *Peter Pan*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>201</sup> LOBATO, Monteiro. *O Picapau Amarelo*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

<sup>202</sup> Usamos o termo “intertextualidade” no sentido bakhtiniano de diálogo entre diferentes textos. De retomada de determinado texto por outro autor, atualizando seu conteúdo.

<sup>203</sup> SANT’ANA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Companhia*. São Paulo: Ática, 1985.

renovação, ensejadas pelas visitas das personagens ao Sítio de Dona Benta.

O contato das personagens lobatianas com personagens de outras culturas faz com que se criem novas histórias e as personagens lobatiana se modifiquem. A principal delas é a boneca Emília, que, a princípio, nem falava e, aos poucos, foi protagonizando e interagindo com as histórias estrangeiras, principalmente as europeias. Isto foi observado por Lajolo<sup>204</sup>.

Na presença de personagens infantis tradicionais e europeias como Branca de Neve, Peter Pan ou Chapeuzinho Vermelho no sítio de Dona Benta, manifesta-se outro aspecto, no qual o projeto lobatiano parece coincidir com outros projetos da vanguarda: a retomada da tradição, passando-a a limpo, fecundando sua significação quer pela irreverência em relação a seu contexto tradicional, quer por sua imersão em outro contexto, agora moderno e nacional. Não podem constituir tais procedimentos, muitas vezes estruturais na obra de Lobato, manifestações do mesmo espírito da antropofagia, que, em outras obras, é lido como penhor de modernidade e vanguarda?

Com base nessas ideias, vamos então à forma como Lobato retoma a tradição e a passa a limpo.

## Leitura

As personagens europeias que visitam o Sítio são, fonforme já citamos, Chapeuzinho Vermelho<sup>205</sup>, Branca de Neve e Peter Pan, além de Alice e muitas outras. Num primeiro momento, seriam personagens do “mundo dos livros”, como no capítulo “O irmão do Pinóquio”<sup>206</sup>, em que Dona Benta, adquire livros, lê e conta oralmente as histórias para os demais.

Ao ler a história, em obras como *Peter Pan* e *Don Quixote das Crianças*<sup>207</sup>, dona Benta utiliza uma linguagem simplificada, para facilitar a recepção e prender a atenção do público. Na verdade, ela não lê, mas conta, a história. Nesses casos, a fonte das histórias da avó são sempre livros, e isso é

<sup>204</sup> LAJOLO, M. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983, p. 48.

<sup>205</sup> BETELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

<sup>206</sup> Esse texto foi publicado como um volume independente pela primeira vez em 1926.

<sup>207</sup> LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das crianças*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.

importante ao lembrarmos que Lobato foi editor.

A maneira de narrar de dona Benta reconstitui o estatuto oral da narrativa e faz com que os ouvintes sejam levados em consideração. A narrativa oral permite uma interação entre contadora e ouvintes. Na história contada, todos participam, construindo uma compreensão da história e vivenciando aquilo que é narrado. Assim, as histórias contadas por dona Benta não ficam no vazio; elas despertam a fantasia, desencadeiam as brincadeiras ou “reinações” e fazem com que as próprias crianças aprendam a fórmula e se tornem também contadoras de histórias.

Essa representação da leitura e contação de história dentro da obra lobatiana se torna tão concreta que se usam metáforas como “*o Visconde, só porque cheirou os livros de vovó, é capaz de saber.*” (p. 108) ou então “*Estou tirando só o que é álgebra. Álgebra é pior que jabuticaba com caroço para entupir um freguês.*” (LOBATO, 1966, p. 229). Isso faz lembrar as formas de leitura apresentadas por Maria Helena Martins, em especial a leitura sensorial, ou seja, com os sentidos, que antecede a leitura emocional e a racional<sup>208</sup>.

Essa visão concreta do livro demonstra a maneira das crianças de se relacionarem com ele, brincando. A apresentação do livro como objeto cujo conteúdo pode ser devorado, juntamente com a leitura oral de seu conteúdo, incentiva as crianças do Sítio (e, por extensão, os leitores de Lobato) a se aproximar e interagir com ele. Além disso, nas obras infantis de Lobato, seu conteúdo ganha vida e as personagens “fogem” para o Sítio de Dona Benta.

## Visitas

Em determinados momentos, as personagens dos livros invadem o mundo de seus leitores – na verdade, personagens de outro livro. Isso ocorre quando a Carochinha surge, dizendo a Polegar que outros estavam fugindo de seu livro.

Na empolgação das crianças do Sítio com a ideia da “fuga” das personagens, podemos perceber a voz de Lobato, que dizia querer “vestir à nacional” as fábulas e outras histórias. Aqui o escritor retoma as antigas

---

<sup>208</sup> MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

histórias estrangeiras, faz uma atualização, criando livros para as crianças brasileiras, que ele considerava carentes dessa literatura no início do século XX, conforme apresentado acima, no capítulo 7. A fuga das personagens mostra a crítica de Lobato às histórias desgastadas, repetitivas.

Na primeira visita das personagens dos contos de fada ao Sítio, ao chegarem, elas se apresentam. Percebe-se que as personagens de Perrault, dos Irmãos Grimm, de Andersen e das *Mil e uma noites* interagem entre si e com as personagens do Sítio. A mistura das personagens e histórias parece ter ocorrido depois do *final feliz* de cada narrativa, ou seja, no tempo do tédio. É esse o tempo em que a Cinderela vai aos bailes das Mil e uma noites e é vizinha de Branca de Neve, sendo ambas agora casadas e “felizes para sempre”. É interessante observarmos que essa retomada das histórias aparece na contemporaneidade em livros como *O fantástico mistério de Feiurinha* (1986), de Pedro Bandeira, e filmes como *Shrek* e *Encantada* (1998), da Disney. Na década de 1920, porém, foi completa novidade.

As personagens estrangeiras, ao chegarem ao sítio, ao invés de causarem admiração, admiram-se com o espaço e seus habitantes, vendo-o como um lugar maravilhoso onde poderiam viver novas aventuras. Essas personagens se adaptam naturalmente ao ambiente do sítio. Vemos, então, cenas cômicas, como quando o Lobo Mau da história de Chapeuzinho Vermelho bate à porta, querendo devorar Dona Benta, e é expulso por Tia Nastácia, que lhe dá vassouradas.

O Sítio fica povoado de personagens maravilhosas, “naturalmente” misturadas – ou naturalizadas, abrasileiradas, tropicalizadas – em contato com personagens, objetos e bichos do cotidiano brasileiro, representados pelo Sítio e seus habitantes. Além disso, a varinha mágica das fadas passa a ser um brinquedo com o qual as crianças do sítio e as princesas brincam de “fazer as coisas virarem”.

Os vilões que surgem nesse contexto também “entram no clima”, como Barba Azul, que ameaça se casar com as princesas, e os quarenta ladrões, que são espalhados pela lâmpada de Aladim.

Em uma segunda visita, no capítulo “O Circo de Escavalinho”<sup>209</sup>, as personagens vêm como espectadoras do circo criado pela Emília. Essas personagens já estão, nesse momento, mais adaptadas ao mundo moderno.

<sup>209</sup> Também publicado pela primeira vez, em separado, em 1926.

## Novas visitas e novos enredos

As personagens maravilhosas, em suas histórias de origem, fazem parte de um “outro mundo”, que também é visitado pelas personagens lobatianas. Por estarem todas misturadas nesse “outro mundo”, poderíamos chamá-lo “mundo das fadas” ou “das maravilhas”, como o próprio Lobato o denomina.

A turma do Sítio viaja em companhia de Peninha para o país das fábulas, onde encontram o senhor de La Fontaine junto com Esopo a observar os animais para compor suas histórias. Começa, então, a interação entre as personagens do Sítio, personagens das fábulas e escritores. Não contentes em observar as histórias dos animais que falam, as personagens do Sítio querem intervir. Na fábula “A cigarra e a formiga”, que aparece no capítulo “A formiga coroca”, Emília, indignada com a atitude da formiga de não acolher a cigarra, troca as personagens de lugar, coloca a formiga do lado de fora e faz a cigarra bater a porta em seu nariz.

Após o contato com as histórias estrangeiras, há um processo de abasileiramento das histórias maravilhosas, ocorrendo, desse modo, a apropriação das fórmulas e encantamentos. Por meio deste recurso, Lobato cria um contraponto moderno, nacional e original. Além disso, as personagens lobatianas incorporam os encantamentos, chamados também “histórias de virar”. Podemos observar em vários trechos que, para todas as fórmulas mágicas europeias, é criado um contraponto brasileiro, como o “faz de conta”, e o Sítio vai se incorporando à cultura mundial, com um processo que parte da apropriação para se transformar em criação.

## Algumas Considerações

Demonstramos aqui algumas formas por meio das quais se dá a apropriação das histórias estrangeiras no texto de Lobato. As personagens dessas histórias se modificam ao interagirem com as do Sítio. A mistura de personagens estrangeiras às do Sítio é como uma colagem. Suas roupas estranhas e suas histórias fantásticas assumem novas combinações e, de nobres, princesas, príncipes e heróis, eles passam a seres comuns, ou seja, seu

significado se subverte. Já a passagem das crianças para as outras histórias se dá de forma diferente. Elas não perdem, em nenhum momento, suas características, mas modificam o outro ambiente, corroem as outras histórias, como no caso da fábula da formiga.

Ao apresentar as personagens dos contos de fábulas europeus junto com as dos quadrinhos e cinema americanos, Lobato discute também a propriedade dessas histórias. No caso das histórias da Carochinha, mostra o livro como prisão e as personagens, misturadas, voltam ao que eram de início: propriedade da imaginação popular.

A história das personagens do Sítio continua a se desenvolver em sobreposição às outras histórias. O sítio se transforma em espaço mágico, e suas personagens criam novas fórmulas que unem a fantasia popular a uma nova criação. É dessa forma que as personagens lobatianas, movidas por vontade própria, manipulam as histórias criadas pelos outros e criam, elas mesmas, suas histórias, a partir da colagem e transformação dos outros enredos.

# CAPÍTULO X – A apropriação *Saci Sarará* e novidades sobre a agência de Lobato na Argentina

*Dra. Silvia Cobelo*

## ***Saci Sarará* – um saci urbano**

**L**úcio é um garoto da cidade que vive empinando pipa. Como nasceu albino e com uma só perna, assumiu apelido de Saci: está sempre de boné vermelho, óculos escuros e luvas. Faz sua primeira viagem de férias sozinho e visita sua tia e primos no interior de SP, Jales. Ao embarcar no trem, recebe do pai um livro, *O Saci*, de Monteiro Lobato, e sonha com a floresta encantada e o mundo dos sacis já antes de chegar. No dia em que completa 14 anos, Lúcio descobre sua verdadeira identidade e deve decidir o rumo de sua vida.

Essa é a história de *Saci Sarará*, uma apropriação de Lobato<sup>210</sup> lançada de agosto de 2019 na Biblioteca Nacional de Buenos Aires pela Risco Editoras<sup>211</sup>. Escrito por Silvia Cobelo inicialmente em forma de roteiro e atualizado com uma leitura urbana e mitológica ao virar conto, floresce com a tradução ao espanhol por Julieta Benedetto, as ilustrações de Clô Candotti e com as interferências gráficas e editoriais feitas por Alix Cobelo.

Revisado por Cobelo antes da tradução, o conto recebe paráfrases

---

<sup>210</sup> *O Saci* (1921) utiliza como fonte o livro: *Sacy-Pererê: resultado de um inquérito* (1918), que por sua vez é uma compilação de cartas de leitores do jornal *O Estado de São Paulo*, respondendo a uma enquete sua.

<sup>211</sup> COBELO, Silvia, trad. BENEDETTO, Julieta. *Saci Sarará*. Buenos Aires: Risco Editoras, 2019. Checar capa do livro e mais detalhes na página da Risco. Disponível em: <<https://riscoeditoras.hotglue.me/>>. Acesso em: 20 set. 2020.

contextualizando o folclore brasileiro e certas características específicas dessa cultura. Apesar da existência de paratexto editorial inicial, explicando o saci, sua mitologia e o termo *sarará*, as editoras decidiram adicionar um minilivro, *La Floresta del Saci* (em forma de *insert*), representando o livro dado a Lúcio pelo pai. São fragmentos de alguns capítulos do *Saci de Lobato* adaptados por Cobelo, que Benedetto traduz: “Tio Barnabé”, “A modorra”, “A Floresta” e “Discussão”. O pequeno livro termina com uma conversa entre o neto de dona Benta e um saci, o qual acaba filosofando sobre a fada Vida, sugerindo que o menino imite Peter Pan e permaneça criança – para *arrumar a Humanidade*. Dois elementos controversos da história tiveram que ser adaptados para o público infantil: (a) o cachimbo, componente inseparável dos sacis, nesta história não tem brasas, nem fumaça, mas bolhas de sabão mágico colorido e (b) os sacis se transformam em companheiros, e não escravos, daqueles que os caçam. Alguns diálogos foram também ajustados, omitiu-se a reiterada utilização de termos como *bobo*, *bobinho* e *estúpido*.

## **Voltando à língua de partida: Garay traduz o *Dom Quixote das Crianças***

Monteiro Lobato é um verdadeiro agente cultural<sup>212</sup>. A relação com Argentina, iniciada com a compra da *Revista do Brazil*, perdura até o final de sua vida, culminada com uma feliz e longa estadia em 1946, um ano antes de sua morte. Desde cedo sonhara com o mercado hispano-americano, com entrada pela Argentina, modelo de desenvolvimento regional da época. Em 1919 entra em contato com o escritor Manuel Gálvez (1888-1962) e sua revista passa a publicar resenhas, ensaios de e sobre autores na seção *Novidades Literárias Argentinas*<sup>213</sup>, e em 1920 *Urupês* é publicado em espanhol, a primeira tradução de uma obra sua, assinada por Benjamín de Garay. Dois anos depois

---

<sup>212</sup> No conceito de Agência, agentes são indivíduos dos bastidores editoriais: editores, revisores, e, claro, tradutores; como também instituições e programas governamentais. MILTON, John; BANDIA, Paul (Eds.). *Agents of translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2009, p. 1-18.

<sup>213</sup> Os escritores eram na sua maioria ligados ao modernismo hispano-americano, como Atilio Chiappori, José Ingenieros, o uruguaio Horacio Quiroga e o nicaraguense Rubén Darío.

sua editora, a Companhia Nacional, já publicara vinte obras argentinas<sup>214</sup>.

Amigo de Manuel Gálvez desde a adolescência em Santa Fé, Benjamín [Bertoly] de Garay (188?-1943) tem importância crucial agenciando as primeiras relações culturais entre a Argentina e o Brasil. Durante as décadas de 1920 e 1930, vive entre São Paulo, Rio e Buenos Aires em contato com intelectuais brasileiros, traduzindo, além de Lobato, escritores como Euclides da Cunha, Graciliano Ramos, Gilberto Freyre e Jorge Amado. Ao se tornar diretor da bem-sucedida *Colección de Novelistas Brasileños*, iniciada em 1937 pela Claridad, traduz, edita e redige prefácio e glossário de cada obra publicada<sup>215</sup>.

A Guerra Civil Espanhola se iniciava quando Lobato lança *Dom Quixote das Crianças* (1936), depois de quinze anos de gestação, como 25º volume da coleção infantil *Sítio do Picapau Amarelo*. Um ano depois, a obra estava à disposição do leitor argentino, com tradução de Garay, publicada na edição dominical do jornal *La Prensa*, em forma de folhetim, entre 20 de junho a 5 de setembro de 1937. A tradução é editada como livro pela Claridad, editora criada em 1922 pelo socialista espanhol Antonio Zamora (1896-1976), com o mesmo título, *Don Quijote de los Niños*, acompanhada por um prefácio: *Los cuentos infantiles de Monteiro Lobato*. Nesse paratexto, ele explica que a história faz parte de uma coleção de livros infantis com as mesmas personagens<sup>216</sup> e informa o nome do primeiro, *Las travesuras de*

<sup>214</sup> RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. *Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais*. 242p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008, p. 53-65.

<sup>215</sup> Para Gustavo Sorá, os autores dessa coletânea, como Raquel de Queiroz, Euclides da Cunha e Erico Veríssimo, são beneficiados com essa política editorial e ampla distribuição pela América Hispânica, permitindo uma circulação inédita para esses escritores, às vezes até mais do que no próprio Brasil. SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Editorial Libros Del Zorzal, 2003, p. 193.

<sup>216</sup> Zamora parece que realmente queria publicar mais livros da coleção, pois na última página encontramos a seguinte lista, notar as traduções dos livros, em especial a repetição do epíteto negra antes do nome de tia Nastácia: “Libros Infantiles de MONTEIRO LOBATO: *Travesuras de Naricita Respingada*. *Más travesuras de Naricita Respingada*. *Viaje al Cielo*. *Saci: el duendecito travieso*. *Tremendas cacerías de Pedrito*. *Aritmética de Emilia (la muñequita de trapo)*. *Geografía de doña Benita*. *El pozo del vizconde*. *Las veladas de doña Benita*. *Los cuentos de la negra Nastacia*. *Las memorias de Emilia*. *El bandido del Río de la Muerte*”, sendo este último um livro de Bernardo Guimarães, publicado pela editora Monteiro Lobato Cia em 1922. LOBATO, Monteiro, trad. GARAY, Benjamín de. *Don Quijote de los Niños*. Buenos Aires: Claridad, 1938, p. 237.

*Naricita Respingada*. Descreve a avó *Doña Benita*, os netos *Lucia* e *Pedrito* [*Perucho*, em Sosa] que ouvem a história junto com Emilia, *Vizconde* e tia *Nastasia*, descrita como “una negra, negra por afuera y blanca por dentro, muy bondadosa, muy perita en preparar bocadillos y buñelos, pero que vive rezongando” [uma preta, preta por fora e branca por dentro, muito boa, perita em preparar sanduíches e bolinhos, mas que vive reclamando], além de criar algo como um dialeto, trocando letras, inexistente em Lobato e na retradução de 1945<sup>217</sup>.

## O misterioso tradutor M. J. de Sosa

Na última década de sua vida, Lobato finalmente invade a América espanhola com seus personagens do *Sítio* com a inestimável ajuda de um fiel escudeiro: [Juán]Ramón Prieto [Bernié] (1902-1985). O seu novo editor, tradutor e agente cultural aparece em 1942, através da editora Americalee, de Domingos Landolfi, um anarquista italiano que, diferente de Zamora, interessou-se por toda a coleção infantil e, devido às cartas trocadas com Prieto, recolhidas por Thaís de Mattos Albieri<sup>218</sup>, sabe-se que Garay supervisionaria os trabalhos, por não ter energia para produzir todas as traduções, sugerindo-se também que, devido à idade avançada, não seria apto para a tradução de literatura infantil e Prieto cita a primeira tradução de *Dom Quixote* (1938), criticando a forma e a falta de ilustrações.

Albieri<sup>219</sup> acredita que o pouco sucesso da tradução de Garay pode ter ajudado o desinteresse de Zamora pela coleção, publicada completa

---

<sup>217</sup> “¡Nuestla Señola! ¿Qué telemoto selá éste? –exclamó la asustada negra. Y al entrar en la sala y ver el desastre -: ¿Selá posible. Santo Dios? ... ¿La tiela estalá temblando?” [Nossa Senhora! Que terremoto será aquilo? – exclamara ela. E o entrar na sala. Vendo o desastre: - Será possível, santo Deus? A terra estará tremendo?]. Idem, p. 6 e 9; e LOBATO, Monteiro. *Dom Quixote das Crianças*. São Paulo: Globo, 2010, p. 12. Transcrevemos a retradução de Sosa, que a chama de tia Anastácia, para aproveitar o cotejo: “Virgen santa! ¿Qué terremoto es éste? – exclamó – ¿Será posible, santo Dios, que la tierra esté temblando?”. LOBATO, Monteiro, trad. M. J. de Sosa. *El Quijote de los Niños*. Buenos Aires: Americalee, 1953, p. 11.

<sup>218</sup> ALBIERI, Thaís de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. 310p. Tese (Doutorado em Letras). Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2009.

<sup>219</sup> Idem, p. 226.

pela Americalee, com pelo menos três edições e mais reimpressões, que se associa com Losada, editora fundada em 1938 pelo emigrado da Guerra Civil Espanhola, Gonzalo Losada (1894-1981). Eles não só participam de detalhes editoriais, como capas, ilustrações, mas também distribuem na América Hispânica e vendem a coleção porta a porta, ficando Americalee somente com a venda em livrarias. O excelente plano de *marketing* inclui a divisão da coleção em dois, A e B, e vendendo os primeiros 12 volumes juntos, em prestações, acompanhados por uma graciosa peça de mobiliário em forma de estante<sup>220</sup>.

A segunda tradução da adaptação de Cervantes é publicada em 1945 com ilustrações de Gustave Doré, com o título *El Quijote de los Niños*<sup>221</sup>, assinada por M.J. de Sosa. Apesar de traduzir outros treze livros da coleção lobatiana e pelo menos quatro outros títulos da Americalee, até recentemente continuava uma incógnita, com sua identidade oculta. Chegamos a pesquisar, em 2012, os arquivos da Biblioteca Nacional e entrevistar a secretária de Gonzalo Losada em Buenos Aires, que apenas informou ser um tradutor do sexo masculino, confirmando o conteúdo da carta de Prieto, escrita em portunhol e com data de 20 de março, 1943. Nela assegura que Sosa conhece muito bem o Brasil e o português, além de conhecer guarani.<sup>222</sup> Esse último detalhe levantou dúvidas sobre sua nacionalidade, pois, além do Brasil, o idioma autóctone é falado também no Paraguai e norte da Argentina.

Somente em novembro de 2019, ao voltar a pesquisar sobre o tema, sem

---

<sup>220</sup> Verificamos existência de exemplares e leitores dessa coleção em vários países ainda hoje. De acordo com Jorge Pinedo, a Coleção foi reeditada até os anos 1970, contando com dez edições. PINEDO, Jorge. “Niños en el Tiempo”. *Página 12*, Buenos Aires, 20 jun. 2010. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/suplementos/libros/10-3886-2010-06-20.html>>. Acesso em: 20 set. 2020. Losada relançou a tradução de Prieto em 2010, *Las Aventuras de Naricita* com muito alarde: apoio financeiro da Embaixada Brasileira, ilustrações do paulista Paulo Borges, e um eloquente prefácio da Presidente Cristina Kirchner (ver transcrição completa bilíngue espanhol/português em MILTON, John. *Um País se faz com Tradutores e Traduções*. São Paulo: Martins Fontes, 2019, p. 189-192). Apesar de prometer seis livros, até agora só publicaram um segundo volume no mesmo ano de 2010: *Las Nuevas Aventuras de Naricita*.

<sup>221</sup> Repetindo um título de duas adaptações espanholas: *El Quijote de los Niños* (1861) de Manuel Galiano e *El Quijote de los Niños y para el Pueblo* (1856) de Alberto Lista.

<sup>222</sup> “Neste assunto da tradução o amigo vae ficar satisfeito. O tradutor conhece o português fallado no Brasil, fauna, flora, costumes, vida do interior e o Guarani (não o de Alencar senão o idioma)”. PRIETO, 1943, apud ALBIERI, 2009, p. 108, *itálicos* nossos.

muitas esperanças, mais por método científico, encontramos um esclarecedor artigo no *Diario Río Negro*, o mais antigo e de maior circulação jornal da Patagônia, Argentina, assinado por Héctor Landolfi, filho de Domingos Landolfi, como confirmado em entrevista pessoal (04.12.19), esclarecendo o mistério: “El nombre del traductor de la obra infantil de Monteiro Lobato – del portugués al castellano – que figura en sus libros es M. J. de Sosa. Esta denominación expresa un seudónimo que esconde a la persona de Ramón Prieto”.

Como bem descreve Landolfi, Prieto teve realmente uma “vida azarosa y aventurera”<sup>223</sup>. Nasce em Salamanca em 1902 em família de militares (seu pai lutou nas Filipinas e seu avô na guerra de Cuba), chega na América do Sul aos dois anos, quando coronel Mateo Prieto é enviado ao Paraguai como representante diplomático, “un embajador sin embajada en un país devastado por el genocidio de la Triple Alianza”, segundo relata René Longoni<sup>224</sup>. O aluno do aristocrático Colégio San José se transforma em ativista, assim como outros jovens paraguaios, entusiasmados pelas ideias do espanhol Rafael Barrett (1876 – 1910). A viúva de Prieto, María Granata<sup>225</sup>, conta que, graças às boas relações (e uma generosa doação ao colégio) de sua endinheirada mãe francesa, ele é transferido para a mesma instituição em Buenos Aires, depois de se envolver numa revolta estudantil. Estuda jornalismo e aprofunda sua atividade política dentro da federação do anarquismo argentino (FORA) e colabora com o periódico *La Protesta*<sup>226</sup> e depois como periodista no diário *La Razón* (1905-2017), que o envia ao Brasil em 1925 para uma reportagem, onde fica por mais de uma década, que renderam duas obras: *Los Misterios del Amazonas* (1942) e *La Ciudad del Hierro Verde* (1942), nas quais esclarece

<sup>223</sup> LANDOLFI, Héctor. “Monteiro Lobato: literatura, petróleo y política”. *Diario Río Negro*, 7 jun. 2013. Disponível em: <[https://www.rionegro.com.ar/monteiro-lobato-literatura-petroleo-y-polit-NRRN\\_1180241/](https://www.rionegro.com.ar/monteiro-lobato-literatura-petroleo-y-polit-NRRN_1180241/)>. Acesso em: 20 set. 2020.

<sup>224</sup> LONGONI, René. “Ramón Prieto 1902 – 1985”. *3º Congreso de Estudios sobre el Peronismo (1943-2012)*. Buenos Aires, 2012, p. 1-22. (p. 2). Disponível em: <<http://redesperonismo.org/wp-content/uploads/2019/03/053.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.

<sup>225</sup> Granata foi entrevistada pessoalmente por Longoni e Delia García no dia 5 de novembro, 2010, material cedido em sua íntegra para este capítulo, em comunicação pessoal.

<sup>226</sup> Fundado pelo anarquista catalão Gregorio Inglán Lafarga em 1897 com o título *La Protesta Humana*, assumiu o título atual no início do século, conservado assim até hoje. Disponível em: <<http://americalee.cedinci.org/portfolio-items/la-protesta/>>. Acesso em: 17 set. 2020.

a familiaridade com a fauna, aflora e as línguas brasileiras que assegurava ao tradutor Sosa.

Após perambular um ano pela Amazônia, junta-se à Coluna Prestes<sup>227</sup>. Thaís Battibugli<sup>228</sup> assevera sua militância no Partido Comunista Brasileiro na década de 1930, como mostra a longa ficha policial coletada pela Delegacia de Ordem Política e Social (DEOPS) como “líder e agitador de massas”, membro da Aliança Nacional Libertadora (ALN) e participante da Internacional Comunista como afiliado ao PCE. Expulso do Brasil por participar da Intentona Comunista de 1935<sup>229</sup>, viaja ao Uruguai e Argentina com um grupo de voluntários das Brigadas Internacionais. Coube ao Ramón Prieto conseguir passaportes legais com a Embaixada Republicana em Montevideu antes de embarcarem para a Espanha. Em 1938 ele comanda as metralhadoras da Brigada Garibaldi na batalha perdida no Ebro. Sobrevivendo, depois de três meses num hospital, é resgatado por Pablo Neruda de um campo de concentração na fronteira francesa, de onde embarcam para Buenos Aires em 1939.

## **Um Lobato *porteño* e um *negócio escuso ou inconfessável***

Como bem destaca John Milton<sup>230</sup>, Lobato aproveita bem mais sua estadia em Buenos Aires, onde chega no início de julho de 1946, do que em Nova Iorque nos anos 1920, onde esteve como adido comercial, e não como um grande escritor/editor. Assume conversar em português e não compreender

---

<sup>227</sup> Veja mais detalhes no livro escrito pela historiadora e filha de Luís Carlos Prestes. PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2017.

<sup>228</sup> BATTIBUGLI, Thaís. “A Guerra Civil Espanhola e a solidariedade antifascista brasileira”. In GUTIÉRREZ Horacio et al (Eds.). *A Guerra Civil Espanhola e a América latina*. 2018, p. 31-58. (p. 49).

<sup>229</sup> Em carta a Lobato, Prieto conta que sua filha vai se casar e pede ao amigo que verifique se ele pode voltar ao Brasil. PRIETO, 1945 *apud* ALBIERI, Thaís de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. Op. cit., p. 134.

<sup>230</sup> MILTON, John. *Um País se faz com Tradutores e Traduções*. Op. cit., p. 184.

o castelhano<sup>231</sup>, o que não impede de se transformar em celebridade<sup>232</sup>, ser reconhecido na rua, convidado por autoridades nacionais e estrangeiras e ser levado a visitar outras províncias. O governo exhibe Lobato “como un trofeo valioso de la causa de la integración americana”, segundo Haydée J. Barroso<sup>233</sup>, “caballito de batalla de los más altos y nobles intereses argentinos en nuestra América”. Participa de diversos eventos promocionais, impulsionando mais ainda a venda de seus livros com sua popularidade dentro do universo infantil argentino, antes restrita ao público adulto. Em setembro do mesmo ano, é homenageado em um evento literário da Embaixada do Brasil e a magazine *Harrods* organiza a “Semana Monteiro Lobato”, repetida no Natal, com teatros, livros e bonecos das personagens<sup>234</sup>.

Prieto deixa a Americalee após expressar insatisfação econômica em cartas trocadas com Lobato – inclusive, em mais de uma, confirma indiretamente ser M.J. Sosa ao assumir a tradução de dois volumes assinados com esse pseudônimo: “Minha função, em Americalee, está reduzida à tradução dos seus livros. Amanhã entregarei, com cópia, como *Viagem ao Céu, A Caçadas*”<sup>235</sup>. Lobato se torna sócio da recém-fundada editora Acteón<sup>236</sup>, de Prieto e Miguel Pilato, e, entre 1946 e 1947, publicam as traduções de *Hércules, Urupês* e *La Nueva Argentina*. Essa última é citada sempre como sua única obra escrita em espanhol, mas, pela conhecida falta de domínio da língua, acreditamos ser também uma tradução de Prieto, na época bem próximo ao

---

<sup>231</sup> “Brito Broca, que andou pela Argentina nessa época, esclarece que Lobato não falava castelhano. ‘Acha muita graça no idioma [...]’ e “‘Eu falo português, eles não me compreendem; eles falam castelhano, eu não compreendo, no fim, acabamos por nos entender perfeitamente’”. CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962, p. 229-230.

<sup>232</sup> LOBATO, M. *A barca de Gleyre*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957, p. 379-381.

<sup>233</sup> BARROSO, Haydée Jofre. *Monteiro Lobato – un escritor, un País*. Buenos Aires: Galerna, 2000, p. 151.

<sup>234</sup> LOBATO, M. *Cartas Escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 192. Héctor Landolfi conta que seu pai foi o autor da ideia dos bonecos (entrevista em 4 dez. 2019).

<sup>235</sup> PRIETO, *apud* ALBIERI, Thais. Op. cit., p. 115.

<sup>236</sup> Em carta de outubro, 1945, Prieto já pergunta: “E fico com a boca cheia d’água pensando que tem mais de 20 volumens ainda para editar. Não se pode dar um jeito de transferir algum para esta ‘Acteón?’”. Idem, p. 255.

peronismo<sup>237</sup>. Tampouco concordamos que Lobato não tivesse admiração<sup>238</sup> pelo recém-empossado presidente (fev. 1946), o qual havia sido ministro do trabalho e depois vice-presidente do governo anterior. Como recorda Haydée Barroso<sup>239</sup>, no livro *O Escândalo do Petróleo* (1931), há um Plano Quinquenal que inclui ferro e petróleo nacional, estradas e independência econômica. Ela pensa que Lobato, ao encontrar semelhanças entre a medidas tomadas por Perón e aquelas que imaginara para o Brasil, entusiasma-se. Talvez sua velha mania energética e sua decepção com a política e economia brasileira tenham ajudado a criar seu deslumbramento por Perón – personalidade de quem já falava antes de ir para a Argentina<sup>240</sup>. Levamos em conta também a grande amizade com o pintor Cesareo Bernaldo Quirós (1870-1968)<sup>241</sup>, outro admirador de Perón e, a partir de 1948, integrante da Comissão Nacional de Cultura do governo<sup>242</sup>.

Uma *Nueva Argentina* era o slogan-promessa de Perón, denominação frequente para a Pátria, lema apropriado do livro homônimo de Alejandro E. Bunge (1940). Estudado atualmente como um dos primeiros livros de leitura

---

237 Como descreve em seu livro *El Pacto* (1965), Prieto volta a militar na política, chega a ser preso por sua atividade na resistência peronista, viajando depois à Venezuela para contactar o exilado general Perón e fazer um pacto com Arturo Frondizi, presidente argentino entre 1958 e 1962. Ver mais em LONGONI, René. Op. cit., p. 7-15. Longoni comenta que Prieto conhecia a prédica de Lobato pelo petróleo brasileiro e que apoiou Frondizi em sua “Batalha pelo Petróleo”. LANDOLFI, Op. cit., 2019. Paula Auler também pensa que falta pesquisar quanto Prieto está envolvido com a escritura desse livro, justamente por sua relação peronista, mas assim como demais críticos, aceita a escrita lobatiana em espanhol, sem recordar sua assumida insuficiência linguística. AULER, Paula. *El traductor como importador literario y mediador cultural en la obra de Monteiro Lobato en la Argentina*. 27p. TCC (Tradução Português). Buenos Aires: Seminario Permanente de Estudios de Traducción, 2015, p. 22.

238 Apenas para dar um exemplo, pois a ideia é repetida em vários autores, em diversas épocas e países, Albieri acredita que tenha usado pseudônimo para se afastar de “aparente filiação ao governo de Perón”. ALBIERI, Thais. Op. cit., p. 255.

239 BARROSO, Haydée Jofre. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 100-101 e 153.

240 LOBATO, Monteiro. *Cartas Escolhidas*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964, p. 182.

241 Consultar cartas trocadas em ALBIERI, Thais. Op. cit., p. 55

242 Lobato chega a escrever uma carta ao jornal *El Mundo* defendendo o amigo, criando uma polêmica discussão sobre Modernismo, e é depois duramente criticado por Dalton Trevisan. Ver mais em GARCÍA, María Amalia. “Vanguardia en doble página. Intervenciones del invencionismo argentino en la revista Joaquim”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 61, p. 159-182, ago. 2015. [p. 175]

para incorporar os princípios básicos da doutrina peronista<sup>243</sup>, Lobato repete sua fórmula na qual crianças, os irmãos Pancho e Pablo, fazem o papel do público que aprende a ensinar, repetindo os planos de remodelação da *nova Pátria* ensinados por seu pai, Don Justo Saavedra, convencendo parentes relutantes. Fala da importância de um Ministério de Energia, exploração e industrialização de gás e petróleo, com construção de destilarias e gasodutos. Louva os governantes e afirma que o Plano Perón, o Quinquenal, irá “corregir los errores y subsanar la negligencia de los gobiernos pasados”, preparando a *Grande Argentina*<sup>244</sup>. A ilustração da capa interpreta a atmosfera do livro, a construção de um *Mundo Feliz*, a família admirando a nova Argentina: o campo com grandes plantações atravessado por modernas autopistas, uma hidroelétrica e, ao fundo, uma cidade com prédios, indústrias soltando negra fumaça e o céu pontilhado de aviões, mostrando a pujança pós-guerra<sup>245</sup>.

Falta agora aprofundar estudos sobre este livro, tão importante na doutrinação peronista, do qual foram impressos oficialmente 3.000 exemplares<sup>246</sup>. Ao cotejar o texto integral dessa obra com outras similares, poderemos checar quanto foi utilizado nos livros seguintes, esses, sim, comprados pelo sistema educacional, e entender o motivo de essa obra não ter sido incorporada pelo mesmo, apesar de ter agradado ao general populista e fazer parte de sua biblioteca particular<sup>247</sup>. As razões de Lobato para esse “negócio escuso ou inconfessável” – definição usada por ele para negar em carta ao jornal que o censura após a publicação do livro<sup>248</sup> –, além das outras

---

<sup>243</sup> “Lobato was the one who made these policies accessible to children”. GARCÍA, Maria Amalia. *Abstract Crossings: Cultural Exchange between Argentina and Brazil*. Berkley: Univ. of California Press, 2019, p. 77.

<sup>244</sup> GARCÍA, Amelia Beatriz. “Libros de lectura del periodo peronista: la construcción de la imagen de la Patagonia”. *Historia Caribe* 5, Barranquilla, n. 15, 2009, p. 31-45 (p. 35). Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3180513.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.

<sup>245</sup> GARCÍA, María Amalia. “Vanguardia en doble página. Intervenciones del invencionismo argentino en la revista Joaquín”. Op. cit., p. 177.

<sup>246</sup> A imprensa anuncia distribuição gratuita de cem mil exemplares pela cidade de La Plata, que teriam salvado Acteón se tivessem mesmo sido impressos. Ver detalhes em CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 231-232.

<sup>247</sup> SWIDERSKI, Graciela. *Biblioteca de Juan D. Perón. Bibliografía sobre el peronismo*. Buenos Aires: Archive General de La Nación, 1997, p. 68.

<sup>248</sup> CAVALHEIRO, Edgard. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 232.

expostas acima, parecem ser mais que uma simples tentativa de repetir o sucesso comercial de *Narizinho* ao ser adotado como texto escolar. Mostra um *workaholic* assumido, deslumbrado ao chegar ao destino tão sonhado, sua ilha de Baratária, na qual, assim como Sancho Pança, é recebido com honras e glórias, o *Embaixador das Crianças*, o *Pai da Emília* e dono do *Sítio*, um escritor que assiste a manifestações a Perón tomando coquetéis nas calçadas da Avenida de Mayo<sup>249</sup> e recai em seu maior vício: a escritura. O pretexto é convincente: “falta na Argentina um livrinho que dê ideia do que está acontecendo no País”<sup>250</sup>. Assim apareceram 152 páginas do primeiro texto escolar peronista, escrito em portunhol.

Com os direitos autorais deste grande autor liberados, aguardamos mais reescrituras, traduções, muitas histórias adaptadas, várias apropriações, enfim, tudo a que um grande autor tem direito para seguir sendo lido (e, sim, parodiamos Lefevere<sup>251</sup>).

---

<sup>249</sup> Idem, p 231-232.

<sup>250</sup> Idem, p. 231.

<sup>251</sup> “if a writer is no longer rewritten, his or her work will be forgotten”. LEFEVERE, André *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. Londres/NY: Routledge. 1992, p. 110.



## CAPÍTULO XI – Diálogos com a modernidade e a modernização em *América*, de Monteiro

*Ms. Vanessa de Paula Hey*

**A** *mérica*, publicada em 1932, diferentemente das produções anteriores de Monteiro Lobato (1882-1948), apresenta-se como um texto híbrido – “misto de impressões de viagens, romance de ideias e crônica social”<sup>252</sup> – que tem como centralidade o desenvolvimento de uma temática pouco explorada pelo autor em suas obras pregressas, a saber, a discussão de questões relacionadas à nação norte-americana, tanto aquelas que dizem respeito a sua economia, política e organização social, quanto as que se referem aos costumes e manifestações culturais daquela sociedade, os Estados Unidos do final da década de 1920 e início dos anos de 1930.

Através da análise e da investigação das fontes de muitos dos diálogos que se estabelecem entre os personagens dessa obra, podemos afirmar que ela deixa transparecer, em certa medida, a experiência norte-americana que Lobato teve nos anos em que lá trabalhou como adido comercial, de 1927 a 1931.

Em *América*, conduzidos por um narrador brasileiro (que não recebe nome na narrativa) e por seu interlocutor inglês, Mister Slang, percorremos os mais diversos lugares nos Estados Unidos (museus, bibliotecas, ruas, cafés, etc.), passando-se a impressão, por vezes, de se tratar apenas de um relato tradicional de viagem, porém, essa noção é superada pelas reflexões feitas acerca desses mesmos espaços. Os diálogos construídos apresentam

<sup>252</sup> MARTINS, Milena. Censura na América. In: *Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011, p. 1.

opiniões e possíveis explicações para o progresso e desenvolvimento científico e tecnológico da nação norte-americana, como um elogio ao grau de modernização alcançado por essa sociedade – “faceta pela qual o livro é mais conhecido”<sup>253</sup>.

Apesar de o processo de modernização pelo qual passava a sociedade brasileira da mesma época não ter protagonismo na obra, as reflexões sobre o progresso alcançado pelos Estados Unidos também se dirigem ao Brasil, uma vez que procuram interpretar a situação do país (que, de acordo com os personagens estaria aquém de suas potencialidades) e apresentar sugestões para seu desenvolvimento econômico e social, tais como o investimento em propaganda, a abertura de estradas e a criação de mecanismos de comunicação eficientes<sup>254</sup>.

Dessa obra, podem-se extrair, ainda, posicionamentos a respeito da industrialização, do crescimento econômico e da modernização das estruturas sociais (de que são exemplos o voto secreto e a presença das mulheres nas ruas e no mercado de trabalho) vinculados aos costumes e ao modo norte-americano de agir. Em *América*, o leitor tem contato com uma nação que caminha a passos rápidos nesse processo — tão desejado naquele momento, segundo os personagens — de modernização.

## **‘Modernização’ em *América***

Nessa narrativa híbrida, a modernização pode ser vista, por exemplo, na complexidade da rede de metrô, na construção dos *skyscrapers*, no rádio, no cinema falado, nas linhas de produção de massa, nas descobertas que se propagavam rapidamente e nas mudanças nos costumes e nas leis. Há o elogio ao petróleo, ao ferro e ao aço e, também, ao sistema educacional, com a democratização do ensino. Essas são as formas mais evidentes de se encontrar a representação da modernização e reflexões sobre ela nessa obra.

---

<sup>253</sup> MARTINS, Milena R. O Brasil na América: imagens do Brasil e dos Estados Unidos na obra de Monteiro Lobato. *Revista de Literatura Brasileira / A Journal of Brazilian Literature*, Porto Alegre/ Providence-USA, v. 37, p. 62, 2008.

<sup>254</sup> Idem, p. 6.

Outra forma está presente, de modo mais específico, no capítulo VIII<sup>255</sup>, o qual discute o sistema de estradas norte-americano.

O narrador inicia esse capítulo descrevendo sua experiência com as estradas norte-americanas: “Como fosse o meu primeiro contato com as estradas americanas, abri-me em espantos”<sup>256</sup>. ‘Espantos’, reação de alguém que se encontra impressionado com aquilo que vê, seja pelo status faustoso e de novidade apresentado pelo objeto de admiração, seja pela grande distância que o separa de sua realidade – a brasileira, no caso do narrador.

Em tom elogioso – que perpassa quase toda a narrativa –, o narrador discorre sobre o desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos. Por suas contas, considerando como marco inicial o processo de independência dessa nação, os avanços resultavam de um século e meio de incessante crescimento – os Estados Unidos deixaram de ser colônia em 1776, enquanto o Brasil só alcançou sua independência quase meio século mais tarde, em 1822.

Tudo incrível nesta terra absurda. Quando me lembro que foi em 1776 que este país deixou de ser colônia – século e meio apenas – e que hoje está assim, beirando cinco milhões de quilômetros de estradas de rodagem com as quais despendem 1 bilhão de dólares por ano... Cinco milhões de quilômetros – quarenta metros de estrada por habitante... 26 milhões de autos, um auto para cada cinco habitantes... A mobilidade que isso dá a essa gente, o tremendo aumento de eficiência que traz ao americano são coisas que me apavoram...<sup>257</sup>

Todos os dados relacionados às estradas norte-americanas que são informados pela narrativa, para além de ajudarem a compreender a reação, ao mesmo tempo de espanto e de entusiasmo, do narrador brasileiro frente à mobilidade de que desfrutava a população dos Estados Unidos em 1930, servem, também, para ilustrar o grau de modernização e eficiência desse país que, desde cedo, investiu em estradas. Investir em estradas – vias capazes de transportar mercadorias e pessoas, de diminuir as distâncias de acesso

<sup>255</sup> Capítulo intitulado: “A caminho da velha Gotham. Visão do alto. Não mais o hilota agrícola. O animal mais estúpido que o peru. A máquina forçando o processo da adaptação humana. Os músicos postos à margem”.

<sup>256</sup> LOBATO, Monteiro. *América*. São Paulo: Globo, 2009, p. 75.

<sup>257</sup> Idem, p. 75.

a bens e serviços – parece ser, assim, um passo fundamental para um país que se pretende desenvolvido, ao menos no sentido que os personagens em *América* atribuem a desenvolvimento (relacionado ao seu caráter industrial, científico, econômico e financeiro), uma vez que “a falta de acesso fácil, rápido e de custo baixo entre os mercados produtores e consumidores acarreta a estagnação do crescimento, a perda de competitividade diante de potenciais concorrentes estrangeiros, a consequente redução dos níveis de emprego e o empobrecimento da população das regiões afetadas”<sup>258</sup>.

Tais ideias sobre a importância de se investir em estradas se conjugam às do narrador, que, ao refletir sobre as estradas norte-americanas, compara-as a uma rede de veias circulatórias, cuja principal função é fazer com que cada “glóbulo de sangue” – que aqui serve de metáfora para cidadão – circule pelo organismo “sem entraves”, ao mesmo tempo em que ela é responsável por dar vida a todos aqueles pertencentes ao organismo – a sociedade norte-americana como um todo<sup>259</sup>. A corrente sanguínea já servira anos antes a Lobato como imagem para a discussão da questão do transporte no Brasil, é o que se vê, por exemplo, no artigo “Estradas”<sup>260</sup>, em que o autor diz serem estas o aparelho circulatório de um país – “um sistema de artérias e veias de um corpo [...] quanto mais perfeitas e mais bem coordenadas são elas, mais fluente é o curso das riquezas e mais rápida e sólida a prosperidade do país”<sup>261</sup>. Assim, a reflexão de Lobato em 1920 permanece no livro de 1932.

O narrador brasileiro, ao retomar sua reflexão sobre as estradas, afirma que, sem elas, “não há país”, ou, ao menos, um país que se queira desenvolvido, visto que o amplo investimento nestas se configura como uma das razões atribuídas tanto por ele quanto por Mister Slang para a riqueza e progresso dos Estados Unidos, lugar onde “o glóbulo yankee, aos milhões, [circula] sem folga na rede imensa de artérias e veias!”<sup>262</sup>. De forma semelhante, Lobato também acreditava haver uma estreita relação entre o nível de riqueza de

<sup>258</sup> SERMAN, Carlos. *Análise dos aspectos críticos em processos de concessão de rodovias*. 273p. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Transportes) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008, p. 15.

<sup>259</sup> LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 75.

<sup>260</sup> Artigo publicado em *O Estado de S. Paulo* em 2 de abril de 1921 (VALENTE, 2010, p. 24).

<sup>261</sup> LOBATO, Monteiro. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008, p. 293.

<sup>262</sup> Idem, p. 75.

um país e o investimento na construção de estradas, relação que pode ser encontrada na associação que o autor faz entre a falta de prosperidade no âmbito econômico, político e moral de um país e os problemas de circulação que este mesmo país apresenta – variáveis que estão diretamente associadas, já que pelas vias circulatórias “não circulam apenas as utilidades econômicas”, mas, também, outros fatores, tais como “a instrução e a saúde do povo”<sup>263</sup>.

O tom de elogio e de celebração assumidos pelos personagens na representação de aspectos da modernização dessa sociedade de que o sistema de estradas é exemplo, por vezes, aproxima-se daquilo que Flora Süssekind chamou de “mimesis sem culpa”<sup>264</sup>. Esse procedimento ocorre quando o horizonte técnico de um determinado período de uma nação passa a enformar a sua produção cultural através da imitação, que se dá, na maioria dos casos, de forma apologética. Essa imitação acontece tanto “via representação explícita [...] dos artefatos modernos, dos novos meios de locomoção e comunicação, da nascente indústria do reclame e da imprensa empresarial”<sup>265</sup>, quanto por meio do uso, nos textos literários, “de procedimentos característicos à fotografia, ao cinema e ao cartaz”, o que acaba por transformar “a própria técnica literária”<sup>266</sup>. Esse processo é observado pela autora nas produções culturais, de forma geral, e nas literárias, de forma específica, quando elas passam, por exemplo, a tematizar as novas técnicas e artefatos modernos, o que se dá normalmente em tom entusiástico.

Süssekind encontra o que chamou de “*mimesis* sem culpa” nas obras de João do Rio, em que as narrativas não apenas tematizam os artefatos modernos e as novas técnicas, mas também são enformadas por eles, deixando transparecer certa sedução e encantamento face às novas tecnologias da época. Em *América*, esse recurso pode ser percebido nos momentos em que há a representação dos processos de modernização, que são figurados, normalmente, em tom enaltecedor, quase sem questionamentos, e sem justas relativizações – uma vez que a obra tende a comparar cenários bastante

<sup>263</sup> LOBATO, Monteiro. *Na antevespera*. Op. cit., p. 293.

<sup>264</sup> SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

<sup>265</sup> Idem, p. 15.

<sup>266</sup> Idem, p. 15.

distintos, como o brasileiro e o norte-americano, em que julga o primeiro atrasado em relação ao segundo, desconsiderando naquele momento as peculiaridades do processo de formação e modernização de cada uma dessas nações. Além disso, mais do que apresentar artefatos e técnicas modernas, *América* discute processos de modernização em maiores escalas, como o da industrialização, da urbanização e de mudanças sociais e culturais.

Assim, da mesma forma que as novas máquinas e tecnologias, que passam a fazer parte do dia-a-dia da sociedade urbana brasileira nas duas décadas iniciais do século XX – e que estão diretamente relacionadas ao processo de modernização –, apresentam-se de maneira sedutora nas narrativas de João do Rio, como destacado anteriormente, as inovadoras técnicas de industrialização e urbanização da sociedade norte-americana de meados de 1930, assim como seus recém-inventados artefatos modernos também são valorizados e celebrados em *América* – movimento realizado tanto por seu narrador quanto por Mister Slang. Para além da questão das estradas e da indústria automobilística, tome-se como exemplo também a situação das cidades subterrâneas nova-iorquinas, que são discutidas no capítulo XXIII<sup>267</sup> de *América*:

O mundo subterrâneo de Nova York vale, como maravilha, todas as sete do mundo antigo somadas. Um sistema de viação copiado às formigas, onde as formigas nova-iorquinas trafegam incessantemente aos bilhões por ano. Em 1930 o tráfego pelos *subways* foi de, exatamente, 1.971.845.159 formigas humanas. [...] A cidade subterrânea é de fato uma cidade subterrânea. Nela pode uma criatura morar toda a vida sem nunca ter necessidade de vir à tona. O comércio floresce luxuriosamente dentro da terra. Lojas de tudo – desde roupas brancas até livros. Muito livro comprei lá dentro, nos magníficos stands da Grand Central. Restaurantes, hotéis, casas de calçados, de roupas feitas ou por fazer, barbeiros, engraxates, cutelarias, *hosieries*, *drugstores* – até agências bancárias. Ali se desconta um cheque tão rapidamente como na superfície. Dali um homem de negócios telefona para todas as partes do mundo, como do seu escritório comercial.<sup>268</sup>

\_\_\_\_ O elogio ao processo de urbanização e mobilidade representado pelas

<sup>267</sup> Capítulo intitulado: “Nova Iorque é um cacho de cidades. Sua riqueza. Vida subterrânea. Up Town. O sistema de estradas de ferro metropolitanas”.

<sup>268</sup> LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 176-177.

“cidades subterrâneas” de Nova Iorque pode ser encontrado logo no começo dessa citação. Ao mencionar as maravilhas do mundo antigo, o narrador não deixa de contrastá-lo com os Estados Unidos, destacando a posição atual, protagonista e, provavelmente, solitária desse país no que ele chamaria de mundo novo. O tom apologético também se estende à descrição dos complexos sistemas da rede de *subways*, compostos, de acordo com a narrativa, por uma estrutura suficientemente engenhosa, capaz de garantir uma enorme mobilidade aos seus cidadãos, além de serem equipados com outros serviços semelhantes àqueles encontrados na superfície das cidades – o que motiva o narrador a considerá-los como verdadeiras “cidades subterrâneas”, já que, em suas palavras, pode nelas uma pessoa “morar toda a vida sem nunca ter necessidade de vir à tona”.

Anuncia-se, assim, a eficiência dessas cidades subterrâneas que funcionam de forma análoga às da superfície, com um nível semelhante de autossuficiência e desenvolvimento. Em nenhum sentido esse aspecto do processo de modernização da nação norte-americana daquela época desaponta o narrador ou mesmo é questionado por ele; o narrador brasileiro está constantemente a se surpreender com cada novo elemento descoberto dessa sociedade (que tanto destoa da sua e que supera as suas expectativas), motivo pelo qual ele adota, na maior parte do tempo, um tom elogioso e de surpresa em suas narrações e análises desse contexto.

## E a modernidade?

Em América, a modernidade – pensada como uma condição social de existência significativamente diferente de todas as formas anteriores vivenciadas pela humanidade<sup>269</sup> ou, como “estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que posteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”<sup>270</sup> – está presente na discussão de uma variedade de temas, como, por exemplo,

<sup>269</sup> SHILLIAM, Robbie. Modernity and Modernization. In: Robert A. Denemark (Ed.). *The International Studies Encyclopedia Vol. VIII*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 5214-5232, p. 5214.

<sup>270</sup> GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991, p. 11.

o abuso de crédito, a cultura de massa, o “movimento de colmeização” e a morte do indivíduo. Tais temas são retomados aqui por meio da análise do Capítulo XXXII<sup>271</sup>.

Dos muitos passeios que já acompanhamos durante a leitura de *América*, relata-se, neste capítulo, a visita ao Lago Walden, onde 80 anos antes, lá por 1845, o escritor Henry David Thoreau fixara residência. Mister Slang o chama de “o mais individual dos individualistas americanos”<sup>272</sup>.

*Walden*, obra publicada em 1854, apresenta vários relatos de experiências e experimentos realizados por Thoreau, assim como inclui uma série de reflexões sobre o período de tempo em que esse autor viveu às margens do Lago Walden, entre os anos de 1845 e 1847. Já no início da narrativa, Thoreau apresenta a sua proposta:

Quando escrevi essas páginas seguintes, ou melhor, o principal delas, eu vivia sozinho na mata, a um quilômetro e meio de qualquer vizinho, numa casa que eu mesmo tinha construído à margem do Lago Walden, em Concord, Massachusetts, e ganhava minha vida apenas com o trabalho de minhas mãos. Vivi lá dois anos e dois meses.<sup>273</sup>

Essa obra, que se afasta do estilo convencional da prosa de ficção, como também *América*, constitui-se como uma mistura de observações naturais, experiências pessoais e dados históricos. Ela reflete sobre a existência humana, de um lado, como resposta às indagações particulares do autor, e, de outro, como resposta às questões sociais, políticas, econômicas e espirituais que diziam respeito aos propósitos e modos de vida de uma sociedade desenvolvimentista – a nação norte-americana da metade do século XIX vivia seu apogeu industrial e urbano, derivado de um crescimento exponencial que intensificava a complexidade da vida social.

Insatisfeito com aquilo que ele via como resultado do progresso e do desenvolvimento, isto é, os desatinos cometidos contra a natureza e o ser humano, causados pelo advento de um consumismo, descrito como viciante e

<sup>271</sup> Intitulado: “Walden Pond. Henry Thoreau. Seu personalismo. A morte do indivíduo. Colmeização. A bacanal do consumo. Abuso de crédito”.

<sup>272</sup> LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 242.

<sup>273</sup> THOREAU, Henry David. *Walden*. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2010, p. 17.

vicioso, Thoreau decide mostrar na prática que é possível viver com o mínimo necessário à sobrevivência. Retira-se para as matas, onde mantém um intenso contato com a natureza; constrói lá, com suas próprias mãos, sua moradia e prova, desta maneira, ser possível viver uma vida simples, humilde e viável em termos financeiros.

Thoreau construiu sua própria cabana perto do lago e sobreviveu a partir daquilo que plantou nos arredores. O autor estava consciente de que o progresso e o desenvolvimento da civilização simbolizavam também uma ameaça para a natureza. Acreditava que viver de forma livre (aquilo que ele estava mostrando na prática) era uma forma de renovação espiritual. Ele se afastou da civilização com o desafio de encarar aquilo que acreditava serem apenas os fatos relevantes da vida.

Depois de contar um pouco sobre a história de Thoreau, o narrador em *América* afirma compreender a atitude do autor em se isolar. Diz entender que o chamado progresso é um tipo de escravização que as massas consentem, aplaudem e impõem aos outros. Ambos, narrador e Mister Slang, parecem se refugiar em Thoreau no momento de cansaço da civilização e, embora Mister Slang fosse o mais impetuoso justificador do progresso social, ele também, como muitos, “tinh[a] o passo mais curto que o progresso americano”<sup>274</sup>. A partir de Thoreau, os personagens vão discutir temas até então não discutidos: o questionamento do progresso, do desenvolvimento e da modernização.

Assim, o que temos até esse momento na obra é aquilo que parece um elogio exacerbado e, até certo ponto, irresponsável a esse grau de desenvolvimento alcançado pelos Estados Unidos. Porém, quando chegamos ao capítulo em que se fala de Thoreau, certos aspectos desse mesmo grau de desenvolvimento parecem ser questionados. Isso acontece quando se fala, por exemplo, no fato de os cidadãos norte-americanos progredirem em corporativismo, sendo diminuídos como indivíduos – o que equivale a dizer que os habitantes dessa nação tendem a uma vida de colmeia, na qual indivíduo e individualidade passam a não contar.

Ora Mister Slang concorda com as ideias de Thoreau, ora discorda, dizendo que é assim que essa sociedade funciona e deve funcionar, sendo que os norte-americanos é que têm que se acostumar, ainda que conclua que eles

<sup>274</sup> LOBATO, Monteiro. *América*. Op. cit., p. 243.

se sentem infelizes com todo esse excesso de coisas (advindas do consumismo desenfreado). Se Thoreau já se sentia asfixiado na América da metade do século XIX, como suportaria a América que está sendo representada pela obra de Lobato?

Thoreau percebe a modernidade como uma experiência superficial. O homem moderno, acreditava ele, gasta mais tempo ganhando seu modo de vida, com o intuito de corresponder às expectativas da sociedade e, se possível, guardar para o futuro, do que propriamente vivendo.

O autor evidencia, ainda, que uma vida confortável, atendendo às expectativas da sociedade, só é possível a longas penas. Os homens acabam por pagar com seu tempo, e, portanto, com sua vida, certos padrões sociais que priorizam a obtenção de ganhos materiais da civilização. Uma existência simples levaria o homem a contemplar os fatos essenciais da vida e, assim, seria capaz de mostrar o caminho de convivência harmônica entre o homem e a natureza, e entre o homem e a sociedade que se desenvolvia. É desta forma que *Walden* não apenas relata a estadia do autor na floresta, como também analisa e avalia a sociedade capitalista do século XIX, incitando o leitor a ser crítico e refletir profundamente acerca de seus próprios modos de vida, propondo novas perspectivas sobre o conceito de liberdade.

A menção de Thoreau em *América* não se dá por acaso; ela tem importância na relativização de tudo aquilo que já fora apresentado até então. Se até esse ponto da narrativa lemos com o mais alto tom de elogio os vários aspectos que dizem respeito à sociedade norte-americana, para atestar o seu grau de desenvolvimento e progresso, neste momento, nós (leitores) paramos para pensar nos aspectos não totalmente positivos que o progresso, o consumismo e o mais alto grau de capitalismo nos trazem, a saber, a perda de individualidade, o mal-estar social, a infelicidade e a dependência em relação ao sistema.

Uma das teorias sobre a modernidade que se somará à discussão é àquela encontrada em *Tudo que é sólido desmancha no ar* (1982), do autor Marshall Berman. Esta obra discorre sobre o caráter paradoxal do indivíduo na experimentação da modernidade, como exemplificado no trecho a seguir:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz.<sup>275</sup>

Ao que parece, “revolucionário” e “conservador” são duas expressões que descrevem bem a postura do escritor Monteiro Lobato frente à modernidade, bem como parte do movimento estrutural e ideológico encontrado em *América* – um mundo em constante transformação. Essa visão de modernidade permite entender a imagem da sociedade norte-americana feita nessa obra, pois considera o sujeito moderno como aquele que, ao mesmo tempo em que se sente seguro por estar inserido na modernidade (representada por todo progresso, pelas transformações sociais e manifestações culturais de massa), encontra-se desconcertado pela abundância e instabilidade de possibilidades a que está exposto.

---

<sup>275</sup> BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 12.



## CAPÍTULO XII – Ilustradores, ilustrações e aspectos visuais em obras produzidas ou traduzidas por Monteiro Lobato<sup>276</sup>

*Profa. Dra. Nilce M. Pereira*

A profusão de abordagens do legado bibliográfico de Monteiro Lobato – ampla, instigante e polêmica que se apresenta, e a despeito de seus notáveis promotores – acolhe com generosidade as novas aproximações a seu (estimado) objeto, como se revela na promissora expansão dos estudos sobre as ilustrações e/ou o conjunto artístico dos livros do autor na investigação lobatiana. Fatores convenientes para tanto incluem, *a priori*, as obras em si: as de sua autoria (para os públicos adulto e infantil) e as traduções e adaptações de autores estrangeiros que realizou ou revisou somam várias dezenas<sup>277</sup> que se multiplicam na imensa galeria de artistas que as celebraram nos diferentes períodos por que se estende a sua produção. Conta-se, em particular, o interesse crescente pelas relações entre texto e imagem em publicações ilustradas, que, principalmente a partir dos anos 2000, passaram a ter mais visibilidade nos estudos literários. Quer em função do fortalecimento e (re)definições das literaturas infantil e juvenil<sup>278</sup>, do apogeu das narrativas gráficas<sup>279</sup> ou da multimodalidade nos

---

<sup>276</sup> Expresso os mais cordiais agradecimentos a Magno Silveira, por suas informações (e confirmações) com respeito a ilustrações e ilustradores em várias edições aqui tratadas.

<sup>277</sup> Cf. LAJOLO, M. *Monteiro Lobato: um Brasileiro sob Medida*. São Paulo: Moderna, 2000, p. 94; e BOTTMANN, D. Traduções de Monteiro Lobato. Website *Não Gosto de Plágio*, 14 jan. 2011 (atualização 17 jul. 2018). Disponível em: <<https://naogostodeplagio.blogspot.com/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>>. Acesso em: 1 out. 2020.

<sup>278</sup> Cf. HUNT, P. *An Introduction to Children's Literature*. Oxford: OUP, 2009, p. 127-162.

<sup>279</sup> Cf. BAETENS, J.; FREY, H. *The Graphic Novel: An Introduction*. Cambridge: CUP, 2015; RAMOS, P. *Revolução do Gibi: A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.

estudos da tradução<sup>280</sup>, as conjunções entre o verbal e o visual, para além dos formatos em que são tipicamente expressas, colocam-se como base para a discussão de questões como os espaços de trânsito de cada linguagem, as transferências culturais ou, até mesmo, a circulação de bens de consumo na dinâmica de sua operação enquanto instrumentos comunicativos. Incluso nessa tendência, este estudo destaca alguns aspectos do universo imagético nas obras do autor.

Lobato foi, desde o início de suas atividades editoriais, um incentivador da qualidade gráfica de seus livros, o que incluía divulgá-los de um modo diferenciado. Já se tornaram lendárias a seu respeito as ideias inovadoras com relação às capas, por exemplo, que as fizeram encher de cores vibrantes e carregadas, contrastantes ao amarelo sóbrio das edições calcadas na tradição francesa<sup>281</sup>. O protagonismo na introdução da capa ilustrada (que comumente lhe é creditado) deu-se mais no âmbito da “prática comercial corrente”, como explicitado por Rafael Cardoso,<sup>282</sup> o que é atestado por estudos como os de Yone Soares de Lima, em sua análise minuciosa da composição visual de brochuras publicadas na década de 1920, que revela uma variedade de capas ilustradas<sup>283</sup>, ou os de Cilza Bignotto, nos quais são igualmente detalhados casos de editoras que as adotavam e de autores que pagavam separadamente por esse atrativo, além da atuação de editores que, já no final do século XIX, faziam uso do figurativo na produção da denominada “literatura de sensação”, “cujas capas exibiam imagens tão impressionantes quanto as narrativas que embalavam”<sup>284</sup>. Também, ao ressaltar o valor das “capas amarelas”, em sua associação à literatura erudita, Bignotto demonstra que as capas coloridas eram comuns a outras publicações<sup>285</sup>. De qualquer modo, como os autores

<sup>280</sup> Cf. BORJA, M. et. al. (Eds.). *Translation and Multimodality: Beyond Words*. London and New York: Routledge, 2020, esp. 1-23.

<sup>281</sup> AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato: Furacão na Botocúndia*. 2. ed. São Paulo: SENAC, 1998, p. 131.

<sup>282</sup> Apud BIGNOTTO, C. C. *Figuras de Autor, Figuras de Editor: As Práticas Editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 2018, p. 268.

<sup>283</sup> LIMA, Y. S. de. *A Ilustração na Produção Literária: São Paulo – Década de Vinte*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), 1985.

<sup>284</sup> BIGNOTTO, C. C. *Figuras de Autor, Figuras de Editor*. Op. cit., p. 268-9.

<sup>285</sup> Idem, p. 289.

concordam, é inegável a medida de influência de Lobato em alavancar essas estratégias, direcionando-as para a valorização do livro como objeto estético e de consumo, consagrada a seu respeito, assim como as suas iniciativas em oferecê-lo por todo o país em comércios oportunos, que não apenas as livrarias<sup>286</sup>.

Não seria incoerente imaginar que a atuação de Lobato na renovação visual do livro brasileiro estivesse ligada, em grande parte, a sua (outra) vocação para a arte pictórica. É sabido que o autor foi um aficionado pela pintura, não apenas se dedicando a ela por toda a vida, como também deixando um acervo de telas, desenhos e ilustrações<sup>287</sup>, o que colocaria os seus expedientes num curso natural a ser seguido. Seria uma tendência genuína, por suas inclinações, estimular os sentidos do leitor com imagens e outros detalhes de *design*, que se tornariam modelos de sua visionária editoração – o que tampouco deixa de ser um fato. Essas noções se efetivam, no entanto, em empreendimentos moldados na união entre o verbal e o visual, dos quais participou. Esses, aliados a uma ambientação no mundo das artes e artistas, transformariam a sua carreira. São notórios a seu respeito, por exemplo, projetos como a divulgação de produtos utilizando desenhos (e a figura do saci), como disposto nas guardas de seu primeiro livro<sup>288</sup>; a promoção de imagens para essa e outras criaturas fantásticas, cujas características físicas passaram a ser difundidas, em grande medida, por meio de concepções artísticas; a caracterização do Jeca Tatu (pés descalços, chapéu rasgado, etc.), igualmente lançado para o imaginário popular a partir de composições

---

<sup>286</sup> LAJOLO, M. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 30-31.

<sup>287</sup> Cf. AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato*. Op. cit., esp. 75-85; BIGNOTTO, C. C. *Figuras de Autor, Figuras de Editor*. Op. cit., p. 264-265.

<sup>288</sup> Narrativas e anedotas sobre o saci, permeadas de representações de sua aparência foram reunidas em *O Saci-Pererê: Resultado de um Inquérito* (1918), a partir de concurso artístico e subsequente mostra, organizados por *O Estado de São Paulo*, em 1917, com base no bem-sucedido “inquérito” a respeito da personagem, também movimentado pelo periódico alguns meses antes. Essas prerrogativas seguiram as manifestações de Lobato em prol da valorização da cultura popular nacional, que haviam ganhado força desde o ano anterior, na *Revista do Brasil*, e se materializaram na publicação do livro (embora sem levar a assinatura do autor), com os referidos desenhos de autoria de Voltolino e capa de J. Wash Rodrigues. Cf. AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 63-74; 111.

visuais<sup>289</sup>; estratégias como a distinção de públicos de uma mesma obra por meio da diferenciação de componentes paratextuais nas capas<sup>290</sup> e suas próprias contribuições, como os vinte e quatro desenhos para a primeira edição de *Urupês* (1918) e para jornais como *A Bomba*, ou as revistas *Fon-Fon* e *Vida Moderna*<sup>291</sup>, que culminam na publicação de *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), com ilustrações de Voltolino, inaugurando a sua produção infantil<sup>292</sup>.

*Narizinho* também inaugura uma tradição pautada na arte da ilustração literária, que acompanharia as criações de Lobato para os jovens leitores e na qual os desenhos de Voltolino precederiam uma série de outros, nos “frementes” anos 1920<sup>293</sup> e em anos posteriores – eles próprios figurando na versão escolar do livro *Narizinho Arrebitado* (1921) e em obras subsequentes, como *O Sacy* (1921), *Fábulas de Narizinho* (1921) e *Fábulas* (1922) –, em mais um marco editorial na carreira do autor. Sem perder o tino comercial, os intuitos de Lobato se revelam atrativos para as vendas: “[c]hamei desenhistas, mandei por cores berrantes nas capas. E também mandei por figuras!!”<sup>294</sup>. Mas não deixa de haver um genuíno entusiasmo de que seus livros possam transformar uma geração: “[s]ó procuro isso: que interesse às crianças”<sup>295</sup>.

<sup>289</sup> A despeito das polêmicas que tenha despertado, ou das prerrogativas de Lobato para redimi-la (Cf. Idem, esp. p. 60-61;112-118), as imagens comuns da personagem são aquelas idealizadas por seus ilustradores, entre os quais J. Carlos (Cf. Idem, p. 117).

<sup>290</sup> Veja o exemplo da versão de *Narizinho Arrebitado* para outros públicos que não o escolar, apresentada em LAJOLO, M. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 43.

<sup>291</sup> Cf. HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil: sua História*. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2005, p. 316; AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 78-79; 90.

<sup>292</sup> Detalhes sobre a criação do livro são fornecidos, entre outras fontes, no ensaio de Francisco de Assis Barbosa, composto para as comemorações do centenário de nascimento de Lobato e acompanhando a edição fac-similar, não comercial, da primeira edição do livro, patrocinada pela Metal Leve e disponibilizada pela Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin (Cf. BARBOSA, F. de A. Monteiro Lobato e o Direito de Sonhar. In: LOBATO, Monteiro. *Edição fac-similar de A Menina do Narizinho Arrebitado, livro de figuras por Monteiro Lobato com desenhos de Voltolino*. [São Paulo: Revista do Brasil, Monteiro Lobato & Cia., 1920] São Paulo: Metal Leve, 1982, p. 45-57. Disponível em: <<https://www.bbm.usp.br/pt-br/>>. Acesso em: 1 out. 2020.

<sup>293</sup> Como Nicolau Sevcenko os classifica: cf. SEVCENKO, N. *Orfeu Extático na Metrópole – São Paulo: Sociedade e Cultura nos Frementes Anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

<sup>294</sup> *Leitura*, no. 13, set. 1943 apud HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil*. Op. cit., p. 326.

<sup>295</sup> Como afirmado a Rangel, na ocasião de sua consulta sobre se *Narizinho* para o público escolar pudesse ser do interesse dos alunos do amigo. Cf. AZEVEDO, C. L. de; CAMARGOS, M.; SACCHETTA, V. *Monteiro Lobato*. Op. cit., p. 158.

De fato, Lobato fez mais do que agradar às crianças: ao congregar artistas de renome do período ao redor de suas obras, não apenas elevou o *status* dos textos, em si, como ajudou a fomentar o cenário artístico de São Paulo no âmbito da literatura infantil, o que (para além de sua própria influência como escritor), igualmente, conferiu visibilidade ao gênero. Somente entre os seus contemporâneos, contam-se, além de Voltolino, Kurt Wiese, Nino Borges, Belmonte, Jean G. Villin, Rodolfo, Raphael de Lamo, J. U. Campos, André Le Blanc e Augustus, como elencado por Magno Silveira (não sem uma ponta de nostalgia) no catálogo da exposição “*Ilustradores de Lobato: A Construção do Livro Infantil Brasileiro 1920-1948*”<sup>296</sup>, cujos nomes se juntam, hoje, a uma infinidade de outros, na pluralidade de visões dos títulos do autor.

Particularidades diversas marcam as obras ilustradas da produção infantil. Começando pelas capas, com exceção daquelas em coleções como as Obras Completas de Monteiro Lobato (da 2ª. série, Literatura Infantil), lançadas pela Brasiliense com ilustrações de André Le Blanc em 1947, com as tradicionais capas duras monocromáticas em percalina marrom ou verde e que podem ser encontradas também nas cores azul e vermelha, em edições posteriores, predominam nas obras infantis de Lobato as capas figurativas coloridas. Nesse tipo de capa, como indica a denominação, as figuras são evidenciadas no volume, não apenas funcionando como “um cartaz”<sup>297</sup> para seus conteúdos, mas promovendo uma maior integração entre as linguagens visual e verbal, o que se observa nas obras em questão com respeito a diversos aspectos apontados por Yone Soares de Lima sobre de que modo as capas são emblemáticas de sentido<sup>298</sup>. Há, por exemplo, as capas que apresentam a figura da personagem que intitula a obra, sozinha, sobre a mancha, numa relação de total reciprocidade com o título, na qual o desenho é identificado pela palavra e a palavra é representada no desenho, como acontece com as capas para *Jeca Tatuzinho* (1924), de Kurt Wiese, ou *O Minotauro* (1960), de Augustus. Nas capas de *Serões de Dona Benta* (1960) ou *Geografia de Dona Benta* (1949), também criadas por Augustus, a interação entre a imagem

<sup>296</sup> A exposição, realizada entre 12 de outubro e 27 de dezembro de 2015, teve curadoria de Magno Silveira e equipe do SESC São José dos Campos, com o catálogo podendo ser consultado *online*, no endereço: <[https://issuu.com/sescsp/docs/sesc\\_sao\\_jose\\_dos\\_campos\\_ilustrador](https://issuu.com/sescsp/docs/sesc_sao_jose_dos_campos_ilustrador)>. Acesso em: 1 out. 2020.

<sup>297</sup> Cf. LIMA, Y. S. de. *A Ilustração na Produção Literária*. Op. cit., p. 141.

<sup>298</sup> Idem, 141-186.

e o texto pode envolver processos de inferência. No caso da primeira, a figura da (simpática) senhora de cabelos grisalhos presos num coque mais provavelmente levará a crer se tratar de Dona Benta e que os serões se caracterizem pela leitura do livro que tem em mãos. No segundo exemplo, uma embarcação antiga, sobreposta, em um mar revolto, a um enorme globo amarelo, representativo do sol ao se por, e, ao mesmo tempo, de um mapa-múndi, pode funcionar como símbolo (ou metonímia) de temáticas geográficas (a serem possivelmente discutidas no livro). Há também as capas que apresentam personagens, detalhes de cenários, etc. como elementos em integração na capa e que estarão presentes na história, mas que são apenas “citados”, sem protagonizar uma cena propriamente dita, podendo-se mencionar nesse tipo a capa para *Reinações de Narizinho* (1970) elaborada por Paulo Ernesto Nesti. Há, ainda, as capas que exibem cenas de ação, que podem ser repetidas internamente ou terem sido elaboradas especialmente para a capa, mas que, em ambos os casos, representam passagens do texto, podendo até mesmo adiantar episódios da história. Exemplos, entre outros, incluem as capas para *Viagem ao Céu* (1945), de J. U. Campos, ou *O Poço do Visconde* (1937), de Belmonte.

No tocante às ilustrações internas, elas estão ligadas ao potencial descritivo imagético. Embora estáticas, por meio de linhas, cores, níveis de saturação, da maneira como os objetos representados são organizados no espaço da figura (o que faz gerar tensões entre eles, conferindo-lhes diferentes *pesos visuais* e direcionamentos para as tensões), ou, ainda, pelo uso de gestos, símbolos e outros recursos, as imagens são capazes de simular o movimento e a passagem do tempo, forjando a ação e se colocando, elas próprias, como narrativa da história<sup>299</sup>. Entre outros exemplos, em *A Chave do Tamanho* (1947), com ilustrações de André Le Blanc, a representação do Visconde com linhas finas e arredondadas, andando a passos largos diante de um plano de fundo com nuvens, confere leveza e agilidade a sua figura, fazendo se inferir que seu deslocamento se esteja dando da mesma maneira. Contrariamente, em *Viagem ao Céu* (1947), também na visão do artista, as linhas grossas e carregadas na retratação de Tia Nastácia sentada

<sup>299</sup> Cf. NODELMAN, P. *Words About Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books*. Athens and London: The University of Georgia Press, 1988.

no solo da lua com Pedrinho a ajudando a se levantar, aliadas a formatos angulares em detalhes dos desenhos (repare-se nas dobras das roupas das personagens, nos ângulos formados pelas posições em que se encontram ou, mesmo, pelas crateras ao fundo), restringem o movimento, enfatizando a noção de que Tia Nastácia é pesada e levantá-la demandará bastante esforço da parte de Pedrinho. Na ilustração de Emília composta por Lole para títulos do *Sítio* lançados pela Cia. das Letrinhas em 2019<sup>300</sup>, as cores vivas e variadas distinguem as características de boneca da personagem (retalhos pelo corpo, boca em formato de coração, cabelos de fios de lã, etc.); na Emília de Nino Borges, em duas cores (que aparece, por exemplo, em *A Cara de Coruja*, 1928), essas características são ressaltadas por meio das formas arredondadas e curvilíneas de seu corpo, bem como pela pouca distinção entre os seus membros. O estilo realista dos animais de Manoel Victor Filho, em *Fábulas* (1978), enfatiza os atributos naturais de cada um; ao passo que o traço caricatural da Narizinho de Voltolino, em sua primeira representação, *A Menina do Narizinho Arrebitado* (1920), atua em sua maior integração ao universo fantástico do Reino das Águas Claras. Nesse livro, ainda, as expressões faciais de Major Agarra e Doutor Caramujo servem para denotar a dor da primeira personagem e a cautela da segunda ao lhe examinar a barriga. Na cena em que Pedrinho, Narizinho, Emília e Visconde encontram as pegadas da onça, em *Caçadas de Pedrinho* (1970), num outro desenho de Manoel Victor Filho, vários elementos apontam para as pegadas: os pés e nariz do Visconde, o par de binóculos que segura, a espingarda de Pedrinho e os olhares das personagens, atuando, todos, para colocar as pegadas como foco da cena. Nesse mesmo título, ilustrado por J. U. Campos em 1944, a apresentação da onça amarrada pelo rabo e as patas traseiras estendida em primeiro plano diante do leitor (como se ele a observasse de uma perspectiva muito próxima) sendo puxada pelas quatro personagens, juntamente com Rabicó, que são vistos ao longe, acima do plano central, apenas por suas silhuetas, coloca ênfase na grandiosidade da onça – e seu peso, arrastado morro acima – e, por conseguinte, na proeza dos “caçadores” em tê-la derrotado.

<sup>300</sup> Tal como em LOBATO, M. *Reinações de Narizinho*. Ilustrações de Lole. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.

As passagens escolhidas para representação, bem como o momento exato a que a cena representada corresponde em cada uma, são também relevantes na narrativa imagética<sup>301</sup>. Em *Viagem ao Céu* (1934), ao representar o episódio em que o Pinto Sura come seis botões de milho do paletó de [Visconde transformado em] Dr. Livingstone, com a figura da ave apenas apontando o bico na direção dos botões<sup>302</sup>, Jean G. Villin atenua a ação. Como ambas as personagens são mais ou menos do mesmo tamanho, a violência do que seria um ataque ao coração do boneco (como poderia ser sugerido ao se observar somente a ilustração) é anulada. Nas *Fábulas* (1978) de Manoel Victor Filho, a representação da ação em pleno desenvolvimento, com os animais com a boca aberta e/ou com braços em posições de gesticulação (para simular um diálogo), desempenhando tarefas ou se deslocando de um lugar a outro (aplicável também aos casos em que componentes básicos do desenho, como as linhas no voo de Emília, composto pelo artista para *A Chave do Tamanho*, 1997) conferem ritmo ao texto e às imagens, na progressão da história, “empurrando-a” para sua conclusão. O momento escolhido na passagem é, por fim, crucial na sugestão de traços de personalidade das personagens. Ao ser mostrada nas passagens em que está lendo, ou (especialmente) com as crianças e bonecos ao redor de si (como na ilustração de Kurt Wiese para *Aventuras de Hans Staden*, 1927) ou, ainda, dirigindo-se a elas com expressão serena no rosto, virtudes como sabedoria, ponderação, amabilidade, entre outras, são imputadas a Dona Benta, na mesma proporção em que a representação de Tia Nastácia no momento em que está subida em uma cadeira (como em *A Caçada da Onça* [1924], de Kurt Wiese), ou quando cai sobre o varal no teste das pernas-de-pau, na ilustração da mesma história por J. U. Campos (de 1944), ou mesmo no instante em que se surpreende com alguma coisa, recorrente, entre outros, nas retratações feitas por Belmonte e Rodolpho<sup>303</sup>. Apesar da notória conotação burlesca – e da promoção da

<sup>301</sup> Cf. HODNETT, E. *Image and Text: Studies in the Illustration of English Literature*. Aldershot: Scolar Press, 1982, p. 6-8.

<sup>302</sup> Representar a ação quando está prestes a acontecer (antes de atingir o seu ponto máximo) é uma das convenções para representar o movimento, de acordo com NODELMAN, P. *Words About Pictures*. Op. cit., p. 160.

<sup>303</sup> Cf. <[https://issuu.com/sescsp/docs/sesc\\_sao\\_jose\\_dos\\_campos\\_ilustrador](https://issuu.com/sescsp/docs/sesc_sao_jose_dos_campos_ilustrador)>. Acesso em: 1 out. 2020.

alegria da aventura, em que também incorrem –, relacionam a personagem a atributos como medo, receio, sofrimento e assim por diante, o que contribui, em ambos os casos, para a criação de estereótipos no meio visual.

Essas propriedades são tão efetivas a respeito da narrativa visual porque as ilustrações influenciam na construção do sentido. Por representarem a interpretação de um artista e atuarem paralelamente ao texto a que estão atreladas, elas imputam à obra não apenas uma visão diferente da mesma história, mas que lhe pode ser enfática, atenuadora ou mesmo contraditória e/ou refutadora<sup>304</sup>. Assim, longe de constituírem um meio neutro ou um adorno para o texto – embora, invariavelmente, façam-no –, as ilustrações “oferecem impressões e mensagens à percepção, cognição e ao poder emocional”<sup>305</sup> do leitor, interferindo na experiência da leitura<sup>306</sup> – talvez podendo explicar o caso relatado por Luís Camargo do menino que, escrevendo a Lobato, reclamava das ilustrações de Rodolfo<sup>307</sup>. Quando se trata dos livros traduzidos, adaptados ou incorporados por Monteiro Lobato à sua obra a partir da literatura estrangeira e que tenham sido ilustrados, essas dimensões se abrem, ainda, para a observação de outros aspectos, uma vez que as associações que, a princípio, envolveriam um texto e ilustrações para ele, agora são expandidas para envolver um texto traduzido e ilustrações reproduzidas da edição original; ilustrações produzidas por artistas brasileiros, mas inspiradas nos desenhos da edição original ou de outras edições (na língua original ou não) do texto, que seguem os direcionamentos da edição traduzida e assim por diante, o que impõe um nível maior de complexidade ao encontro entre os dois meios.

Um caso desse tipo pode ser exemplificado com *Alice no País das Maravilhas*, de Lewis Carroll. A nona edição brasileira do livro, lançada

---

<sup>304</sup> Cf. BEHRENDT, S. C. Sibling Rivalries: Author and Artist in the Earlier Illustrated Book. *Word and Image*, Vol. 13, Pt. 1, p. 23-42, 1997.

<sup>305</sup> [They] offer impressions and messages to the perception, cognition, and the emotional power of [the child]. SCHWARCZ, J. H. *Ways of the Illustrator: Visual Communication in Children's Literature*. Chicago: American Library Association, 1982, p. 94.

<sup>306</sup> GANNON, S. R. The Illustrator as Interpreter: N. C. Wyeth's Illustrations for the Adventure Novels of Robert Louis Stevenson. *Children's Literature*, Vol. 19, p. 90-106, 1991.

<sup>307</sup> Cf. CAMARGO, L. A Imagem na Obra Lobatiana. In: LAJOLO, M.; CECCANTINI, J. L. (Orgs.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro – Obra Infantil*. São Paulo: UNESP, 2009, p. 33-50.

pela Brasiliense em 1960 com capa de E. Koetz, apresenta o texto de Lobato acompanhado pelas ilustrações da inglesa A. L. Bowley. Apesar de seu nome não ter sido creditado no volume, os mesmos desenhos foram identificados em três edições em língua inglesa da obra, integrantes do acervo da Biblioteca Britânica<sup>308</sup> e ilustradas pela artista, cuja data de criação possivelmente remonte a 1921<sup>309</sup>. Ao que consta, as ilustrações de Bowley caracterizaram as publicações iniciais de *Alice* com o texto de Lobato, o que se comprova no exame da folha de rosto da primeira edição, de 1931, pela Companhia Editora Nacional (consultada *online*), que dispõe a imagem da personagem juntamente com o título e em uma das páginas internas<sup>310</sup>, e julgando-se, ainda, pela quarta edição de *Alice no País do Espelho* (1973), também “traduzido e adaptado” pelo autor (como costuma ser descrita a sua atuação em termos editoriais), em que Alice e demais personagens de Bowley estão presentes – embora a Biblioteca Britânica não possua nenhum volume do referido título em inglês, ilustrado pela artista, e, igualmente, seu nome não tenha sido incluso nos créditos em nenhum dos casos nas edições brasileiras. É também provável que a imagem de Alice como idealizada por Bowley tenha adquirido uma considerável repercussão no Brasil, o que se percebe na retratação da personagem por Belmonte quando de sua visita ao sítio, em *Memórias da Emília* (aqui, na primeira edição de 1936), com as feições e o figurino com que aparece na *Alice* de Lobato. As características da associação do texto com as imagens nessas publicações chamam a atenção para dois desdobramentos.

O primeiro, diz respeito à idade aparente de Alice nos desenhos, entre cinco e seis anos, que direciona o texto para a mesma faixa etária. Por seus traços delicados, que lhe conferem uma expressão de pureza e a associam até mesmo a uma boneca, a personagem insere o texto no universo pueril em que existe, conferindo-lhe qualidades similares. Quando a imagem é comparada ao nível de maturidade expresso no texto pela personagem, por exemplo, nas

---

<sup>308</sup> Resultado de minhas pesquisas, que descrevo em PEREIRA, N. M. Book Illustration as Intersemiotic Translation: The Case of *Alice in Wonderland* in Brazil. In: KENNY, D.; RYOU, K. (Eds.). *Across Boundaries: International Perspectives on Translation Studies*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007, p. 56-77.

<sup>309</sup> Cf. PEREIRA, N. M. Book Illustration as Intersemiotic Translation: The Case of *Alice in Wonderland* in Brazil. Op. cit., p. 76-77.

<sup>310</sup> Cf. <<https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=3971232>>. Acesso em 1 out. 2020.

respostas à pergunta sobre a sua identidade, no encontro com a Lagarta (“– Para falar a verdade, ignoro. Quando me levantei esta manhã, eu sabia quem era; mas durante o dia mudei tanto que não sei mais quem sou. [...] – Não posso explicar-me [...] porque, como vê, eu não sou eu mesma.”<sup>311</sup>), pode haver um conflito entre seus dois modos de apresentação. O segundo aspecto se relaciona à maneira como referentes culturais na imagem podem, igualmente, promover inconsistências entre as duas linguagens. No mesmo episódio, por exemplo, o narguilé a partir do qual a Lagarta fuma durante a conversa, que aparece na imagem de Bowley<sup>312</sup>, contrapõe-se ao texto de Lobato, em que foi substituído por um cachimbo: “Alice e o Bicho-Cabeludo entreolharam-se por alguns instantes em silêncio. Por fim, tirou ele o cachimbo da boca e perguntou-lhe em voz sonolenta: – Quem é você?”<sup>313</sup>. Posteriormente, numa reedição do texto feita pela Abril em 1972, a ilustração de Lila Figueiredo para a mesma cena apresenta a Lagarta fumando um cachimbo<sup>314</sup>. Nesse caso, no entanto, há o confronto entre o gênero masculino da personagem (mantido da língua inglesa, em que a personagem é masculina e a quem Alice se dirige como “senhor”), a imagem de uma lagarta (e sua provável identificação como feminina) e a ausência dos pelos denotados em Bicho-Cabeludo. Há, ainda, o contraste entre os desenhos na edição da Brasiliense e sua capa, em que Alice aparenta ser mais velha<sup>315</sup>.

Questões sobre a identidade e a aparência física de personagens ou sobre a introdução de referentes culturais por meio dos desenhos são comuns na intersecção dos Estudos da Tradução com os Estudos da Imagem e, no caso dos textos traduzidos e/ou adaptados por Lobato que receberam ilustrações, podem ser citadas a respeito de outras obras. Na adaptação de *Robinson Crusoe*, as ilustrações de Marguerita Bornstein, constantes na décima segunda edição, de 1972, apresentam Sexta-Feira com os traços característicos de um

---

<sup>311</sup> CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução e Adaptação de Monteiro Lobato; capa de E. Koetz; ilustrações não creditadas [A. L. Bowley]. São Paulo: Brasiliense, 1960, p. 52.

<sup>312</sup> CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Op. cit., p. 53.

<sup>313</sup> CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*. Op. cit., p. 52.

<sup>314</sup> CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas; Alice no País do Espelho*. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato; ilustrações de Lila Figueiredo. São Paulo: Abril, 1972, p. 34-35.

<sup>315</sup> Cf. CARROLL, L. *Alice no País das Maravilhas*, 1960. Op. cit.

indígena brasileiro (cabelo cortado em “tigelinha”, tanga, etc.)<sup>316</sup>. Em *Dom Quixote das Crianças* das *Obras Completas* de 1956, por sua vez, os desenhos de André Le Blanc para a história são inspirados nas ilustrações de Gustave Doré para *Don Quixote*, publicadas pela primeira vez em 1863<sup>317</sup>, não apenas com respeito às personagens, mas incluindo detalhes de cenário ou as cenas escolhidas para representação. Exemplos disso são as ilustrações de Dom Quixote chocando-se com o moinho ou de Sancho Pança sendo atirado para o alto numa “cama elástica” de cobertor, entre outras. Em *Aventuras de Tom Sawyer* (1971), com ilustrações de Alberto Naddeo, ainda, a caracterização de Huckleberry Finn não corresponde ao texto em detalhes como as roupas amplas, com rasgos e remendos, os pés descalços, o chapéu em “uma ruína”, faltando metade da aba<sup>318</sup>. Por fim, é igualmente comum nesses estudos se observar de que maneira concepções políticas, religiosas, de gênero, classe, etc., como discutidas por John Milton a respeito do texto verbal nas obras do autor<sup>319</sup>, podem se dar no nível das ilustrações.

Esses exemplos demonstram que, especialmente no âmbito das obras traduzidas, a maneira como as ilustrações são criadas é crucial nas diferentes tendências em que a obra pode incorrer em sua inserção na literatura que a recebe. Nesse caso, além dos fatores apontados acima, inerentes à natureza imagética, a ação de agentes externos – tais como as necessidades de mercado, os propósitos da edição ou a época em que são produzidas, entre outros – pode contribuir para que as ilustrações se voltem para o universo cultural do leitor ou, contrariamente, tragam a cultura estrangeira para o contexto da obra traduzida, ou, ainda, que introduzam e/ou promovam uma ideia na literatura receptora. Assim, tal como os próprios textos traduzidos, as imagens atuam na domesticação ou estrangeirização de uma obra ou em fazê-

---

<sup>316</sup> DEFOE, D. *Robinson Crusoe: Aventuras dum Naufrago Perdido numa Ilha Deserta, Publicadas em 1719*. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato; capa de Manoel Victor Filho; ilustrações de Marguerita Bornstein. 12. ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

<sup>317</sup> Cf. DORÉ, G. *Doré's Illustrations for Don Quixote: A Selection of 190 Illustrations by Gustave Doré*. New York: Dover Publications, 1982.

<sup>318</sup> Cf. TWAIN, M. *Aventuras de Tom Sawyer*. Tradução de Monteiro Lobato; ilustrações de Alberto Naddeo. São Paulo: Abril, 1971, p. 53-55; 114.

<sup>319</sup> MILTON, J. *Um País se Faz com Tradutores e Traduções: A Importância da Tradução e da Adaptação na Obra de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

la se conformar aos padrões de uma determinada corrente estética, política, etc. – que pode ou não coincidir com os direcionamentos da tradução –, de modo que, como nos casos das obras ilustradas originais do autor, duas visões da obra traduzida serão postas lado a lado. Os exemplos também delineiam possibilidades de abordagem das ilustrações literárias, em sua intrínseca ligação com o desenvolvimento da arte ilustrativa e com o próprio mosaico da história do livro no Brasil, às quais este estudo procurou somar.



## Referências

- ALBALAT, Antoine. *A arte de escrever ensinada em vinte lições*. 8. ed. Tradução da 16ª ed. francesa por Cândido de Figueiredo. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1948.
- ALBIERI, Thaís de Mattos. *São Paulo-Buenos Aires: a trajetória de Monteiro Lobato na Argentina*. 310p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2009.
- ALTMAN, Janet G. The letter book as a literary institution 1539-1789: toward a cultural history of published correspondences in France. In: *Yale French Studies*, Yale University Press-USA, n. 71, 1986. Disponível em: <<http://www.jstor.com/stable/2930021>>. Acesso em: 1 jan. 2020.
- ANDRADE, Mário de. *Vida Literária*. Pesquisa, estabelecimento de texto, introdução e notas de Sonia Sachs. São Paulo: HUCITEC/Edusp, 1993.
- Arquivo IEB-USP, Fundo Raul de Andrada e Silva, Dossiê Monteiro Lobato, docs. C1P2C9, C1P2C30 e C1P3C7.
- ATHAYDE, Tristão de. A literatura em 1920. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 66, pp. 248-253, junho de 1921.
- AULER, Paula. *El traductor como importador literario y mediador cultural en la obra de Monteiro Lobato en la Argentina*. 27p. TCC (Tradução Português). Buenos Aires: Seminario Permanente de Estudios de Traducción, 2015.
- AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. 1. ed. São Paulo: SENAC, 1997; 2. ed. São Paulo: SENAC, 1998.
- BAETENS, Jan; FREY, Hugo. *The Graphic Novel: An Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.
- BARBOSA, Francisco de Assis. Monteiro Lobato e o Direito de Sonhar. In: LOBATO, Monteiro. *Edição Fac-similar de A Menina do Narizinho Arrebitado: Livro de Figuras por Monteiro Lobato com Desenhos de Voltolino*. [São Paulo: Edição da *Revista do Brasil*, Monteiro Lobato e Cia., 1920.] São Paulo: Metal Leve, 1982, p. 45-57.
- BARROSO, Haydée Jofre. *Monteiro Lobato*. Buenos Aires: Galerna, 2000.

- BATTIBUGLI, Thaís. A Guerra Civil Espanhola e a solidariedade antifascista brasileira. In: GUTIÉRREZ, Horacio et al (Orgs.). *A Guerra Civil Espanhola e a América latina*. São Paulo: PROLAM-EPAL/USP : CEDHAL/USP : ECA-USP, Terceira Margem, 2018, p. 31-58. Disponível em: <<https://encontrodepesquisadobreaamericalatina.files.wordpress.com/2019/11/guerra-civil-espanhola.pdf>>. Acesso em: 17 set. 2020.
- BEHRENDT, Stephen C. Sibling Rivalries: Author and Artist in the Earlier Illustrated Book. *Word and Image*, Vol. 13, Pt. 1, p. 23-42, 1997.
- BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- BETELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- BEY, Essad. *A Luta pelo Petróleo*. Tr. Charley W. Frankie. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.
- BIGNOTTO, Cilza Carla. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. 421p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Figuras de Autor, Figuras de Editor: As Práticas Editoriais de Monteiro Lobato*. São Paulo: UNESP, 2018.
- BORIA, Monica. et. al. (Eds.) *Translation and Multimodality: Beyond Words*. London and New York: Routledge, 2020.
- BOTTMANN, Denise. Traduções de Monteiro Lobato. Website *Não Gosto de Plágio*. 14 jan. 2011 (atualização 17 jul. 2018). Disponível em: <<http://naogostodeplagio.blogspot.com/2011/01/traducoes-de-monteiro-lobato.html>>. Acesso em: 5 out. 2020.
- BROCA, Brito. O Monteiro Lobato que eu conheci. *Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ano 57, n. 26, 28 jun. 1958.
- CAMARGO, Luís. A Imagem na Obra Lobatiana. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís (Orgs.). *Monteiro Lobato, Livro a Livro – Obra Infantil*. 1ª. reimpressão. São Paulo: UNESP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- CAMARGOS, Marcia Mascarenhas; SACCHETTA, Vladimir. Procura-se Peter Pan. In: CARNEIRO, Maria Luíza Tucci. *Minorias Silenciadas*. São Paulo: EDUSP, 2002.
- CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: \_\_\_\_\_. *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Livros proibidos, ideias malditas: O Deops e as minorias silenciadas*. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.
- CARROLL, Lewis. *Alice no País das Maravilhas; Alice no País do Espelho*. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato; ilustrações de Lila Figueiredo. São Paulo: Abril, 1972.
- \_\_\_\_\_. *Alice no País das Maravilhas*. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato; ilustrações não creditadas [A. L. Bowley]. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1931. Disponível em: <<https://www.veranunesleiloes.com.br/peca.asp?ID=3971232>>. Acesso em: 5 out. 2020; 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Alice no País do Espelho*. Trad. e adaptação de Monteiro Lobato; ilustrações não creditadas [A. L. Bowley?]. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1973.
- CARVALHO, Daniel Alencar de. “Monteiro Lobato escreve a Getúlio Vargas: Experiência política e narrativas sobre o petróleo no Brasil (1930-41)”. *Anais do Encontro Regional Nordeste de História Oral, Ficção e Poder: Qualidade, Imagem e Escrita*. Universidade Federal de Ceará, Fortaleza, 9-12 de maio de 2017. Disponível em: <[http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1493768366\\_ARQUIVO\\_ARTIGODANIELEHON.pdf](http://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1493768366_ARQUIVO_ARTIGODANIELEHON.pdf)>. Acesso em: 1 out. 2020.
- CAVALHEIRO, Edgard. Correio literário de São Paulo. *Revista do Globo*, Porto Alegre, 21 out. 1944, p. 8 e 16.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: Vida e obra*. 2. t. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1955; 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- \_\_\_\_\_. Prefácio. In: LOBATO, Monteiro. *Cartas escolhidas*. 3. ed. Tomo I. São Paulo: Brasiliense, 1964. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16).
- CEDAE-UNICAMP. Fundo Monteiro Lobato, BL-Ms00003.
- CHIARADIA, Kátia, “O poço do Visconde: o faz de conta quase de verdade”. In: LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João. (Orgs.). *Monteiro Lobato, livro a livro. Obra infantil*. São Paulo: UNESP, 2009.
- COBELO, Sílvia, trad. BENEDETTO, Julieta. *Saci Sarará*. Buenos Aires: Risco, 2019. Disponível em: <<https://riscoeditoras.hotglue.me/>>. Acesso em: 20 set. 2020.
- COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas*. São Paulo: Ática, 1991.

- COELHO, Nelly Novaes. *Panorama histórico da literatura infantil / juvenil*. São Paulo: Ática, 1991.
- COHN, Gabriel. *Petróleo e nacionalismo*. São Paulo: Difel, 1968.
- D'ONOFRIO, Silvio C. Tamaso. *Fontes para uma biografia intelectual de Edgard Cavalheiro (1911-1958)*. 394p. Dissertação (Mestrado em Estudos Brasileiros) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.
- DEFOE, D. *Robinson Crusoe: Aventuras dum Náufrago Perdido numa Ilha Deserta, Publicadas em 1719*. 12. ed. Tradução e adaptação de Monteiro Lobato; capa de Manoel Victor Filho; ilustrações de Marguerita Bornstein. São Paulo: Brasiliense, 1972.
- DOMINGUES, Heloisa Maria B.; SÁ, Magali R. “Controvérsias evolucionistas no Brasil do Século XIX”. In: Domingues, H., Sá, M.; Glick, T. (Orgs.). *A recepção do Darwinismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.
- DORÉ, Gustave. *Doré's Illustrations for Don Quixote: A Selection of 190 Illustrations by Gustave Doré*. New York: Dover Publications, 1982.
- FRANÇA, Júlio; SILVA, Daniel A. P. Volúpias da estesia: a prosa de ficção decadente de Raul de Polillo. *Revista Todas as Musas*, São Paulo, a. 9, n. 1. jul.-dez. 2017.
- GANNON, Susan R. The Illustrator as Interpreter: N. C. Wyeth's Illustrations for the Adventure Novels of Robert Louis Stevenson. *Children's Literature*, Vol. 19, p. 90-106, 1991.
- GARCÍA, Amelia Beatriz. Libros de lectura del periodo peronista: la construcción de la imagen de la Patagonia. *Historia Caribe* 5, Barranquilla-CO, n. 15, p. 31-45, 2009. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/3180513.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.
- \_\_\_\_\_. *Abstract Crossings: Cultural Exchange between Argentina and Brazil*. Berkley-USA: University of California Press, 2019.
- GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. Trad. Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.
- GOMES, Yaynha Pereira. *Colcha de retalhos: Páginas de impressionismo*. São Paulo: Hélios, 1926.
- \_\_\_\_\_. *Exilada do tempo: Poesia*. São Paulo: Fulgor, 1963.

- \_\_\_\_\_. *Folhas que caem: Versos*. São Paulo: Casa Mayença, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Páginas de sonho: Poesia*. Ilustrações de Aplecina do Carmo. São Paulo: Typographia São Luiz, 1920.
- \_\_\_\_\_. *Quinze Noites: Contos*. São Paulo: Cia Gráfica-Editora Monteiro Lobato, 1924.
- GRANATA, María. Entrevista inédita fornecida a René Longoni e Delia García. 5 nov. 2010.
- HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T. A. Queiroz; Edusp, 1985.
- HEMEROTECA DIGITAL [website]. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro. Disponível em: <bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital>. Acesso em: 18 set. 2020.
- HODNETT, Edward. *Image and Text: Studies in the Illustration of English Literature*. Aldershot: Scolar Press, 1982.
- HUNT, Peter. *An Introduction to Children's Literature*. Oxford: Oxford University Press, 1994.
- KIPLING, Rudyard. "Se". Tradução de Guilherme de Almeida. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 5 maio 2007. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u92310.shtml>>. Acesso em: 1 fev. 2018.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LAJOLO, Marisa. A modernidade em Monteiro Lobato. In: ZILBERMAN, R. (Org.). *Atualidade de Monteiro Lobato: uma revisão crítica*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro*. Obra adulta. São Paulo: UNESP, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Monteiro Lobato: Um Brasileiro Sob Medida*. São Paulo: Moderna, 2000.
- LANDOLFI, Héctor. Entrevista inédita. São Paulo, 4 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. Monteiro Lobato: literatura, petróleo y política. *Diário Rio Negro*, General Roca-AR, 7 jun. 2013. Disponível em: <[https://www.rionegro.com.ar/monteiro-lobato-literatura-petroleo-y-polit-NRRN\\_1180241](https://www.rionegro.com.ar/monteiro-lobato-literatura-petroleo-y-polit-NRRN_1180241)>. Acesso em: 20 set. 2020.
- LEJEUNE, Philippe. A quem pertence uma carta? In: NORONHA, Jovita M. G. (Org.). *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet / Philippe Lejeune*. Trad. J. M. G. Noronha e M. Inês. C. Guedes. Belo Horizonte: UFMG, 2008, p. 251-254.

- LIMA, Nísia; HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela raça, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitário da Primeira República”. In: MAIO, Marcos C.; SANTOS, Ricardo V. (Orgs.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1996.
- LIMA, Yone Soares de. *A Ilustração na Produção Literária: São Paulo – Década de Vinte*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros (IEB/USP), 1985.
- LIVROS & REVISTAS. *Jornal do Comércio*, Manaus, a. XXII, n. 7492, p. 01, 28 fev. 1925. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/170054\\_01/32797](http://memoria.bn.br/DocReader/170054_01/32797)>. Acesso em: 16 set. 2020.
- LIVROS chegados nesta semana. *O Brasil: Orgam republicano*, Caxias-RS, a. XV, n. 28, p. 1, 29 jul. 1922. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/161969/2160>>. Acesso em: 16 set. 2020.
- LOBATO, Monteiro. (1939). *O Minotauro: Maravilhosas Aventuras dos Netos de Dona Benta na Grécia Antiga*. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- \_\_\_\_\_. *A barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência literária entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 2 t. 1. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944; 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957; São Paulo: Brasiliense, 1959a; 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964.
- \_\_\_\_\_. *A Caçada da Onça*. Ilustrações de Kurt Wiese. São Paulo: Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato, 1924.
- \_\_\_\_\_. *A Cara de Coruja*. Ilustrações de Nino Borges. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1928.
- \_\_\_\_\_. *A Chave do Tamanho*. Ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1947; 42. ed. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- \_\_\_\_\_. *A Menina do Narizinho Arrebitado: Livro de Figuras por Monteiro Lobato com Desenhos de Voltolino*. Ensaio “Monteiro Lobato e o Direito de Sonhar” de Francisco de Assis Barbosa. Edição fac-similar da 1. ed. [São Paulo: *Revista do Brasil*; Monteiro Lobato & Cia., 1920.] São Paulo: Metal Leve, 1982.
- \_\_\_\_\_. A poesia de Ricardo Gonçalves. In: *Revista do Brasil*, ano I, vol. III, setembro a dezembro de 1916.
- \_\_\_\_\_. *América*. São Paulo: Globo, 2009.

- \_\_\_\_\_. *As Caçadas de Pedrinho*. Ilustrações de J. U. Campos. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1944.
- \_\_\_\_\_. *Aventuras de Hans Staden*. Ilustrações de Kurt Wiese. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1927.
- \_\_\_\_\_. *Caçadas de Pedrinho; O Saci; Memórias da Emília*. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1970.
- \_\_\_\_\_. Carta de Monteiro Lobato a Getúlio Vargas criticando a visão unilateral dos nacionalistas em relação à entrada de capitais estrangeiros no país e defendendo a necessidade de uma Revolução Econômica. GV c 1935.02.15. Disponível em: <<https://www.docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=CorrespGV2&pasta=GV%20c%201935.02.15>>. Acesso em: 15 dez. 2019.
- \_\_\_\_\_. Carta inédita a Godofredo Rangel depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00198 cx4).
- \_\_\_\_\_. Carta inédita a Karan depositada no Fundo Monteiro Lobato do CEDAE-IEL/UNICAMP (MLb 3.1.00196 cx4).
- \_\_\_\_\_. *Cartas escolhidas*. 3. ed. 2. t. São Paulo: Brasiliense, 1964. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 16 e 17).
- \_\_\_\_\_. Correspondência inédita para Yaynha Pereira Gomes. Várias. Acervo Sandra Venturi.
- \_\_\_\_\_. *D. Quixote das Crianças*. Contada por Dona Benta; ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense: 1956; 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966; [s/n] São Paulo: Globo, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Don Quijote de los Niños*. Trad. B. Garay. Buenos Aires: Claridad, 1938.
- \_\_\_\_\_. *Fábulas de Narizinho*. Ilustrações de Voltolino. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921.
- \_\_\_\_\_. *Fábulas*. Ilustrações de Voltolino. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1922; 27. ed. Ilustrações de Manoel Victor Filho. São Paulo: Brasiliense, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Geografia de Dona Benta*. Capa de Augustus; ilustrações internas de André Le Blanc. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1949.

- \_\_\_\_\_. *Jeca Tatuzinho*. Ilustrações de Kurt Wiese. São Paulo: Companhia Gráfico-Editora Monteiro Lobato, 1924.
- \_\_\_\_\_. *Literatura do Minarete*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1964. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 14).
- \_\_\_\_\_. *Memórias da Emília*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Memórias da Emília*. Ilustrações de Belmonte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936.
- \_\_\_\_\_. *Memórias da Emília e Peter Pan*. São Paulo: Brasiliense, 1952.
- \_\_\_\_\_. *Mundo da lua e miscelânea*. São Paulo: Brasiliense, 1959c.
- \_\_\_\_\_. *Na antevéspera*. São Paulo: Globo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Narizinho Arrebitado: Segundo Livro de Leitura para Uso das Escolas Primárias*. Desenhos de Voltolino. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921.
- \_\_\_\_\_. *O escândalo do petróleo e ferro*. São Paulo: Brasiliense, 1936.
- \_\_\_\_\_. *O escândalo do petróleo e Georgismo e comunismo*. São Paulo: Globo, 2011. [O escândalo do petróleo, 1. ed. 1936; Georgismo e comunismo, 1. ed. 1948]. EL.
- \_\_\_\_\_. *O Minotauro*. Capa de Augustus; ilustrações internas de André Le Blanc. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- \_\_\_\_\_. *O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza*. Tomo XII. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- \_\_\_\_\_. *O Picapau Amarelo*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- \_\_\_\_\_. *O Poço do Visconde*. Ilustrações de Belmonte. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1937.
- \_\_\_\_\_. *Prefácios e Entrevistas*. São Paulo: Brasiliense, 1959b; São Paulo: Brasiliense, 1961. (Obras Completas de Monteiro Lobato, 13).
- \_\_\_\_\_. *O Sacy Perêrê: Resultado de um inquérito*. São Paulo: Globo, 2008.
- \_\_\_\_\_. *O Sacy*. Desenhos de Voltolino. São Paulo: Monteiro Lobato & Cia., 1921.

- \_\_\_\_\_. *Obras Completas de Monteiro Lobato*. Ilustrações de André Le Blanc. 2ª. Série, Literatura Infantil. 17 volumes. São Paulo: Brasiliense, 1956.
- \_\_\_\_\_. *Obras completas*. Primeira Série, Literatura Geral, 13 vol.; Segunda Série, Literatura Infantil, 17 vol. São Paulo: Brasiliense, 1958.
- \_\_\_\_\_. *Peter Pan: a história que não queria crescer, contada por Dona Benta*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935; 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966.
- \_\_\_\_\_. *Reinações de Narizinho*. 14. ed. São Paulo: Brasiliense, 1966; 23. ed. Ilustrações de Paulo Ernesto Nesti. São Paulo: Brasiliense, 1970; [s/n] Ilustrações de Lole. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2019.
- \_\_\_\_\_. *Serões de Dona Benta*. Capa de Augustus, ilustrações internas de André Le Blanc. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1960.
- \_\_\_\_\_. *Peter Pan (1930)*. Trad. J. M. Barrie. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Viagem ao Céu e O Saci*. Ilustrações de André Le Blanc. São Paulo: Brasiliense, 1947.
- \_\_\_\_\_. *Viagem ao Céu*. Ilustrações de Jean G. Villin. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934; 6. ed. Ilustrações de J. U. Campos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1945.
- LONGONI, René. Ramón Prieto 1902 – 1985. *3º Congreso de Estudios sobre el Peronismo (1943-2012)*. Buenos Aires, p. 1-22, 2012. Disponível em: <<http://redesperonismo.org/wpcontent/uploads/2019/03/053.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2020.
- LUCA, Tania Regina de. Monteiro Lobato: Estratégias de poder e autor representação n'A *barca de Gleyre*. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de Si, Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 139-162.
- MACHADO, Regina M. A. Une pédagogie critique chez Lobato. *Cahiers du Crepal*, Paris, p. 155-167, n. 11, dez. 2004.
- MAGALHÃES, Gildo, Evolution in the Backlands. In: JONES, Jeannette Eileen; SHARP, Patrick (Eds.). *Darwin in Atlantic Cultures. Evolutionary visions of race, gender and sexuality*. London-New York: Routledge, 2010.
- MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

- MARTINS, Milena Ribeiro. Censura na América. In: XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada. *Anais do XII Congresso Internacional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 2011, p. 1-10. Disponível em: <<http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0130-1.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2020.
- \_\_\_\_\_. O Brasil na América: imagens do Brasil e dos Estados Unidos na obra de Monteiro Lobato. *Revista de Literatura Brasileira / A Journal of Brazilian Literature*, Porto Alegre/ Providence-USA, v. 37, p. 59-71, 2008.
- \_\_\_\_\_. O livro brasileiro nos anos 1920: aspectos gráficos e atuação dos escritores. *O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira – Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 29, p. 218-236, 2020.
- MELLO, Neide Moraes de. *Intelectuais na Vida Pública: Mário de Andrade e Monteiro Lobato*. 160p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: DIF, 1979.
- MILTON, John; BANDIA, Paul (Eds.). *Agents of translation*. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- MILTON, John. *Um País se Faz com Tradutores e Traduções: A Importância da Tradução e da Adaptação na Obra de Monteiro Lobato*. São Paulo: Martins Fontes, 2019.
- Morreu Monteiro Lobato, o criador do Jeca e da Menina do Narizinho Arrebitado. *Folha da Manhã*, São Paulo, ano 25, n. 7441, p. 4, 6 jul. 1948.
- NODELMAN, Perry. *Words About Pictures: The Narrative Art of Children's Picture Books*. Athens and London: The University of Georgia Press, 1988.
- NUNES, Cassiano. *Cartas de Monteiro Lobato a uma senhora amiga*. São Paulo: Imprensa Copidart, 1983.
- \_\_\_\_\_. (Org.) *Monteiro Lobato vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.

- PEREIRA, Nilce M. Book Illustration as Intersemiotic Translation: The Case of *Alice in Wonderland* in Brazil. In: KENNY, Dorothy; RYOU, K. (Eds.) *Across Boundaries: International Perspectives on Translation Studies*. Newcastle: Cambridge Scholars Publishing, 2007, p. 56-77.
- PEYERL, Drielli. *O petróleo no Brasil. Exploração, capacitação técnica e ensino de geociências, 1864-1968*. São Bernardo do Campo: UFABC, 2017.
- PINEDO, Jorge. Niños en el Tiempo. *Página 12*, Buenos Aires, 20 jun. 2010. Disponível em: <<https://www.pagina12.com.ar/imprimir/diario/suplementos/libros/10-3886-2010-06-20.html>>. Acesso em: 20 set. 2020.
- PITKIN, Walter. *A Short Introduction to the History of Human Stupidity*. NY: Simon & Schuster, 1932.
- PRADO, Amaya Obata Mourião de Almeida. *O inquérito sobre o Saci: no jornal e no livro, o trabalho de edição de Monteiro Lobato*. 250p. Tese. Universidade Presbiteriana Mackenzie. São Paulo, 2016.
- PRESTES, Anita Leocádia. *Luiz Carlos Prestes: Um comunista brasileiro*. São Paulo: Boitempo, 2017.
- QUINZE Noites – Yaynha Pereira Gomes – Cia. Graphico Editora Monteiro Lobato – S. Paulo – 1924. *Revista do Brasil*, São Paulo, n. 107, p. 34-35, nov. 1924.
- RAMOS, Paulo. *Revolução do Gibi: A Nova Cara dos Quadrinhos no Brasil*. São Paulo: Devir, 2012.
- RIBEIRO, Maria Paula Gurgel. *Monteiro Lobato e a Argentina: mediações culturais*. 242p. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2008.
- SANT'ANA, Affonso Romano de. *Paródia, Paráfrase e Companhia*. São Paulo: Ática, 1985.
- SANTANA, Vanete Dutra. *Lobato e os carrascos civilizados – a construção da brasilidade via reescritura de Warhaftige Historia, de Hans Staden*. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- SCHWARCZ, Joseph H. *Ways of the Illustrator: Visual Communication in Children's Literature*. Chicago: American Library Association, 1982.

- SERMAN, Carlos. *Análise dos aspectos críticos em processos de concessão de rodovias*. 273p. Tese (Doutorado em Ciências em Engenharia de Transportes) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu Extático na Metrópole: São Paulo – Sociedade e Cultura nos Frementes Anos Vinte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- SHILLIAM, Robbie. Modernity and Modernization. In: Robert A. Denemark (Ed.). *The International Studies Encyclopedia - Vol. VIII*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 5214-5232.
- SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: Una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Editorial Libros Del Zorzal, 2003.
- STAFFE, Baronne. *La correspondance dans toutes les circonstances de la vie*. Édition revue, corrigée et augmentée. Paris: Ernest Flammarion, 1899.
- STEPAN, Nancy. *A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.
- SÜSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo de Letras: Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SWIDERSKI, Graciela. *Biblioteca de Juan D. Perón: Bibliografía sobre el peronismo*. Buenos Aires: Archivo General de La Nación, 1997.
- THOREAU, Henry David. *Walden*. Trad. D. Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2010.
- TIN, Emerson. *Em busca do “Lobato das cartas”: a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. 548p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2007.
- TRAVASSOS, Nelson Palma. *Minhas memórias dos Monteiros Lobatos*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1974.
- TWAIN, Mark. *Aventuras de Tom Sawyer*. Tradução de Monteiro Lobato; ilustrações de Alberto Naddeo. São Paulo: Abril, 1971.
- VALENTE, Thiago Alves. *Monteiro Lobato nas páginas do jornal: um estudo dos artigos publicados em O Estado de S. Paulo (1913-1923)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010.

- VENTURI, Maslowa Gomes. Teoria da Distância. *Roteiro: Quinzenário de Cultura*, São Paulo, n. 6, 20 jul. 1939 (Arquivo Edgard Leuenroth, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas).
- VIANNA, Aurélio; FRAIZ, Priscila (Orgs.). *Conversa entre amigos: correspondência escolhida entre Anísio Teixeira e Monteiro Lobato*. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia/Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1986.
- VIEIRA, Adriana Silene. “*Viagens de Gulliver ao Brasil*” – *Estudo das adaptações de Gulliver’s Travels por Carlos Jansen e por Monteiro Lobato*. 229p. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas-SP, 2004.

